



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO**

THOMAS JOAZ GONÇALVES CABRAL

**AMOR RUALIZADO: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM  
PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Recife  
2025

THOMAS JOAZ GONÇALVES CABRAL

**AMOR RUALIZADO: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM  
PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia

**Orientadora:** Prof. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos.

Recife  
2025

**FOLHA DA BANCA (NOMES E CAMPOS PARA ASSINATURAS)**

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Cabral, Thomas Joaz Goncalves.  
Amor rualizado: um estudo em representações sociais com pessoas em situação de rua / Thomas Joaz Goncalves Cabral. - Recife, 2025.  
128f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.  
Orientação: Maria de Fátima de Souza Santos.

1. População em situação de rua; 2. Representações sociais; 3. Amor. I. Santos, Maria de Fátima de Souza. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria possível sem a coletividade que me cerca e me constitui. Entendi a noção da pesquisa em coletivo pela professora e orientadora Fátima Santos, que com sua maneira de falar serena e sábia, falava das mil e uma mãos que constroem uma pesquisa. Registro, aqui, o nome das pessoas que foram essenciais na tessitura da minha pesquisa de mestrado. Na raiz de todo o meu processo formativo, agradeço ao meu pai e minha mãe, Joaz e Dilma. Ambos não mediram esforços para a minha formação. Se hoje estou na academia e contribuindo para a ciência, devo reconhecimento a eles. Minha mãe sempre me cercou de livros, caligrafias e histórias, o que me despertou o interesse por outros mundos, pela imaginação e pela inventividade, características que considero importantes para um pesquisador. Também agradeço a minha avó, Gilvete, extremamente presente na minha vida desde a primeira idade até os dias de hoje. Com ela, vivenciei e aprendi a radicalidade do afeto e do cuidado, o que me tornou um ser humano mais sensível. Agradeço e reconheço a permanência de Isabela, minha amiga, ao meu lado e todo o seu acolhimento no meus momentos de angústias e preocupações com a elaboração desse estudo, mas muito além disso. Agradeço a Fátima Santos, professora e orientadora desta pesquisa que permaneceu na minha orientação mesmo com uma reviravolta da temática. Curiosa e disposta a caminhar por novas trilhas, me incentivou a mergulhar na pesquisa. Agradeço aos amigos e amigas da turma de mestrado, em especial a Eri, Shay e Gaby, um trio fundamental que naturalmente se formou desde os primeiros dias de aula do mestrado e seguiram presentes mesmo que distantes fisicamente. Com ele e elas ampliei horizontes, apaziguei inquietações e reenergizei a caminhada acadêmica. Agradecimentos mil a Jade, colega da turma do mestrado, que foi tão presente, cuidadosa, acolhedora a aconselhadora nos momentos difíceis da minha relação com a pesquisa. Amiga, você foi uma peça fundamental dessa dissertação, responsável por oxigenar e potencializar as minhas ideias e valorizar a maneira que eu desenhei a dissertação. Ao Coletivo Ori GEPCOL (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas da Universidade Federal de Pernambuco), todo o meu respeito, admiração e agradecimento. Coletivo que sob a coordenação da professora Jaileila de Araújo Menezes me acolheu com o intuito de socializar e discutir as pesquisas e seus atravessamentos. A partir da perspectiva feminista e decolonial que embasa o coletivo, transmutei o meu olhar para o mundo e para a pesquisa acadêmica. Foi nesse grupo, composto por tantas pessoas especiais e potentes, que reorganizei as minhas ideias, pensei em outros rumos e passei a me enxergar na minha pesquisa. Cada encontro foi uma descoberta, um toque no coração e um acalanto em

meios às águas por vezes turbulentas e turvas da pós-graduação. Jaileila, é muito especial e a ciência é elevada com a sua presença doce, sensível e cientificamente poética. A NUMA, amiga, meus agradecimentos. Além de toda companhia, foi responsável por um dos momentos mais bonitos dessa pesquisa e que ficou eternizado em um muro: uma vivência de grafite com os participantes da pesquisa. Sem você, amiga, a arte dessa pesquisa não seria tão colorida e forte. Por fim, agradeço a minha equipe de trabalho pela força e encorajamento nesse processo.

## RESUMO

Uma aproximação ao contexto de vida de pessoas em situação de rua requer um olhar cuidadoso e que considere a dimensão subjetiva desses sujeitos, não os reduzindo a demandas materiais. Além disso, é necessário a ampliação dos nossos olhares e escutas para as potências dessas pessoas, abrindo frestas para a ressignificação do repertório que encerra as pessoas em situação de rua à fome, ao uso de substâncias psicoativas e ao crime. Assim, o presente trabalho destaca a afetividade, especificamente o amor, como um elemento que atravessa e compõe a experiência nas ruas. Busco responder a seguinte questão: quais as representações sociais do amor para pessoas em situação de rua? Para tanto, o objetivo desta dissertação é analisar tais representações nas dinâmicas relacionais no contexto das ruas. A Teoria das Representações Sociais é o campo teórico que circula a questão posta, facilitando a compreensão de como as dimensões do amor para esses sujeitos se apresentam no cotidiano e na forma de interpretar o mundo. Para tanto, como percurso metodológico para acessar as representações sociais do amor, foi proposto o círculo de cultura. Nessa perspectiva de organização grupal, foram realizados três momentos distintos e complementares abrangendo 14 participantes. A análise do material colhido nos encontros foi organizada e analisada a partir da Análise de Conteúdo Temática. Os resultados deste estudo apontam que os sentidos do amor compartilhados entre as pessoas em situação de rua são forjados no senso de coletividade, no ato político e revolucionário, no desejo de justiça social, no cuidado de si e do outro e na dimensão afetiva-sexual e na comunhão eu-natureza.

Palavras-chave: população em situação de rua; representações sociais; amor;

## ABSTRACT

An approach to the context of life of homeless people requires a careful look that considers the subjective dimension of these subjects, not reducing them to material demands. In addition, it is necessary to broaden our perspectives and listen to the strengths of these people, opening up gaps for the resignification of the repertoire that confines homeless people to hunger, the use of psychoactive substances and crime. Thus, this research highlights affection, specifically love, as an element that permeates and composes the experience on the streets. This research seeks to answer the following question: what are the social representations of love for homeless people? To this end, the objective of this dissertation is to analyze such representations in relational dynamics in the context of the streets. The Theory of Social Representations is the theoretical field that surrounds the question posed, facilitating the understanding of how the dimensions of love for these subjects present themselves in their daily lives and in the way they interpret the world. To this end, the culture circle was proposed as a methodological path to access the social representations of love. From this perspective of group organization, three distinct and complementary moments were held, involving 14 participants. The analysis of the material collected in the meetings was organized and analyzed based on Thematic Content Analysis. The results of this study indicate that the meanings of love shared among homeless people are forged in the sense of collectivity, in political and revolutionary acts, in the desire for social justice, in caring for oneself and others, and in the affective-sexual dimension and in communion with nature.

Keywords: homeless population; social representations; love.

## Lista de Ilustrações

Imagen 1	Cartaz “A esperança se renova a cada amanhecer”	p. 17
Imagen 2	Carta natalina	p. 19
Imagen 3	Desenho de Josélia	p. 74
Imagen 4	Desenho de Rodrigo	p. 75
Imagen 5	Desenho de Miriam	p. 76
Imagen 6	Desenho de Alexandre: “ <i>Alexandre no seu paraíso</i> ”	p. 77
Imagen 7	Desenho de Sofia	p. 78
Imagen 8	Desenho de Nathanael	p. 79
Imagen 9	Desenho de José	p. 87
Imagen 10	Desenho de Edson	p. 88
Imagen 11	Desenho de Pedro	p. 89
Imagen 12	Esboço inicial para a grafitagem do “Muro do Amor”	p. 96
Imagen 13	Desenho de Josélia	p. 97
Imagen 14	Desenho de Bruno	p. 98
Imagen 15	Desenho de Lamartine	p. 99
Imagen 16	Desenho de Caio	p. 100
Imagen 17	Participantes desenhando um grupo	p. 101
Imagen 18	Aula de Introdução ao Grafite com a multiartista Numa Desses	p. 102
Imagen 19	Grafite “Muro do Amor”	p. 103

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

**PSR** - População em Situação de Rua;

**CENTRO POP** - Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua;

**SUAS** - Sistema Único de Assistência Social;

**MNPR/PE** - Movimento Nacional da População em Situação de Rua de Pernambuco;

**MNPR** - Movimento Nacional da População em Situação de Rua;

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

**TRS** - Teoria das Representações Sociais;

**PT** - Partido dos Trabalhadores;

**MDHC** - Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania;

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos;

**CMAS** - Conselho Municipal de Assistência Social;

**CAPS AD** - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas;

**NFTs** - Tokens Não Fungíveis;

**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco.

### **Lista de Quadros**

Quadro 1	PRIMEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SOBRE O AMOR	p. 41
Quadro 2	SEGUNDO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: DISCUSSÃO DA PALAVRA GERADORA “AMOR”	p. 41-42
Quadro 3	TERCEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: CRIAÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIOLOGICAS ACERCA DO AMOR	p. 42
Quadro 4	ARRUANDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR NAS RUAS DO RECIFE: TOPOGRAFIA DA AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA VIDA DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	p. 51-52

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: A FÚRIA DA BELEZA DA AMOROSIDADE.....</b>	<b>13</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>21</b>
2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	21
2.2. A AFETIVIDADE.....	27
2.3. AMOR: UMA AÇÃO COLETIVA E POLÍTICA.....	29
2.4. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR).....	32
2.5. A DIMENSÃO DO SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E A INSISTÊNCIA NA VIDA.....	36
<b>3. OBJETIVOS E MÉTODO.....</b>	<b>39</b>
3.1 OBJETIVOS.....	39
3.1.1 Objetivo Geral.....	39
3.1.2 Objetivos Específicos.....	39
3.2 CAMINHO METODOLÓGICO: UMA APROXIMAÇÃO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	39
3.3 CÍRCULO DE CULTURA: CIRCULANDO SABERES.....	39
3.4 ORGANIZAÇÃO E ESTUDO DOS DADOS.....	44
3.5 APRESENTAÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES DO CÍRCULO DE CULTURA - PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIRO MOMENTOS.....	45
3.5.1 DESCRIÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES.....	45
3.5.2 PRIMEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SOBRE O AMOR.....	49
3.5.3 SEGUNDO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: DISCUSSÃO DA PALAVRA GERADORA “AMOR”.....	49
3.5.4 TERCEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: CRIAÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIOLOGICAS ACERCA DO AMOR.....	50
<b>4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>51</b>
4.1. ARRUANDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR NAS RUAS DO RECIFE: TOPOGRAFIA DA AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA VIDA DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	51
4.2. IMAGINANDO FATOS REAIS.....	79
4.3 O MURO DO AMOR: A REINVENÇÃO.....	92
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>108</b>
ANEXO A - TCLE.....	114
ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA.....	117
ANEXO C - PARECER DE APROVAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	118

## APRESENTAÇÃO: A FÚRIA DA BELEZA DA AMOROSIDADE

Qual a gramática existencial possível para a População em Situação de Rua (PSR)? Quais as nomeações são possíveis a essas pessoas? Quais as palavras e práticas que pensamos circular entre essas pessoas nas ruas? Seria o *Amor* uma palavra e uma prática que figuram entre as marquises, os papelões e as calçadas? Essas questões flutuarão conosco no decorrer dessa leitura, de mãos dadas com as outras faces das ruas que essa pesquisa apresentará.

Pensar os sentidos da amorosidade junto à PSR reflete o lugar de potência presente nessas vidas além da luta pela sobrevivência, que é uma leitura comumente feita sobre essas pessoas e que as encerram em corpos com necessidades biológicas, minando as complexidades características desses sujeitos.

Refletir sobre a PSR requer uma inclinação cuidadosa e sensível, indo além de um olhar massificador e universalizante. Caso contrário, incorremos nos imperativos sociais que permeiam essa população, individualizando-os e responsabilizando-os por sua condição circunstancial, tornando periférica as estruturas sociais que circulam tal fenômeno.

Alguns elementos contribuíram para a construção desta pesquisa, os quais serão apontados mais adiante. Por hora, sublinho a minha atuação enquanto profissional de psicologia com as PSR como primeiro e importante passo para as indagações iniciais que mobilizaram este estudo.

No Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória localizado no centro da cidade do Recife, sou constantemente levado a ressignificar o papel dessa profissão como projeto de cuidado ético-político e corresponsabilizar as estruturas sociais que nos cercam como contextos significativos na existência, manutenção e condições dessas vidas em vulnerabilidade extrema.

A prática profissional junto às PSR me convidou a refletir sobre as formas de atuação com esse grupo e a inclinação ao cuidado a essas pessoas, tendo em vista que suas formas de vida precarizadas pela condição de situação de rua não encontram eco no modelo tradicional da psicologia em seus atendimentos sistemáticos, *setting* terapêuticos, contrato terapêutico e afins.

É nesse conflito de ideias, contornado com a angústia de um profissional em busca de uma prática consoante à realidade de seu público, que o vínculo emerge como uma importante ferramenta de trabalho. O vínculo como uma relação afetiva que facilita o processo junto às

pessoas em situação de rua vai ocupando um lugar cada vez mais importante na minha prática profissional, delineando o que apresento como proposta de pesquisa neste trabalho.

Além disso, as escutas e as convivências com as pessoas em situação de rua me levaram a refletir sobre as relações afetivas e amorosas que essas pessoas estabeleciam entre si, deslocando a leitura e ampliando a questão para além da relação profissional. É nesse alargamento de leitura e percepção que reflito sobre os laços afetivos e a amorosidade entre as pessoas em situação de rua como movimentos de saúde em uma condição de vida de extrema vulnerabilidade.

É movido por essas questões que aposto em uma aproximação científica a essas pessoas por um caminho pouco comum se observado o histórico de investigações científicas junto a esses sujeitos: o amor.

Com isso, proponho fazer eco às relações amorosas - além da dimensão afetiva e sexual, como será discutido posteriormente -, que enlaçam as PSR, inscrevendo que em um contexto de violação de direitos, sofrimentos e violências das mais variadas naturezas, existem sujeitos que estabelecem vínculos afetivos e amorosos e não estão ocupados apenas em sobreviver, apontando para a complexidade e multiplicidade das vidas dessas pessoas, contrastando com movimentos e imperativos sociais que atuam na massificação, simplificação e apagamento dessas vidas.

Desejo que esta pesquisa inscreva novas formas de olhar, além de ver, as pessoas em situação de rua. Que a amorosidade e as suas manifestações entre as PSR sejam catalisadoras para desafiar e reescrever os imaginários sociais que violentam e aprisionam essas vidas. Que essa escrita possa bagunçar a gramática que só confere palavras e possibilidades que despotencializam e mortificam a vida da PSR.

Que a amorosidade, como a fúria da beleza do sol que invade a cela, como canta Emicida em AmarElo, inunde o imaginário que encarcera e desencanta vidas em extrema vulnerabilidade e reflorete o olhar e as relações com as pessoas em situação de rua.

Que a Psicologia, assim como o amor, se sujem um pouco (Favero, 2022). Que saiam de suas cenas privadas e ocupem as ruas, as calçadas, as marquises, os papelões. Que a Psicologia e o amor desatem as amarras da domesticação e possam se transmutar com a luta pela justiça social e uma sociedade menos desigual.

Boa leitura.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa origina-se da minha prática profissional como Analista de Direitos Humanos e Assistência Social - Psicólogo, vinculado à Prefeitura da Cidade do Recife, atuando junto ao Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória. Este equipamento, no contexto da Política Nacional de Assistência Social e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), configura-se como um espaço de convivência, fortalecimento de vínculo e desenvolvimento de projetos de vida facilitados por profissionais dedicados às pessoas adultas que se encontram em situação de rua (Brasil, 2011).

O Centro Pop Glória conta, na data deste estudo, com um corpo de profissionais organizado da seguinte forma: uma coordenadora, sete Analistas em Assistência Social e Direitos Humanos (assistentes sociais, psicólogos(as) e terapeuta ocupacional), dois assistentes administrativos, seis cuidadores sociais, um porteiro e dois auxiliares de serviços gerais. O horário de funcionamento é das 8h da manhã às 17h da tarde.

Neste serviço, são oferecidas diversas atividades, como a refeição do café da manhã, a guarda de documentos e medicamentos, atendimentos individuais e em grupo, encaminhamentos e articulação com a rede socioassistencial e de saúde, oficinas, ligações telefônicas, banho, lavagem de roupa, biblioteca e sala de TV. Por dia, em média noventa pessoas circulam no serviço para acessar os serviços descritos acima, sendo o banho e a documentação as mais rotativas e de fluxo livre.

As escutas e a convivência junto à População em Situação de Rua (PSR) me causaram angústias, deslocamentos, inquietações e reflexões, mobilizando o meu desejo a pesquisar e mergulhar neste fenômeno que cotidianamente pedia um olhar e uma escuta singulares e sensíveis. As manifestações subjetivas dessas pessoas intimamente atravessadas pela extrema vulnerabilidade, pobreza extrema e as diversas violências e violações presentes em suas vidas me afetaram e provocaram o meu olhar às relações construídas entre esses sujeitos.

As possibilidades da atuação da Psicologia com essa população também mobilizam este estudo, no sentido de questionar-me como o meu saber poderia acompanhar a complexidade do fenômeno da PRS.

O compromisso social da psicologia enquanto atenção dirigida às práticas que

viabilizem a transformação dos contextos de opressão, violência e exclusão das populações e a emancipação dos sujeitos é um aspecto importante nesta pesquisa, pois lançou o meu olhar para as potencialidades dos sujeitos mesmo inseridos em um contexto de violência e vulnerabilidade extrema.

Nesse sentido, Yamamoto (2007), relembra que a noção de compromisso social está além da inserção de profissionais de psicologia em campos de atuação outrora esvaziados, devendo refletir a prática profissional junto às populações vulnerabilizadas

A compreensão do sofrimento ético-político que diz respeito ao sofrimento causado pela exclusão social (Sawaia, 2014) também é um aspecto teórico que jogou luz às névoas que pairavam nos meus olhares lançados à PSR, sublinhando uma linha de pensamento nevrálgico para esta pesquisa: as pessoas afetadas pelo sofrimento causado por desigualdades, injustiças e exclusões sociais não se encerram em sujeição e desumanidade. Há também nelas potência de vida que brada por felicidade e liberdade. É a partir dessa potência, que floresce da resistência desses sujeitos, que esta pesquisa se estrutura e se orienta (Sawaia, Pereira e Santos, 2008).

Além disso, a partir do contato com uma outra face das dinâmicas de vida na rua que não encontram um lugar nos imaginários que povoam o social acerca dessas pessoas, a saber: as relações afetivas e amorosas, sejam entre si ou com os profissionais de serviço, refleti sobre os afetos e amorosidade como um movimento de saúde em meio a uma dinâmica de vida estruturalmente constituída a partir da violação de direitos e tantas outras formas de violência. Nesse sentido, fui convocado a refletir sobre o lugar da afetividade, mais precisamente do amor, nas dinâmicas de vida no contexto das ruas, questionando-me acerca do pensamento social do amor para essas pessoas.

Assim, problematizo as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua e, consequentemente, as implicações em suas relações afetivas, partindo do pressuposto de que as representações sociais são “[...] verdadeiras teorias ou sistemas de conhecimento que servem na descoberta e organização da realidade” (Camino e Torres, 2023, p. 71).

O amor, em sua polissemia e inúmeras possibilidades de sentidos tem sido objeto de discussão desde a antiguidade pelos mais diversos campos de saber: a filosofia, a literatura, a arte, a psicologia, a antropologia entre outras. Entretanto, para a contextualização teórica desta pesquisa, a concepção adotada sobre o amor está além de uma visão natural e universal (Costa, 1998), considerando-o e localizando-o como um fenômeno social, histórico e, portanto, sempre em movimento (Sawaia, 2014) e como uma ação capaz de transformações sociais, perpassando qualquer relação humana, não apenas as de dimensão afetivo sexuais

(hooks, 2021).

Para bell hooks (2021), o amor está além do sentimentalismo e afeição, sendo uma ação capaz de transformação social através de vínculos compostos pelo cuidado, afeto, comprometimento e honestidade.

Em diálogo com o exposto, apresento a criação de um usuário do Centro Pop Glória a respeito do mês dedicado à luta da população em situação de rua:

**Imagem 1:** Cartaz elaborado por usuário do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória em alusão ao Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua.<sup>1</sup>



Fonte: Acervo de obras elaboradas pelos usuários do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória (2023).

A imagem é fruto de uma atividade em grupo realizada no Centro Pop Glória no dia 22 de agosto de 2023, mês dedicado à luta da população em situação de rua pela garantia de

<sup>1</sup> No cartaz, está escrito: “A esperança se renova a cada amanhecer” dentro de um sol localizado na área superior e central da imagem. No centro, a palavra “amor” está dentro de um coração. No dedos, que envolvem o coração, estão escritos: “oportunidade, trabalho, esporte, saúde, atenção, moradia, esperança, educação, alimentação e roupas”.

direitos. O grupo foi facilitado pela Terapeuta Ocupacional e acompanhado por outros profissionais e teve como objetivo a elaboração de cartazes que representassem\_o mês dedicado à luta das pessoas em situação de rua pelos seus direitos. Na ocasião, de maneira livre e espontânea, cada participante do grupo criou um cartaz que representasse a luta das pessoas em situação de rua pelos seus direitos.

Fabrício<sup>2</sup>, autor da imagem acima, tem 39 anos, é negro e está em situação de rua há cerca de 3 anos na cidade do Recife. Em seu cartaz e em sua fala sobre a produção, apresenta elementos escritos na silhueta de seus próprios dedos e que gravitam em torno do nome “amor”. Aponta direitos básicos e condições que facilitam a dignidade humana, como saúde, trabalho, educação, alimentação, moradia, atenção, oportunidade, roupas, esporte e esperança.

A partir de sua história, contexto e relações, Fabrício imprime o que representa sobre o amor no cartaz e que simboliza o mês da luta da população em situação de rua pela garantia de direitos. Em uma leitura inicial, questionei-me: Fabrício representou o amor como uma categoria política? Essa pergunta me colocou às voltas com as possibilidades da significação do amor para as pessoas em situação de rua. Em outras palavras, inquiete-me acerca das representações sociais do amor para as Pessoas em Situação de Rua.

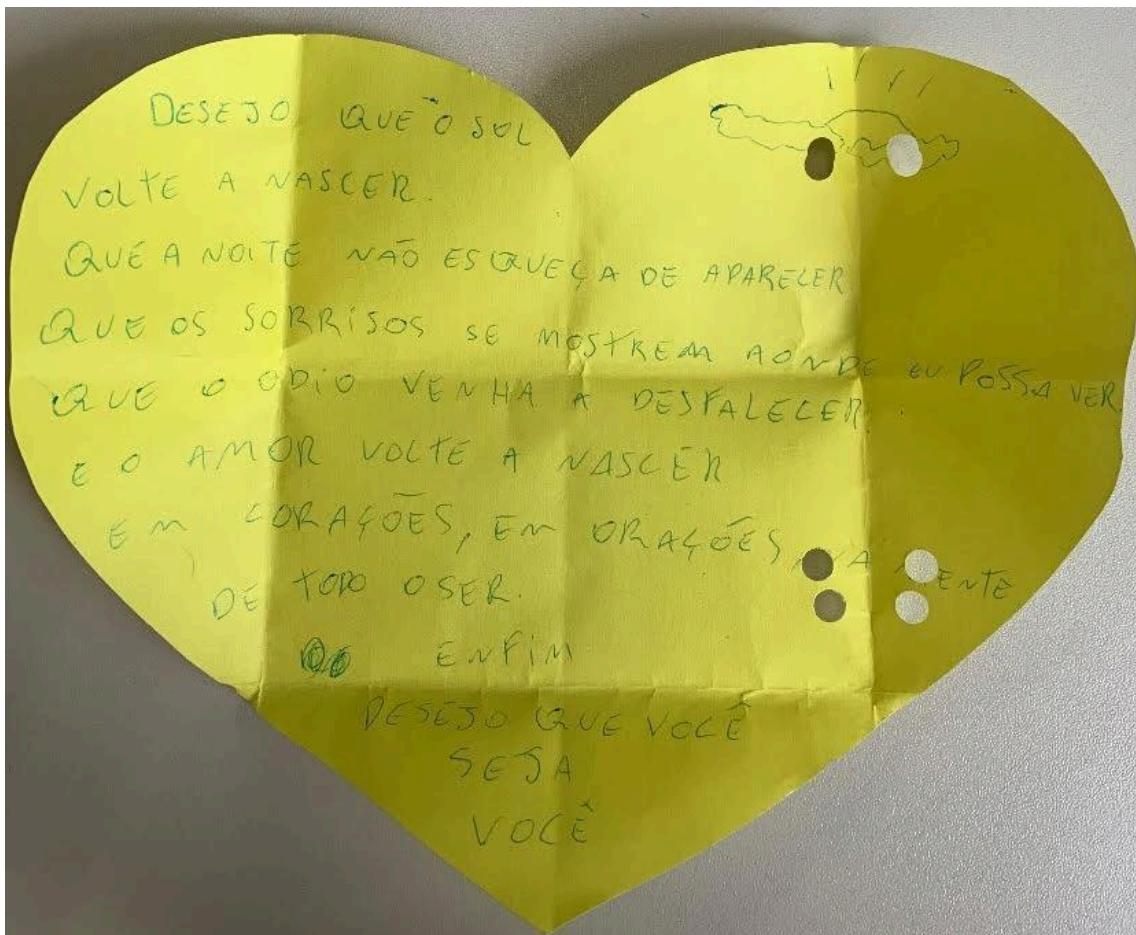
Fabrício e seu cartaz nos convidam à atualidade dos sentidos sobre determinado objeto. Moscovici (2015) sublinha que a representação sobre um objeto está intimamente relacionada ao sujeito que fala, de onde fala e aos grupos ao qual faz parte. Nesse sentido, o autor chama a atenção para o sujeito que representa o objeto em seu contexto e história, evitando um olhar parcial que se encerra no objeto representado.

Também destaco uma outra criação de um homem em situação de rua que me sensibilizou. Em uma dinâmica proposta entre um grupo de usuários e funcionários do referido Centro Pop Glória, na qual cartas elaboradas seriam anexadas na árvore de natal para a posterior leitura coletiva, a seguinte carta, em formato de coração, e que também faz menção ao amor, foi escrita:

---

<sup>2</sup> Nome fictício, pois não foi possível o diálogo com o usuário para a consulta de seu desejo de como gostaria de se identificar nesta pesquisa.

**Imagen 2:** Carta elaborada por usuário do Centro Pop Glória em alusão ao Natal



Fonte: Acervo de obras elaboradas pelos usuários do Centro Pop Glória (2023).<sup>3</sup>

O autor da carta se chama Felipe<sup>4</sup>, é um homem pardo, de 24 anos, em situação de rua há 1 ano na cidade do Recife e componente do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR/PE).

O recorte do papel em formato de coração dá forma à escrita poética e sensível de Felipe que, em uma breve leitura, destaca elementos como esperança, o renascimento do amor, o desfalecimento do ódio e o lembrete da potência de cada sujeito ser o que se é.

<sup>3</sup> Na carta, está escrito: “Desejo que o sol volte a nascer. Que a noite não esqueça de aparecer. Que os sorrisos se mostrem aonde eu possa ver. que o ódio venha a desfaecer. E o amor volte a nascer em corações, em orações, na gente de todo o ser. Enfim desejo que você seja você”;

<sup>4</sup> Nome fictício, pois não foi possível o diálogo com o usuário para a consulta de seu desejo de como gostaria de se identificar nesta pesquisa.

Entre tantas possibilidades de reflexões sobre a carta, sublinho a dimensão do amor posta pelo autor: “*E o amor volte a nascer*” sugere que o amor, em algum momento, não existiu mais, e não existe na perspectiva desse sujeito. Questionei-me: O que Felipe significa como o amor? Quais as causas que ofuscaram o amor? O que refloresce com o renascimento do amor?

Essas perguntas não terão respostas, pois a proposta da atividade relatada anteriormente não foi analisar os escritos dessas pessoas. Entretanto, tomo como palavras e conteúdos mobilizadores que impulsionam ainda mais o meu desejo de pesquisar as dimensões da amorosidade para pessoas em situação de rua, reafirmando a potência de vida e transformação desses sujeitos, como também indo ao encontro do que faz florescer.

Esta dissertação se divide em quatro capítulos que se organizam através de subtópicos.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, que agrupa o referencial teórico do estudo, passearemos pela Teoria das Representações Sociais, suas ideias basilares e articulações com a problemática da dissertação. Posteriormente, refletiremos a População em Situação de Rua, sua definição, as estruturas sociais que contornam o seu contexto e a relevância do estudo da dimensão subjetiva e afetiva para esses sujeitos. Assim, abriremos um diálogo para refletir como a dimensão do sofrimento ético-político contorna as subjetividades e as expressões afetivas dessas pessoas. Por fim, iremos nos debruçar no amor enquanto uma ação ética e revolucionária, muito além da perspectiva individual, romântica e apolítica.

Já no segundo capítulo, que corresponde aos objetivos e métodos, serão apresentados os objetivos que organizam este estudo e o desenho metodológico para alcançá-los. Nesse momento do texto, serão detalhados os passos que compõem a estratégia metodológica, como também a apresentação dos participantes da pesquisa.

No terceiro capítulo, que versa sobre os resultados e análise dos dados, serão apresentados em três seções, que correspondem aos encontros com os participantes, os conteúdos oriundos dos círculos de cultura e a posterior análise, analisando as representações sociais que emergiram das expressões dos participantes.

Por fim, no quarto capítulo, as considerações finais descrevem as palavras finais desse estudo, fazendo uma leitura ampla dos dados, da análise e articulação teórica. Também apontaremos as potencialidades e as limitações do estudo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Esta pesquisa busca compreender as representações sociais acerca do amor para as pessoas em contexto de situação de rua. Ao propor tal análise, a presente pesquisa problematiza os lugares e os sentidos do amor e seus laços para essas pessoas, haja vista que a afetividade é essencial para o desenvolvimento ético-político dos sujeitos (Sawaia, 2000) como também uma necessidade humana que diz respeito à rede de proteção entre os pares (Serra e Bicudo, 2019).

Diante do exposto, propomos uma análise das representações sociais do amor para pessoas em situação de rua, por compreender que representar socialmente é uma condição para pensar e se colocar no mundo (Moscovici, 2012).

As relações afetivas e amorosas constituem um fenômeno de ordem social, pois são demarcados por valores, crenças e saberes que guiam as práticas envolvendo essas formas de relação. Isto torna o tema relevante para a Psicologia, utilizando-se o paradigma das representações sociais como eixo condutor de análise (Schlösser e Camargo, 2019).

Elaboramos e compartilhamos representações sociais com a finalidade de nos referenciamos em um conjunto de ideias para nos relacionarmos com o mundo e com o outro. A partir desse referencial, ou seja, das representações sociais, podemos ler o mundo, os fenômenos que nos cercam e nos posicionarmos diante dos outros sujeitos (Jodelet, 2001).

É a partir da Teoria das Representações Sociais que este estudo propõe aproximar-se dos sentidos do amor para pessoas em situação de rua, partindo de uma concepção de um sujeito ativo em suas relações com o tecido social, afetando e sendo afetado por este (Moscovici, 2015).

Em 1961 Serge Moscovici movimentou os saberes da Psicologia com a publicação da obra *La Psychanalyse, son Image et son Public* que apresenta os seus estudos acerca das representações sociais. Nesse escrito, o autor explora os processos que ocorrem na apropriação, transformação e utilização do conhecimento científico pelo homem comum (Cabecinhas, 2004).

Na obra citada, Serge Moscovici dedicou-se ao estudo da apropriação dos saberes da psicanálise pelo senso comum, no público geral. Ou seja, buscou elucidar como a sociedade de uma maneira ampla incorporou os saberes psicanalíticos no cotidiano que provocaram práticas e formas de comunicar inéditas (Vala e Castro, 2013).

O autor toma como referência a noção de representações coletivas de Durkheim para pensar as representações sociais. Na concepção desse, as representações coletivas são formas estáticas e irredutíveis de compreender o coletivo. A perspectiva durkheimiana das representações não se preocupava com a dimensão interna e a dinâmica de compartilhamento e transformação de tais representações na sociedade (Moscovici, 2015).

Sendo assim, as representações coletivas eram entendidas como impostas aos sujeitos, partindo do pressuposto do contexto social apartado destes. Essa maneira de pensar as representações coletivas comunica o entendimento de um sujeito que reproduz conteúdos que são estáticos em uma realidade social que não é entrelaçada com a dos indivíduos. No entanto, Moscovici confere novos rumos às representações ao realocar o lugar do sujeito e do contexto social como laço estreito e de afetações mútuas.

Distante das vicissitudes sociais e tensionando o lugar de representações coletivas como “camadas de um ar estagnado na atmosfera da sociedade” (Moscovici, 2015, p. 47), Moscovici, atento às dinâmicas e transformações sociais, propõe a Teoria das Representações Sociais como um conjunto de ideias que buscam acompanhar a sociedade em movimento e sujeitos como autores e ativos das dinâmicas sociais, superando a estagnação e buscando uma aproximação aos processos de construção da realidade no qual o sujeito tem papel ativo (Madeira, 2000).

Para Moscovici, as representações sociais são uma maneira de pensar socialmente construída e compartilhada que constroi uma realidade comum a determinado grupo: o senso comum (Jodelet, 1989 apud Sá, 1996). Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais, que toma como objeto de estudo as representações sociais, entende o senso comum como um saber compartilhado pelos sujeitos em um determinado contexto sócio-histórico que regulam as relações sociais.

Enquanto a Teoria das Representações Sociais se refere a uma abordagem teórica que se inclina aos processos presentes no movimento de apropriação da realidade pelos sujeitos, as representações sociais são um dos fatores que constituem o senso comum (Wachelke e Camargo, 2007).

As representações sociais analisadas às lentes da Teoria das Representações Sociais necessitam de um contorno. Se faz necessário que o objeto representado socialmente seja controverso, polissêmico e de relevante ocupação nas dinâmicas sociais de determinado grupo. Além disso, a fim de evitar uma análise descontextualizada e que isola um objeto representacional, é preciso atravessar o estudo na premissa de que ao objeto representado socialmente corresponde um sujeito que o representa, sujeito esse que é subjetivado também

pelo contexto sócio histórico em que vive (Sá, 1998; Santos, 2005).

Localizando as representações sociais em determinado contexto social, Madeira (2000), afirma que

Uma representação social não pode, portanto, ser captada como um dado estanque e isolado, mas no movimento pelo qual o homem concreto - relacionado e histórico - vai, continuamente, atribuindo sentido aos objetos dos quais se apropria: as representações sociais, tanto caracterizam e distinguem grupos, quanto os aproximam, dando condições de inteligibilidade às ações e reações e permitindo que os indivíduos circulem e estabeleçam trocas de diferentes ordens. Desta forma, a atribuição de sentido é um processo dinâmico e criativo, no qual o indivíduo se faz e expressa como indivíduo social (Madeira, 2000, p. 2).

Para Moscovici (2015), existem dois fenômenos sociocognitivos que associados e circulados por fatores sociais constituem as representações sociais: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é a acomodação de um saber não familiar em um saber de ordem familiar a partir do repertório já existente no repertório do sujeito. Nesse processo, o que é ancorado no repertório é a base para as representações e acomodação de novos conteúdos, ponto de referência para tais saberes que sempre estão em movimento. Ao ancorar, o sujeito nomeia e classifica algo a partir do que já é conhecido (Moscovici, 2015).

Já a objetivação atua na concretização de uma ideia abstrata, organizando os elementos representacionais e facilitando as suas expressões materiais no cotidiano. Através da constituição de imagens, o processo da objetivação faz com que conteúdos já ancorados tornem-se palpáveis e materiais no cotidiano dos sujeitos. Conteúdos que se passam no interior dos indivíduos, através da objetivação, são projetados concretamente no exterior, anunciando a íntima correlação e afetação entre sujeito e o social (Cabecinhas, 2004; Moscovici, 2015).

Em suas ideias seminais da Teoria das Representações Sociais, Moscovici, intencionalmente, não apresenta um conjunto de saberes fechados que se encerram em si mesmos. Defendendo a abertura de tais ideias a fim de evitar o fechamento e a operacionalização de sua proposta, o autor propõe uma construção que seja aberta à junção de outros conceitos, provocando uma movimentação constante da associação de ideias e

revisitação às suas primeiras elaborações sobre a teoria. Tal proposta dialoga com a natureza das variações sociais e contextuais que as representações sociais são percebidas (Vala e Castro, 2013). Embora distintos, os caminhos traçados por diferentes autores para acessar as representações sociais não são antagônicos, mas partem de uma mesma base, são complementares e com fecundo diálogo (Sá, 1998).

A Teoria das Representações Sociais desdobra-se, no mínimo, em três abordagens diferentes, as quais destacamos a seguir: a abordagem culturalista desenhada por Denise Jodelet (2001); a teoria do núcleo central descrita por Jean-Claude Abric (1998) e a abordagem societal apresentada por Williem Doise (2002).

A abordagem culturalista descrita por Denise Jodelet, autora que apresentou contribuições significativas ao desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais, entende que é através das representações sociais que os sujeitos constroem e interpretam o social, agrupando os contextos social e cultural que os cercam nas suas relações e interpretações do mundo (Tomé e Formiga, 2020).

A autora aborda as representações sociais como produto e processo do fenômeno de apropriação da realidade, interessando-se pelo pensamento nas dimensões constituinte - o processo, e o constituído - os conteúdos. Além disso, sublinha os elementos socioculturais que influenciam na construção e compartilhamento das representações (Jodelet, 2001).

Em suas elaborações teóricas, Jodelet (1998) disserta acerca da alteridade radical, importante construção que nos auxilia nas análises das relações dos sujeitos a partir da lente da alteridade. Essa ideia lança luz às reflexões que consideram os sujeitos que se relacionam entre si e como esse encontro e desencontro os constituem subjetivamente (Santos, 1999).

A noção de alteridade radical definida pela autora tem um lugar importante quando nos inclinamos às pessoas em situação em situação de rua, haja vista o lugar à margem que esses sujeitos ocupam no tecido social. O olhar do outro, a partir de um lugar da alteridade radical em relação a PSR, além de outros fatores, também são produtores de subjetividade para essas pessoas, como também espelhos para esses olhares que se cruzam e se subjetivam.

Para a autora “[...] a alteridade é produto de duplo processo de construção e de exclusão social que, indissoluvelmente ligados como os dois lados de uma folha, mantêm sua unidade por meio de um sistema de representações” (Jodelet, 1998, p.47).

Denise Jodelet diferencia a “alteridade de fora” e a “alteridade de dentro”, na qual a primeira refere-se ao que há de mais diferente em relação ao eu e o segundo às diferenças localizadas no interior de um mesmo grupo social. Aqueles com os quais nos colocamos em posição quase dicotômica, exótica e diferente são significativamente afetadas, em diversas

camadas, seja concreta ou subjetiva, pela sociabilidade que estabelecemos ou não com eles (Santos, 1999).

Nesse sentido, implicar a noção de alteridade radical nos estudos que se ocupam de pessoas em situação é analisar a imagem de fundo que delimita o contexto que estrutura as relações sociais desses e para com esses sujeitos, fazendo emergir o estatuto da exclusão social forjado na diferença alienante que majoritariamente se dirige a esses sujeitos, como também sublinhar o papel do outro na construção dos sujeitos. Entre o “nós” e o “eles”, as pessoas em situação de rua, reside um abismo que para muito além de diferenciar, hostiliza, desumaniza, paralisa e mortifica.

Jodelet (2001), ao destacar as influências do contexto sócio histórico na formação e compartilhamento das representações, contribui significativamente para esse estudo, pois nos informa que para analisar determinado objeto representado por pessoas em situação de rua, é necessário estarmos atentos e sensíveis aos sentidos, lógicas de funcionamento e cultura própria dessas pessoas, pois são esses fatores que conferem inteligibilidade a tais representações. Assim, o estudo situa-se na e pela realidade social desses sujeitos.

Já na perspectiva de Jean-Claude Abric, na Teoria do Núcleo Central (1998), a representação social se organiza a partir de um núcleo central e é capilarizada em um sistema periférico, no qual cada campo desempenha funções particulares e complementares. Para o autor, é de relevante importância observar as representações de um ponto de vista estrutural. O núcleo central comporta o que há de mais estável nas representações sociais, mais resistentes a alterações. O sistema periférico, mais sensível e elástico à realidade social, dialoga e assegura a permanência do núcleo central, atualizando e contextualizando as representações.

Nesse sentido, as representações sociais

[...] são, por isso, ao mesmo tempo, estáveis e mutáveis, rígidas e flexíveis: estáveis e rígidas porque determinadas por um núcleo central profundamente ancorado no sistema de valores compartilhado pelos membros do grupo; mutáveis e flexíveis porque alimentadas por experiências individuais, que integram os dados do vivido e da situação específica, e pela evolução das relações e das práticas sociais de que os indivíduos e os grupos participam (Parreira *et al.* 2018, p. 61).

A abordagem societal apresentada por Williem Doise (2002) parte do poder e dominação social para refletir a representação social, entendendo que tais representações além de comunicar as formas de relações e percepções do mundo também expressam as lógicas e dinâmicas sociais do lugar que se vive. Nessa visão, torna-se possível a visualização das influências do pertencimento social na construção e compartilhamento de representações.

Para o autor, a partir da localização contextual de onde os sujeitos estão inseridos, as representações atuam como organizadoras das relações dos grupos e dos indivíduos. Assim, estar e pertencer a determinado grupo implicará na elaboração, compartilhamento, resistência e mudanças das representações sociais, tendo em vista que os movimentos grupais e seu contexto conferem um contorno significativo à maneira como pensamos e nos relacionamos com o outro.

Ao espelhar a organização social do contexto ao qual os sujeitos estão inseridos, comunicando também a posição que esses sujeitos ocupam no grupo e além dele, a abordagem societal é relevante para a pesquisa presente, pois permite acessar o contexto marcadamente desigual das pessoas em situação em rua, para que a análise ao objeto representado esteja situado na realidade dessas pessoas. Ao representar socialmente um objeto, tal representação está colada ao contexto em que o sujeito está imerso.

Partindo de Doise (2002), refletindo a implicação de sua elaboração neste estudo, a violação de direitos básicos à vida e à dignidade humana, as diversas formas de violência que ameaçam a vida e exige traçado constante de estratégias de sobrevivência, a fome sempre à espreita, a escassez de itens básicos para a higienização como tantos outros fatores influenciam diretamente nas dinâmicas da representação social.

Para a análise às representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua, associaremos as abordagens elencadas acima. Jodelet (2001), em sua perspectiva culturalista, nos dará a principal base para refletirmos os elementos que contribuíram para a construção de tais representações. Nesse sentido, implicamos nessa análise a incidência do contexto social na elaboração das representações e como estas afetam a relação desses sujeitos com o social.

As contribuições de Doise (2002), em sua abordagem societal das representações sociais, nos guiarão na análise às organizações sociais das pessoas em situação de rua e as posições que esses sujeitos apresentam entre si e entre os outros, pois tais elementos interferem diretamente na construção das representações sociais.

Para Moscovici (2012), determinado objeto representado socialmente por sujeitos de um grupo não estão isolados e não se encerram em si mesmos, há uma comunicação com outras representações que já estão acomodadas em seus saberes e práticas.

A fala destacada acena para a noção de Sistema Representacional que, derivada do processo de ancoragem que abre margem para o desfile de representações que dialogam com outras representações, versa sobre a disposição em rede das representações sociais, ou seja, a associação entre representações que sustenta o seu funcionamento (Félix *et al.* 2017).

Para fins de delimitação teórica, consideramos o conceito de Sistema Representacional como um

[...] conhecimento socialmente partilhado formado por um conjunto de objetos representacionais, que, por sua vez, são constituídos por um conjunto de elementos representacionais. Todos os objetos e os elementos representacionais presentes em um sistema representacional estão interrelacionados de tal forma a dar coerência e sentido a esse sistema representacional, como uma rede de significações e símbolos (Silvia, Trindade e Junior, 2012, p.441).

A noção de Sistema Representacional é controversa e sem delimitação precisa, embora esteja presente em pesquisas recentes que se embasam na teoria das representações sociais com outras denominações e sentidos. Entretanto, partindo do pressuposto de que não existe um objeto social no vazio e que uma representação necessita da sustentação de outras representações para se organizarem e guiarem as práticas sociais e os saberes dos sujeitos, essa noção se torna importante ao ampliar o olhar às representações e percebê-las em conjunto, mesmo quando a atenção se volte para uma representação específica (Félix *et al.* 2017; Wachelke, 2005).

Assim, pela natureza polissêmica e plural do amor, que faz laço com outras representações sociais, esta pesquisa parte da ideia de Sistema Representacional para ampliar a análise às representações sociais do amor para pessoas em situação de rua.

## 2.2. A AFETIVIDADE

As autoras Moreira e Figueiredo (2023) apontam que as pessoas em situação de rua, apesar de todos os processos segregatórios e estigmatizantes que as atravessam, não deixam de manifestar afetos. A dimensão afetiva e relacional costumeiramente não é percebida quando se trata desse contexto, mesmo que ocupem um lugar relevante na subjetividade dos sujeitos, influenciado as suas dinâmicas de vida.

Na mesma direção, podemos perceber que

A afetividade é essencial para o desenvolvimento ético-político do indivíduo, pois é ela quem vai aumentar ou diminuir as possibilidades do indivíduo realizar a sua potência e se expandir. E é a relação com o outro que proporciona ao indivíduo ocasiões em que ele pode afetar e ser afetado, condição única para o desenvolvimento de sua autonomia ou heteronomia. (Kina, 2011 p.14).

Os afetos são decisivos para a mobilização dos indivíduos, como também para que estes projetem o futuro. A afetividade favorece a vinculação relacional entre os sujeitos (Moscovici, 1999 apud Villas Boas, 2004). Dessa forma, podemos pensar que os afetos apresentam implicações nos processos de representação social de objetos e fenômenos e, consequentemente, nas atitudes dos sujeitos que partem de seus repertórios de representação para se colocarem no mundo.

Esta pesquisa busca uma aproximação às relações afetivas das pessoas em situação de rua, buscando entender como essas pessoas vivenciam o amor, dimensão que constantemente são postas de lado por costumeiramente estarem em relevo aspectos relacionados ao sofrimento, a destrutividade e as violências.

Moreira e Figueiredo (2023), em uma busca exploratória acerca de estudos e pesquisas que se ocupam das pessoas em situação de rua e suas relações afetivas e amorosas nos periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação, entre 2015 e 2020, apontam cerca de 28 produções científicas encontradas, revelando a escassez de estudos que se inclinam às relações afetivas no contexto de pessoas em situação de rua.

O sobreviver em situação de rua requer estratégias de sobrevivência, haja vista as adversidades que a vida em rua impõe. Serge Paugam, em entrevista a Serra e Bicudo (2019), afirma que além de situações de ruptura e violências, esses sujeitos apresentam necessidades e condições de estabelecerem vínculos amorosos e afetivos a fim de facilitar organizações sociais que assegurem e facilitem a sobrevivência. Dessa forma, podemos pensar a vinculação entre pessoas em situação enquanto laços que facilitam a organização social desses sujeitos.

Mais ainda, Sawaia (2009) afirma que a Psicologia deve superar a ideia de que as camadas mais vulneráveis da sociedade preocupam-se apenas com a sobrevivência, destacando, com isso, a dimensão afetiva desses sujeitos. Essa perspectiva reducionista e de despotencialização das vidas em vulnerabilidades, percebem esses sujeitos encerrados em suas necessidades básicas que bastam para uma vida. A experiência humana e a dignidade da vida humana estão muito mais além de um prato de comida e um acolhimento institucional às pessoas em situação de rua.

Ao pôr em relevo as dimensões da amorosidade nos pensamentos e práticas sociais das pessoas em situação de rua, buscamos sublinhar a natureza afetiva que circula e compõem as dinâmicas relacionais no contexto das ruas e ampliar as formas de perceber essa população, ressignificando o olhar simplista de como esses sujeitos são definidos pelos outros. É um esforço para sublinhar as complexidades, as singularidades e as subjetividades de pessoas que compõem a população em situação de rua.

Além de uma necessidade humana, vincular-se ao outro reforça e protege os sujeitos diante das adversidades do cotidiano como também estabelece a sua identidade (Serra e Bicudo, 2019). Portanto, pensar os laços amorosos, enquanto vinculação ao outro, entre sujeitos que se encontram em situação de rua é de relevante importância por refletir sobre os seus modos de vida no contexto das ruas.

### 2.3. AMOR: UMA AÇÃO COLETIVA E POLÍTICA

*“O amor é sempre abertura para um futuro mais pleno” (Vieira, 2019, p. 41).*

A fim de circular e analisar o pensamento social de pessoas em situação de rua sobre o amor, se faz necessário, previamente, a elucidação do sentido do amor adotado como ponto de partida para esta pesquisa. No entanto, um breve passeio na história do amor e suas vicissitudes poderá nos auxiliar a localizar esta pesquisa na imensidão de possibilidades que as discussões sobre o amor proporcionam.

Filósofos, poetas, literatos e tantas outras estudiosas e estudiosos preocuparam-se, desde tempos longínquos, com a definição e elucidação do amor, o que revela essa dimensão afetiva como significativamente relevante na vida da humanidade. Entretanto, essa inquietação reflexiva secular não constitui um consenso e um lugar comum para elaborar em linhas universais e consensuais o que seria o amor, haja vista a sua complexidade e polissemia

(Almeida, 2018).

Sublinhamos, aqui, o diálogo que essa condição dos sentidos do amor estabelece com a Teoria das Representações Sociais (TRS), pois para tornar-se objeto de interesse desta teoria, o objeto representado socialmente a ser analisado deve ser polissêmico, de relevância cultural e apresentar espessura social na sociedade (Sá, 1998).

Desde a pré-história, entre 1.600.000 a.C. a 4000 a.C., historiadores e antropólogos documentam figuras rupestres que manifestam conteúdos afetivos e amorosos, demarcando que essa dimensão relacional se fez presente desde os primórdios da história da humanidade.

Na Idade Antiga, o amor era representado em obras literárias e filosóficas como embelezamento e narcisismo, a ligação entre o divino e o humano, e o desejo. Já na Idade Média, fortemente influenciada pelo cristianismo, a concepção do amor éposta frente aos imperativos religiosos de afastamento do corpo e da sexualidade, passando a significar uma junção divina e espiritual que tinha por função a formação de uma relação que privilegia o casamento condizente aos preceitos da Igreja e atenta aos seus credos (Almeida, 2018).

Entre os anos 1453 e 1789, período conhecido como a Idade Moderna, as repressões oriundas do cristianismo são atenuadas, permitindo que as relações amorosas, inclusive o casamento, se deem por escolhas individuais. Nesse contexto, o amor é considerado nobre e é bem visto na sociedade, sendo o sujeito tomado pelo amor alguém que transcende à realidade. Estar às voltas com o amor, nesse momento histórico é descobrir a si mesmo e transformar a si e o seu redor. O amor infinito e com ares místicos, logo, impossível, é o objeto de desejo dos sujeitos desse contexto histórico (Nascimento, 2009; Rougemont, 2003).

Já o amor romântico, enraizado na Idade Média e capilarizado para além dela, considerado como verdadeiro e puro amor, apostou na idealização dos sujeitos e suas almas gêmeas, acreditando na completude e constituição de pares perfeitos. O amor tornou-se um significativo ideal a ser alcançado, tornando-se decisivo para a felicidade (Martuccelli, 2006; Menezes, 2008).

Entretanto, na contemporaneidade, o amor ocupa outros lugares no tecido social. As transformações sociais e culturais movimentaram os sentidos do amor romântico, relativizando o seu lugar privilegiado para compor as relações. Partindo dos ideais da fluidez, horizontalidade, liberdade e individualidade, as relações amorosas contemporâneas ressignificam o estatuto romântico do amor para uma experiência libertária.

É notório como o amor transformou-se com o passar dos tempos, configurando novas possibilidades de arranjos relacionais a depender do momento histórico. Em outras palavras, o amor é uma construção social, sendo ressignificado constantemente (Costa, 1998).

Nas descrições feitas, é possível perceber a predileção da dimensão afetivo-sexual do amor na sua teorização histórica, relacionado a uma parcela privilegiada de sujeitos que vivenciam essas experiências. Entretanto, outros autores e autoras, partindo de lugares que tensionam o que se produz e se entende sobre um suposto amor hegemônico, romântico e individual, apresentam outras formas de olhar para esse fenômeno de afetação entre sujeitos e no coletivo.

Silva e Nascimento (2019), em crítica às concepções hegemônicas e opressoras do amor e a partir da leitura de autoras negras, apontam para uma outra dimensão do sentido do amor: uma experiência que facilite formas de vida menos mortificadoras.

Na mesma direção, o amor, para fins de delimitação conceitual desta pesquisa, é entendido além do amor romântico estritamente ligado a relações românticas e sexuais. Para Giddens (1993), a valorização das ideias acerca do amor romântico limitado a relacionamentos conjugais tem raiz na ideologia burguesa em meados do século XVIII a partir do momento em que a sexualidade é entendida como central nos casamentos. Nessa perspectiva, o amor é um fenômeno de idealização do outro, sendo movido por sonhos e fantasias de completude.

bell hooks (2021) afirma que o paradigma do amor romântico é uma ideia destrutiva que atravessa a história da humanidade, pois partir da ideia do amor romântico é pensá-lo como instantaneidade, dispensando a construção de uma relação e limitando-a a uma simples “química”.

Moreira e Figueiredo (2023) apontam para o impasse da perspectiva do amor romântico no contexto das relações de pessoas em situação de rua, haja vista o contexto de camadas de vulnerabilidade e miséria que essas pessoas se encontram, distante dos privilégios que fazem contorno às ideias e aos ideais do amor romântico.

Desse modo, este estudo se inspira na ideia do amor descrita pela autora bell hooks (2021), a qual posiciona o amor como uma costura que envolve o cuidado, o afeto, o reconhecimento, o respeito, o comprometimento e a confiança. Assim, no contexto desta pesquisa, o amor é considerado para além de um sentimento erótico-afetivo, sendo entendido como uma ética da ação que facilita a transformação social através de seus laços. O amor, assim, além de uma visão essencialista é entendido enquanto uma forma de vinculação que viabiliza outros modos de vida menos mortificadores (Silva e Nascimento, 2019).

A leitura do amor enquanto uma ética, em sua dimensão política e coletiva que se destina à transformação social e à potencialização da vida dos sujeitos desafia a redução do amor em seu sentido abstrato, causando uma travessia do privado ao público, do individual ao

coletivo. Consequentemente, estende-se ao tecido social e o implica nas práticas guiadas pela amorosidade em busca de uma vida digna para os seres humanos.

Amor e pessoas em situação de rua. Práticas da amorosidade entre a população em situação de rua. Seriam essas associações comuns aos nossos pensamentos enquanto sociedade? Seria dicotômico? Qual o abismo que supostamente separa o amor das pessoas em situação de rua?

Para mergulharmos nessa proposta de análise é necessário localizarmos o amor enquanto uma atitude, dissolvendo os seus sentidos abstrato, romântico e individualista. É preciso amplificar, coletivizar e politizar a natureza do amor para que haja uma aproximação aos que estão postos à margem, à extrema vulnerabilidade e ao apagamento de suas vidas. Por que a partir dessa referência pensaremos essas pessoas na malha de um tecido social mais amplo, não como um submundo alheio à nossa organização social. É uma população que também é causa das formas de (des)organização social e da desigualdade social (Vieira, 2019).

Há perigos em percebermos as pessoas em situação de rua como um submundo que não faz parte do “nossa mundo”, partilhado pela grande fatia da sociedade. Nessa forma de olhar e nomear é causada uma cisão entre um todo enquanto organização social ampla que produz e mantém desigualdades sociais. A partir disso, a individualização de uma questão que também é social entra em cena, limitando e alienando o olhar às estruturas sociais como corresponsáveis por contextos de vulnerabilidade extrema.

O amor enquanto uma atitude pode ser revolucionário, pois “[...] gera o ambiente e as condições para que as pessoas sejam o que são e se descubram nas suas potências, possibilidades e singularidades. Amor é amar, e amar é agir para que o outro possa estar em liberdade” (Vieira, 2019, p. 41).

#### 2.4. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)

Antes da teorização sobre o fenômeno da PSR, se faz necessário marcar o lugar de onde se parte para pensar sobre a complexidade de pessoas que sobrevivem nas ruas. São várias as formas de nomear a condição dessas pessoas e que apontam a suposta causa de sua natureza, pois são

[...] uma série de nomeações que se formam em torno do habitante da rua, elencadas, não ao acaso, numa política estética que enuncia o “não-lugar” na cidade, animado pela força dos enunciados dos poderes (filantrópicos, policiais, médicos, psicológicos) que nele atuam (Cunda e Silva, 2020, p. 2).

Vagabundo, mendigo, marginal, morador de rua, louca, vadia, maloqueiro (Cunda e Silva, 2020) e afins, são algumas formas de nomear esses sujeitos, imobilizando-os subjetivamente a partir dos estigmas (Goffman, 1982), além de individualizá-los e culpabilizá-los por tal condição.

Em meio a nomeações e práticas que violentam essas pessoas, na tentativa de retirar a potência de vida e as respostas à desumanização, olhar a trajetória de formação e atuação do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) pode ser um dos caminhos para novos sentidos e novas palavras.

O MNPR, organização de pessoas que sobrevivem ou sobreviveram na condição das ruas, é um coletivo que tem por finalidade a luta pelos direitos da PSR, em busca da garantia da dignidade humana para essas pessoas (MNPR, 2010).

No início dos anos 1980, a igreja católica que já exercia ações sociais junto à PSR desde 1955, revisita suas ações a essas pessoas através das Pastorais e outras formas de atuação, o que influencia a organização do movimento de pessoas em situação de rua (Silva, 2008).

Em 2004, em São Paulo, ocorreu um marco significativo para a organização e capilarização desse movimento Brasil a fora: a Chacina da Praça da Sé, no qual sete pessoas em situação de rua foram brutalmente assassinadas enquanto dormiam. Posteriormente, em outras regiões do Brasil, surgiram atos de natureza similar. Diante disso, movidos pela revolta dos casos, grupos em São Paulo e Belo Horizonte se movimentaram para consolidar o MNPR (MNPR, 2010).

Fruto de lutas e implicação política do MNPR, em 23 de dezembro de 2009, foi instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua pelo Decreto nº 7.053 assinado presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sendo um marco para a PSR, pois busca garantir direitos e acesso às políticas públicas (Silva, 2008).

Muitas outras conquistas ocorreram como fruto da organização e mobilização do MNPR, evidenciando a potência e a capacidade de articulação da PSR na luta por melhores condições de vida. Essas ações garantem direitos e também ampliam as formas de nomeação e reconhecimento dessas pessoas, significando outros olhares que vão além dos estigmas, inscrevendo sujeitos de luta, resistência e transformação social.

Para fins de definição, a população em situação de rua é caracterizada como um

[...] grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a

inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009).

Partindo da premissa de que nomear os fenômenos é um ato político (Miranda *et al*, 2023) e que comunicar é inscrever fenômenos no universo simbólico e ancorar saberes do senso comum (Moscovici, 2012), embora o termo *população* tenha se consolidado como uma expressão amplamente utilizada, presente na legislação e afins, é necessário refletir sobre as suas limitações e lembrar que além dessa referência à coletividade existem pessoas com histórias, diferenças e singularidades que não podem ser reduzidas a uma categoria homogênea. Sendo assim, esse estudo seguirá a nomeação *população* em situação de rua comumente vista, mas marcamos a reflexão acerca da expressão, a fim de estarmos atentos e atentas às diversidades biográficas e existenciais que compõem as pessoas que sobrevivem nas ruas.

Prates, Prates e Machado (2011), apresenta a ideia de processo de *rualização* referindo-se ao fenômeno da relação dos sujeitos com a rua, a fim de singularizar as experiências de um público heterogêneo com o contexto de vida nas ruas, como também destacando tal vivência como um processo e não como um estado cristalizado.

Refletir sobre a complexa condição da PSR requer um olhar à altura de tal complexidade, percebendo os fenômenos estruturais como organização da sociedade. Como fatores estruturais causadores e mantenedores de tal fenômeno, podemos perceber a precarização do trabalho, o desemprego estrutural, a globalização, a lógica neoliberal e as transformações econômicas (Robaina, 2018).

Para Silva (2006), o fenômeno da PSR é uma das expressões da “Questão Social”, consequência das desigualdades sociais que vem aumentando nos últimos anos. A “Questão Social” aponta para a expressão da pobreza e precariedade de alguns grupos causadas pelo capitalismo, provocando o acúmulo de bens a uma parcela de sujeitos e, consequentemente, a escassez de bens a grupos populacionais. O funcionamento capitalista atua na lógica inversamente proporcional, na qual o aumento e o acúmulo de bens provocam a exclusão e o empobrecimento de sujeitos menos favorecidos (Netto, 2001).

Nesse sentido, em um aspecto macrossocial, entre outros fatores, as desigualdades econômicas provocadas pela desestruturação da classe trabalhadora e pela precarização e exclusão do mercado de trabalho formal interferem diretamente no fenômeno da população

em situação, fazendo um contorno significativo às trajetórias que levam as pessoas à situação de rua.

Os processos de deterioração da classe trabalhadora, das relações de trabalho e a precarização e exclusão do mercado de trabalho formal são inerentes ao desenvolvimento do sistema capitalista, que possui como finalidade a intensificação dos lucros em detrimento da melhores condições de vida e trabalho das pessoas (Brito; Viana, 2024).

De acordo com os dados do Relatório “População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativo e sistemas do Governo Federal” elaborado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), na terceira gestão do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, existiam 36.400 pessoas em situação de rua inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais. Entre essas pessoas, 68% são negras, das quais 51% pardas e 17% pretas (Brasil, 2023).

No contexto da cidade do Recife, de acordo com o Censo da População de Rua de 2023, havia 1.806 pessoas em situação de rua, sendo cerca de 80% dessas pessoas pretas e pardas, sendo 56,56% pardas e 23,62% pretas (Miranda *et al*, 2023).

Diante da exposição desses dados, nota-se a predominância de pessoas pretas e pardas na constituição da população em situação de rua no território brasileiro e recifense, o que requer um olhar atento ao contexto sócio-histórico ao qual estamos inseridos. O gênero também necessita de um olhar atento, tendo em vista que mulheres e pessoas de gênero dissidentes, embora minoria no contexto das ruas, vivenciam violências agravadas por tal condição.

Nesse sentido, a raça é um marcador social característico desse grupo de pessoas e se faz necessário ultrapassar o sentido de “recorte de raça” e entendê-la como decisiva nas organizações sociais e na constituição do fenômeno das pessoas em situação de rua que, consequentemente, em interação com outros marcadores sociais, como gênero e classe, demarcam um lugar de violação de direitos para essas pessoas.

Em outras palavras, o que se propõe é a racialização da leitura e do fenômeno das pessoas em situação de rua aqui estudado, considerando os demais marcadores sociais que fazem contorno a essas vidas em situação de rua.

Além disso, sensibilizar o olhar em relação às questões de gênero no contexto de vida nas ruas também se faz necessário, pois mulheres e pessoas de gênero dissidentes são violentadas de diversas maneiras e constantemente traçam estratégias para escapar a essas violências, como a escolha do local para dormir, a atenção constante para evitar a violação de seus corpos e tantas outras medidas para resguardar a sua integridade. Esses fatos interferem

diretamente na vida dessas pessoas, como as formas de vivenciar as relações afetivas e amorosas.

Para Ribeiro, Dias e Miranda (2024), a leitura do contexto da PSR a partir das lentes da interseccionalidade, enquanto uma visão que entrelaça e interliga as vulnerabilidades que afetam essas pessoas, também convoca à reflexão das estruturas de violência e opressão que compõem a sociedade, deslocando e problematizando as leituras simplistas, superficiais e individualizantes a respeito as pessoas que sobrevivem nas ruas.

Assim, podemos lançar um olhar considerando a PSR em sua complexidade e as estruturas de violência e opressão que as sustentam, deslocando as percepções simplificadoras e individualizantes sobre esses sujeitos. Tal perspectiva nos convoca a refletir a dimensão do sofrimento ético-político que atravessa a PSR, ecoando em suas formas de sofrimento e insistência na vida (Sawaia, 2014).

## 2.5. A DIMENSÃO DO SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E A INSISTÊNCIA NA VIDA

*“Corpo é matéria biológica, emocional e social, tanto que sua morte não é só biológica, falência dos órgãos, mas social e ética” (Sawaia, 2014, p.103).*

Discutir a PSR exige um olhar que considere esses sujeitos em sua totalidade, forjados em relações sociais, mas sem desconsiderar as suas singularidades (Sawaia, Pereira e Santos, 2008). Esquivar às categorias sociais que camuflam a singularidade e ultrapassar a lógica individualizante a respeito das afetações dessas pessoas pode ser um caminho trilhado para que coloquemos a complexidade da PSR em relevo.

Pensar a PSR pela perspectiva da exclusão social sem reduzi-la a aspectos biológicos e materiais e considerando as suas dimensões políticas, subjetivas e relacionais viabiliza a superação da ilusória dicotomia indivíduo/sociedade.

Para Sawaia (2014), a exclusão social reflete três dimensões: *a objetiva, a ética e a subjetiva*. Enquanto o aspecto objetivo da exclusão reflete a desigualdade social, a dimensão ética versa sobre as injustiças sociais. A perspectiva subjetiva da exclusão social desvela o sofrimento causado pela exclusão social.

Entrelaçar analiticamente a exclusão social como produtora de sofrimento nos leva a

engendrar a dimensão subjetiva e afetiva nos estudos da PSR, ressignificando a simplificação e redução às questões materiais e biológicas desses sujeitos, as quais entendem que pessoas em vulnerabilidade desejam apenas sobreviver, retirando a possibilidade de falar e pensar sobre os afetos em situação de fome, falta de moradia e dignidade de vida. Perceber os sujeitos em contexto de exclusão social também requer olhar as potencialidades, desejos, afetividade e a insistência na vida além de violação de direitos e as diversas formas de violência que os acometem (Sawaia, 2014).

O laço entre a exclusão social e a afetividade nos leva a ideia de sofrimento ético-político, que é entendido como o sofrimento causado pela exclusão social.

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (Sawaia, 2014, p.106).

O sofrimento ético-político pode minar o florescimento dos sujeitos em situação de rua, não apenas pelo comprometimento causado pela privação de aspectos materiais, mas também sociais e afetivos que corriqueiramente são postos à margem das análises em prol de uma hierarquização do que é objetivo sobre o subjetivo, como se sanada a necessidade material, o problema seria resolvido.

Entretanto, ocupar-me com as questões afetivas e a amorosidade entre a PSR foi um chamado oriundo da minha prática de trabalho e convivência junto a essas pessoas, o que me chamou a atenção para uma face das dinâmicas das ruas que até então eu não tinha notícias.

As relações com a PSR me mostraram a força dos afetos e da amorosidade em seus processos de enfrentamento à situação de vulnerabilidade, o que coaduna com a construção teórica da Psicóloga Social Bader Sawaia. O cuidado mútuo entre essas pessoas, o compartilhamento de materiais essenciais escassos e básicos, a vigilância e a proteção enquanto uma companhia dormia ao lado, a construção de coletivos que lutam pela acesso e melhoria de direitos e a composição de relações afetivo-sexuais são apenas exemplos breves que ilustram as expressões da amorosidade que pude testemunhar junto a PSR.

Essas expressões inspiram esta pesquisa a analisar o pensamento social do amor para as pessoas em situação de rua, como também a sua capacidade de transformação desses

sujeitos e de sua realidade social.

Há uma insistência na vida por parte de pessoas em situação de rua. Proponho uma aproximação a essa perseverança em viver pela via da amorosidade.

Diante do exposto, problematizamos: quais as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua?

### **3. OBJETIVOS E MÉTODO**

### 3.1 OBJETIVOS

#### 3.1.1 Objetivo Geral

Analisar as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua.

#### 3.1.2 Objetivos Específicos

Identificar as dimensões das representações sociais compartilhadas entre as pessoas em situação de rua; Investigar a influência do contexto da vida nas ruas nas vivências e compartilhamentos das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua e Compreender o sistema representacional relacionado aos sentidos do amor comunicados pelas pessoas em situação de rua.

### 3.2 CAMINHO METODOLÓGICO: UMA APROXIMAÇÃO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

#### 3.3 CÍRCULO DE CULTURA: CIRCULANDO SABERES

Nessa pesquisa, a trilha para a abordagem da realidade se caracteriza por um estudo qualitativo, pois se ocupa da dimensão subjetiva e relacional da realidade social, considerando os sujeitos participantes da pesquisa como sujeitos circulados por uma condição social, pertencente a determinado grupo e classe social com crenças, valores e significados próprios (Minayo, 2004).

Sensível às vozes e às existências costumeiramente invisibilizadas das pessoas em situação de rua, desejei uma aproximação metodológica à essa realidade que facilitasse as expressões orgânicas e circulares, ou seja, privilegiando os seus saberes e vivências sobre o amor a partir de seus repertórios e experiências, apostando na horizontalidade de suas comunicações.

Proponho uma metodologia libertária que escuta o pensamento social das pessoas em situação de rua acerca do amor de maneira circular, horizontal e acolhedora, sublinhando, como um lápis imaginário, a singularidade e a validade das expressões dessas pessoas, inscrevendo um outro campo além do silenciamento e invisibilidade de suas vidas.

E esse terreno de valorização de saber dos sujeitos é facilitado pelo círculo de cultura criado pelo eterno Paulo Freire. O círculo de cultura é uma forma de constituir um grupo e foi idealizado para a alfabetização de pessoas adultas por uma perspectiva libertária, dialógica e

fomentadora de crítica social (Freire, 2023). Seu objetivo inicial, nos anos 60, era alfabetizar pessoas adultas e fomentar uma formação crítica do pensamento e da realidade.

O círculo tem como características principais o diálogo e as intersecções das expressões dos participantes com as suas vivências cotidianas, além da apropriação crítica de seus saberes a fim de potencializar mudanças sociais (Nepomuceno *et al.*, 2019).

Essa proposta metodológica guarda um diálogo fecundo com a Teoria das Representações Sociais. Em organização circular, mediados pela cultura e o contexto que os circundam, essa organização grupal facilita as expressões do pensamento social dos sujeitos a partir da relação social entre seus pares, onde as expressões passem entre si a partir de uma mesma realidade (Gonçalves e Freire, 2024).

A relação entre a teoria das representações sociais e o círculo de cultura potencializam o estudo de fenômenos sociais complexos, como o amor, pois parte do protagonismo dos sujeitos participantes da pesquisa e a construção coletiva do pensamento social. Além disso, ao facilitar as expressões das representações sociais do amor, o campo do círculo de cultura possibilita a conscientização e a transformação da realidade, apontando para a dimensão política da pesquisa.

O círculo de cultura é composto por três momentos que ocorreram em dias diferentes: levantamento do universo vocabular, seleção de palavras geradoras e criação de situações sociológicas.

No primeiro momento, o objetivo do círculo é facilitar a expressão de palavras que refletem a experiência existencial dos participantes sobre determinado tema, valorizando o saber dos participantes como também a singularidade dos seus dizeres que traduzem as suas vivências. Nesse encontro, buscamos incentivar a expressão de palavras e imagens que significasse o amor para os participantes. No segundo momento e em decorrência da fase anterior, a seleção de palavras geradoras objetiva codificar e decodificar a consciência do vivido, ou seja, busca os sentidos sociais de seus saberes, facilitando, assim, a conscientização do seu mundo. Por fim, a criação de situações sociológicas visa a transformação do contexto do vivido a partir da problematização da realidade (Freire, 2021).

A seguir, apresentamos um desenho dos diferentes e complementares momentos do círculo de cultura sobre o amor:

#### Quadro 1

**1. PRIMEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA:  
LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SOBRE O AMOR**

1.1. Perguntas disparadoras:

O que é o amor para você?

Como o amor está presente no seu dia a dia?

Como é o amor nas ruas?

1.2. Elaboração de cartazes e desenhos que representem o amor.

1.3. Encerramento: compartilhamento e narração do que foi produzido por cada participante e como foi experienciado esse momento.

Momento aberto para a expressão do que cada pessoa deseja.

Em outro momento, em continuidade ao círculo:

Quadro 2

**2. SEGUNDO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA:  
DISCUSSÃO DA PALAVRA GERADORA “AMOR”**

2.1. Perguntas disparadoras:

Quais são as dificuldades que você enfrenta para vivenciar o amor?

O amor é um direito?

2.2. Contação de histórias sobre o amor (escrita, desenhada ou falada).

2.3. Encerramento: discussão acerca das histórias dos participantes.

Momento aberto para a expressão do que cada pessoa deseja.

Por fim, o círculo de cultura acerca do amor será concluído da seguinte maneira:

Quadro 3

<b>3. TERCEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: CRIAÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIOLOGICAS ACERCA DO AMOR</b>	
	<p>3.1. Perguntas disparadoras:</p> <p>Como o amor pode melhorar a vida das pessoas em situação de rua?</p>
	<p>3.2. Oficina de grafitagem com a multiartista e pesquisadora Numa Dessas.</p> <p>Intervenção artística com grafitagem no muro interno<sup>5</sup> do Centro Pop - Glória.</p> <p>Nomeado “Muro do Amor”, os participantes expressaram nesse espaço o que significam como amor, refletindo que outras pessoas verão a arte e como esse contato pode ser transformador.</p>
	<p>3.3. Encerramento: discussão da intervenção artística.</p> <p>Momento aberto para a expressão do que cada pessoa deseja.</p>

Enquanto facilitador da dinâmica do círculo de cultura, Freire (2023) refere a figura do coordenador com uma posição horizontal, crítica e que estimula o diálogo entre os participantes. A aproximação ao contexto em que os sujeitos participantes do círculo estão inseridos também é uma condição relevante para o coordenador, que nesse estudo coube ao pesquisador.

O círculo de cultura inicialmente dedicou-se, principalmente, à alfabetização de jovens e adultos, mas sua aplicabilidade está além dessa prática. Versátil e rico em sua proposta, o círculo de cultura tem sido utilizado de maneiras diversas e em contextos que passeiam entre a pesquisa acadêmica, a formação de professores, organização de fóruns e reflexão acerca de políticas públicas (Marinho, 2009).

<sup>5</sup> Devido às burocracias, documentações e demais processos para justificar a descaracterização do espaço de identificação externo do serviço, optamos pela intervenção no muro interno. Entretanto, posteriormente, será solicitada a projeção da mesma arte no muro externo.

A fim de aproximar-se das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua e partindo de uma perspectiva dialógica, horizontal e conscientizadora dos círculos de cultura, que incentiva o protagonismo dos saberes e vivências dos sujeitos, que a metodologia desse estudo se organiza. É na amorosidade, fazendo contraste à opressão e desumanização que fazem parte das vidas das pessoas em situação de rua, que essa metodologia se inspira.

Os círculos de cultura ocorreram no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória localizado na Rua do Sossego, Nº 563 - Santo Amaro, Recife/PE. A escolha por esse serviço como campo de pesquisa motiva-se por este ser um dos mais antigos da cidade e localizado no centro do Recife, constituindo um espaço de relevante número de pessoas em situação de rua que fazem passagem e permanência durante todo o dia no equipamento.

A fim de um maior acesso à diversidade das manifestações do pensamento social acerca do amor e atento às dificuldades relativas à mobilidade e assiduidade das pessoas em situação de rua nos círculos, o círculo de cultura foi de natureza aberta, ou seja, os(as) participantes puderam ser diferentes em cada encontro.

Os círculos foram compostos de 4 a 8 pessoas, todas adultas em situação de rua, e organizados em três momentos e dias diferentes durante o turno da manhã, tendo como duração cerca de uma hora e trinta minutos. Ao total, 14 pessoas participaram dos três momentos do círculo de cultura.

O convite à participação dos círculos de cultura e a explicitação da natureza da pesquisa foi realizado verbalmente no início do dia no momento em que os usuários e as usuárias do serviço estavam na área de convivência do referido equipamento. Em seguida, os voluntários e voluntárias eram guiados a uma sala organizada para a realização do grupo. Consoante à pluralidade dos sujeitos que estão em situação de rua, o convite não fez seleção de pessoas, sendo preferível que a composição do grupo seja diversa, sem filtro de idade, raça, gênero e afins.

Em caso de mais de 8 participantes se propuserem a participar do grupo, foi proposto a participação no segundo encontro do círculo, a fim de acolher as pessoas interessadas e resguardar a quantidade prevista de pessoas por grupo.

Cerca de uma semana antes da vivência do círculo de cultura, foram expostos cartazes nas paredes do serviço com a temática do amor, buscando intervir na atmosfera do equipamento e provocar reflexões sobre o amor no contexto da vivência nas ruas. As imagens continham palavras e imagens, assegurando que pessoas não alfabetizadas também tivessem acesso às mensagens. As imagens buscaram provocar a reflexão sobre os sentidos do amor

para cada pessoa e expor a amorosidade nesse contexto. Embora esse momento faça parte da pesquisa, essa intervenção não compôs parte dos dados a serem analisados, haja vista o interesse inicial de sensibilizar as pessoas que transitam no espaço.

### 3.4 ORGANIZAÇÃO E ESTUDO DOS DADOS

Para o tratamento e o entendimento das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua, foi realizada a análise de conteúdo temática que tem por finalidade a

[...] análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

A partir dos apontamentos, organização e interpretação dos dados coletados no círculo de cultura foi possível agrupar os dados e interpretar temas que se fizeram presentes nas comunicações dos sujeitos. A categorização dos conteúdos é um processo de enumeração do que compõe os dados, facilitando a análise dos materiais por aproximação das temáticas que emergem. Por tema, entende-se uma unidade com significado que é um desdobramento do conteúdo analisado (Bardin, 2011).

As falas dos três momentos do círculo de cultura foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas textualmente para facilitar a familiarização com os dados. Posteriormente, em uma primeira análise, foram agrupados códigos que reuniam temáticas por semelhança. A partir disso, temas principais foram gerados a fim de contemplar os códigos elencados. Em seguida, em mais uma análise detalhada, os temas foram reorganizados com o objetivo de refinar a tematização e aprimorar as categorias temáticas (Bardin, 2011). A definição dos temas tornou possível o processo de escrita e análise dos dados à luz da Teoria das Representações Sociais.

No decorrer dos três encontros, os participantes elaboraram desenhos em cartazes, folhas e em um muro. Foi solicitado a descrição verbal das imagens a fim de tornar a linguagem verbal o principal elemento a ser analisado.

Intitulado como “Círculo de Cultura sobre o Amor”, os encontros foram divididos em três momentos e seguiram a estrutura descrita a seguir.

Antes do início do círculo, era realizado o acolhimento dos(as) participantes, a apresentação do TCLE e coletas de assinaturas em caso de concordância, uma breve apresentação de cada pessoa presente e exercícios breves de alongamento para iniciar o primeiro momento do círculo. Esse momento inicial se repetiu em todos os encontros do círculo cultural. O ambiente foi delicadamente aromatizado com óleo essencial de lavanda, objetivando a criação de uma atmosfera acolhedora para a promoção do bem-estar dos(as) participantes no espaço.

### 3.5 APRESENTAÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES DO CÍRCULO DE CULTURA - PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIRO MOMENTOS

#### 3.5.1 DESCRIÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES

##### Allan

Allan é um homem cis, heterossexual e se autodeclara preto. Possui 34 anos, com ensino fundamental incompleto. Cursou o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Em situação de rua na cidade do Recife há cerca de 2 anos, alternando entre acolhimento institucional, alojamento em ocupações e a rua. Refere o desemprego e conflitos familiares como motivos que o levou ao contexto de situação de rua. Possui histórico de 8 anos de trabalho formal, desempenhando funções como eletricista, repositor e na área de construção civil. Tem contato e acolhimento de sua família, mas os vínculos são frágeis. É integrante do MNPR/PE, atuando na luta pelos direitos da PSR, o que faz com que a dimensão política ganhe relevo em suas visões e comunicações no círculo.

##### José

José é um homem cis, heterossexual e se autodeclara pardo. Possui 61 anos e tem o Ensino Fundamental I completo. Refere situação de rua há cerca de 2 anos motivado por uso compulsivo de substâncias psicoativas e conflitos familiares. Já realizou trabalho formal na função de gari por 8 meses. Em vínculo de trabalho informal, foi ajudante de pedreiro. De

forma autônoma, já fabricou detergentes para venda. Com vínculos fragilizados com a família, pontualmente tem acesso à residência e apoio do irmão.

#### Nathanael

Nathanael é um homem cis, bissexual e se autodeclara pardo. Possui 23 anos e cursou até o segundo ano do Ensino Médio. Migrante, refere situação de rua há 1 ano em vários estados, chegando há um ao Recife. Como motivações para a situação de rua, refere uso compulsivo de substâncias psicoativas, falta de moradia e desemprego. Possui vínculo fortalecido com a sua mãe residente em outro estado. Realizou atividades de trabalho informal como repositor.

#### Josélia

Josélia é uma mulher cis, heterossexual, se autodeclara parda e possui 40 anos. Refere situação de rua há cerca de 16 anos, considerando o uso compulsivo de substâncias psicoativas como a principal motivação desse contexto. Possui o Ensino Fundamental I incompleto. Mesmo com vínculos familiares fragilizados, possui contato com as irmãs. Como fonte de renda, já vendeu água e pipoca.

#### Rodrigo

Rodrigo é um homem cis, bissexual e se autodeclara preto. Tem 24 anos e possui o ensino médio completo. Refere situação de rua há cerca de 3 anos, afirmado o uso compulsivo de substâncias psicoativas como a principal motivação desse contexto. Possui o Ensino Médio Completo. Pertencente ao mundo das artes, já participou de grupo de teatro e frequentemente expressa suas emoções e pensamento através da poesia. Atualmente é integrante do MNPR/PE, atuando na luta pelos direitos da PSR e traz consigo visões de mundo com envergadura política.

#### Cabulosa

Cabulosa, nome escolhido por ela para a sua identificação, é travesti, bissexual e se autodeclara parda. Tem 29 anos. Possui o Ensino Fundamental I incompleto. Com histórico de sobrevivência nas ruas desde a infância, relata situação de rua há 18 anos devido à violência na comunidade que residia. Possui histórico de acolhimentos institucionais tanto na menor idade quanto na maior idade. O vínculo com a mãe é preservado, sendo seu domicílio a última

residência antes de voltar às ruas. Devido a conflitos no território, os encontros com a mãe são pontuais em locais distantes do domicílio da mãe. Nas ruas, refere vinculação afetiva, de cuidado e apoio a outras mulheres trans/travestis.

#### Miriam

Miriam é uma mulher cis, heterossexual, se autodeclara parda e possui 45 anos. Possui Ensino Fundamental completo. Em situação de rua há 15 anos, oscilando esse período em domicílio familiar. Afirma que a motivação para tal contexto se deve ao luto da morte do seu pai e pouco depois do seu companheiro à época, como também ao seu costume à vida nas ruas. Entusiasta das atividades físicas, sonha em realizar a graduação em Educação Física. Já facilitou aulas de capoeira informalmente. Possui vínculos fortalecidos com suas duas filhas adultas e que se disponibilizam para acolhê-la, mas Miriam opta em não ir. Atualmente namora com um homem.

#### Alexandre

Alexandre é um homem cis, bissexual e se autodeclara preto. Tem 50 anos e é analfabeto. Refere situação de rua há cerca de 30 anos, afirmando a fuga de um “internato” no interior do estado de Pernambuco como a principal motivação desse contexto no qual viveu por cerca de 12 anos. Nesse período, oscila entre acolhimento institucional, instalação em ocupações e a rua. Não conhece familiares. Tem dois filhos, mas sem contato. Atualmente está em um relacionamento homoafetivo.

#### Sofia

Sofia é uma mulher cis, heterossexual e se autodeclara branca. Tem 55 anos e cursa o Ensino Fundamental através do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Em situação há 4 meses motivado por abandono e falta de assistência familiar. Nas ruas, conheceu o seu parceiro atual André, componente do MNPR/PE. Atualmente, Sofia também compõe o movimento político de lutas pelos direitos da população em situação de rua. Também ocupou uma cadeira como conselheira no CMAS (Conselho Municipal de Assistência Social), evidenciando o importante lugar da militância política na sua vida.

#### Edson

Edson é um homem cis, homossexual e se autodeclara pardo. Possui 43 anos e refere o

Ensino Fundamental completo. Considera que o uso compulsivo de substâncias psicoativas foi o motivo pelo qual chegou às ruas, condição que se encontra há 22 anos. Possui vínculos familiares preservados, sendo visitado nas ruas por familiares esporadicamente.

Pedro

Pedro é um homem cis, heterossexual e se autodeclara pardo. Possui 24 anos e tem o Ensino Fundamental incompleto. Está em situação de rua há 1 mês devido a conflitos familiares, desemprego e falta de moradia.

Caio

Caio é um homem cis, heterossexual e se autodeclara pardo. Possui 26 anos e refere o Ensino Fundamental completo. Há 4 meses em situação de rua, motivado por desemprego, falta de moradia e conflitos familiares. Possui vínculos familiares preservados.

Lamartine

Lamartine é um homem cis, heterossexual e se autodeclara pardo. Possui 35 anos e com o Ensino Médio completo. Há 3 anos em situação de rua motivado pelo uso compulsivo de substâncias psicoativas. Possui vínculos familiares preservados e visitas pontuais aos parentes.

Bruno

Bruno é um homem cis, heterossexual e se autodeclara pardo. Possui 35 anos e tem o Ensino Médio completo. Está em situação de rua há 3 anos e a motivação, de acordo com ele, é o desemprego. Possui vínculos familiares fragilizados, pois parte da maioria reside em São Paulo e a distância e dificuldade de contato comprometem a relação.

Em todos os três encontros, os(as) participantes foram questionados(as) a respeito da maneira de como desejariam se identificar nos relatos da pesquisa e todos(as) participantes, exceto Cabulosa, optaram pelo nome próprio, dispensando nomes fictícios. Dessa maneira, foi respeitado o desejo das pessoas e os seus respectivos nomes.

### 3.5.2 PRIMEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SOBRE O AMOR

Nesse encontro, participaram Allan, José, Nathanael, Josélia, Rodrigo, Cabulosa, Miriam, Alexandre e Sofia. Diverso e complexo em sua totalidade, a composição do grupo é significativamente representativa se olharmos os dados dessa população como apresentado anteriormente. De forma natural e orgânica, a formação dos Círculos de Cultura foi desenhando um retrato dos últimos dados acerca dessa população nos últimos anos, sendo consoante ao perfil da PSR no contexto brasileiro e recifense.

Em relação ao gênero, o grupo foi composto majoritariamente por homens, que contabilizaram cinco, seguidos por três mulheres e uma travesti. Sobre a raça, em consonância com a cor negra da rua explicitada nos dados nacionais e municipais sobre a PSR, cinco pessoas se declaram pardas, três como pretas e uma como branca. Destaca-se, dentre os marcadores sociais, a questão da raça. A presença de uma pessoa branca neste momento do Círculo de Cultura se resumiu a uma participante.

A idade dos participantes também chama atenção em um detalhe, no qual um homem de 61 anos e um jovem de 23 anos compõem o mesmo grupo, apontando para as diferentes e distantes gerações que vivem nas ruas.

No que diz respeito à escolaridade, uma pessoa é analfabeta, cinco participantes possuem o Ensino Fundamental incompleto, uma pessoa possui o Ensino Fundamental completo, uma possui o Ensino Médio completo e uma pessoa o Ensino Médio incompleto.

Quanto ao período de tempo em situação de rua dessas pessoas, há uma variação significativa, indo de 4 meses a 30 anos. O distanciamento dessas idades aponta para a ampla abrangência geracional de pessoas em situação de rua.

### 3.5.3 SEGUNDO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: DISCUSSÃO DA PALAVRA GERADORA “AMOR”

Participaram desse encontro Allan, José, Alexandre e Pedro. Diferentemente da composição diversa, no tocante ao gênero, do primeiro círculo de cultura, este grupo foi composto apenas por homens. O marcador geracional permanece, no qual um homem de 61 anos divide o espaço e a mesma condição com um homem de 24 anos, o que reforça o apontamento feito anteriormente a respeito das diversas idades das pessoas que sobrevivem na rua.

Em relação ao período de tempo em situação de rua, há um contraste significativo. Os participantes referem situação de rua há 1 meses, 2 anos, e 22 anos. No que diz respeito à escolaridade, três participantes possuem o Ensino Fundamental incompleto e um participante o Ensino Fundamental completo.

Coincidemente, Allan, José e Alexandre também estiveram presentes nesse encontro. Tomados pela experiência do Círculo anterior e desejosos pela continuidade da discussão acerca do amor, ao escutarem o convite coletivo às pessoas que estavam no Centro Pop Glória neste dia, manifestaram interesse imediato no segundo momento do círculo de cultura.

Enquanto os diálogos aconteciam, Alexandre estava sonolento. No decorrer do círculo, interrompeu a discussão e se retirou para o dormitório.

### 3.5.4 TERCEIRO MOMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: CRIAÇÃO DE SITUAÇÕES SOCIOLOGICAS ACERCA DO AMOR

O terceiro momento do Círculo de Cultura foi composto por cinco pessoas, sendo quatro homens e uma mulher. Participaram do encontro Caio, Lamartine, Bruno, Josélia e Edson. Josélia e Edson, coincidentemente, estiveram presentes no primeiro e no segundo momento do Círculo de Cultura, respectivamente. Destes, apenas uma pessoa possui o Ensino Fundamental incompleto, seguida de duas pessoas com Ensino Fundamental completo e duas com o Ensino Médio completo.

Em relação ao período de tempo em situação de rua, há uma diferença marcante. Os participantes referem situação de rua há 4 meses, 3 anos, 22 anos e 16 anos.

## 4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1. ARRUANDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR NAS RUAS DO RECIFE: TOPOGRAFIA DA AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA VIDA DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Este estudo tem como ideia central a análise das representações sociais do amor para pessoas em situação de rua, buscando uma aproximação ao pensamento social desta população acerca do amor e, consequentemente, às dinâmicas de vida dessas pessoas pela via da afetividade e das relações amorosas, a fim de inscrever outras formas de viver que não se resumem à violências, uso de substâncias psicoativas e corpos encerrados em necessidades básicas.

A partir da análise de conteúdo temática, cujo objetivo é sistematizar e descrever as falas dos sujeitos, foram organizadas categorias de análise por temas, a fim de facilitar a interpretação do pensamento social do amor expressas tanto por meio de falas quanto de desenhos realizados pelos participantes durante o grupo (Bardin, 2011).

Adiante, o leitor será contextualizado à transformação das categorias temáticas em pontos de uma cidade arquitetada pelo pensamento social do amor das pessoas que vivem nas ruas. Sem comprometimentos à estrutura e proposta da análise dos dados dessa pesquisa, a metaforização das categorias de análise em cantos de uma cidade apostava em potencializar imagética e imaginariamente os sentidos da amorosidade que compõem as relações das pessoas em situação de rua.

Os três momentos do círculo de cultura elencaram doze categorias temáticas que serão detalhadas adiante, sendo elas:

Quadro 4

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>
ARRUANDO PELAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AMOR NAS RUAS DO RECIFE: TOPOGRAFIA DA AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA VIDA DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Praça do Amor Compartilhado;</li> <li>2. Comunidade do Amor;</li> </ol>

- 3. Jardim do Cuidado;
- 4. Ponte do Amor Político;
- 5. Largo do Amor Barganhado;
- 6. Parque do Amor Familiar;
- 7. Avenida Amor de Papelão;
- 8. Rua do Amor Esmorecido;
- 9. Travessia do Silêncio;
- 10. Alto Espiritual;
- 11. Floresta da Amorosidade;
- 12. Mirante do Horizonte

Após a escuta e leitura das falas dos participantes do primeiro momento do Círculo de Cultura, foi possível elencar palavras chaves e temas que se fizeram recorrentes em todo o encontro, o que facilitou a visualização da prevalência de temáticas para a análise que se segue. Organicamente, as categorias de análise foram baseadas e nomeadas a partir das próprias comunicações dos sujeitos participantes da pesquisa, não existindo categorias anteriores estabelecidas.

Os nomes das categorias foram escolhidos pela repetição de palavras e temáticas correlatas, sublinhando a centralidade de aspectos relacionados ao pensamento social do amor para essas pessoas. Cada categoria sustenta um nome no qual os conteúdos das falas dos participantes orbitam ao seu redor.

Em cada categoria a ser analisada, apresentam-se um conjunto de falas que expressam as dimensões do conteúdo das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua participantes da pesquisa. Consoante aos objetivos deste estudo, as categorias que serão apresentadas foram construídas de maneira clara e contextualizada, buscando representar de forma coerente os dados a serem analisados e discutidos.

Em uma leitura geral, as categorias elencadas pela prevalência das temáticas apresentadas nas falas dos participantes apontam para o pensamento social do amor relacionado a alianças de cuidado, à coletividade, estratégias de sobrevivência, relacionamentos íntimos e familiares, categoria política e também a contextos em que o amor esmorece, transparecendo a trama de representações sociais que o amor engendra e sublinhando o sistema representacional que se organiza em torno do objeto (Silvia, Trindade e Junior, 2012).

Entre as categorias que emergiram das falas dos participantes, é significativa a prevalência do amor em sua dimensão coletiva, compondo um cenário do pensamento social do amor para as pessoas em situação de rua que está além do individual e das relações íntimas, transparecendo que “[...] a rua também é um espaço de produções de relações sociais e simbólicas habitados por sujeitos com agência política que exploram o mundo na instabilidade do seu movimento” (Martins, 2016. p. 31).

Nessa pesquisa, as categorias de análises se transmutaram em lugares de uma cidade, palco das relações e vivências das pessoas em situação de rua. A metáfora que compõem as categorias de análises como pontos de uma cidade busca significar uma rua que também é movida por vinculação, cuidado, proteção e luta política, não apenas reduzida a cenas de violência, uso de substâncias psicoativas e desumanização. Adiante, passearemos por praças, ruas, pontes, parques e outros pontos de uma cidade que foi possível compor a partir das falas e vivências das pessoas em situação de rua da cidade do Recife.

Os endereços dessa cidade coreografam o amor em diversos sentidos, não apenas em seu sentido abstrato e romantizado, mas em sua maior parte como uma ação coletiva em busca de uma vida menos mortificada. Em cada curva e marquise, uma manifestação da amorosidade que pouco se fala quando pensamos na dinâmica das vidas nas ruas. Em cada ponto, uma representação social do amor para as pessoas que sobrevivem nas ruas e que desafiam e respondem aos imperativos sociais destrutivos e que despotencializa essas vidas.

A tessitura das relações e resistência entre essas pessoas, pela via da amorosidade, convida a um passeio pelas ruas que pulsam e reclamam a vida. Cada ponto da cidade desenhado a partir do pensamento social das pessoas em situação de rua acerca do amor nos convida a um mergulho nos sentidos da amorosidade e vivências dessas pessoas que não estão preocupadas apenas em sobreviver.

No primeiro momento do círculo de cultura, em uma breve incursão nos pontos de uma cidade onde as pessoas em situação de rua sobrevivem, nos deparamos com a *Praça do Amor Compartilhado*, local onde percebemos trocas, relações e práticas de sobrevivência que visam tornar a vida dessas pessoas menos devastadoras. Nessa praça, há um compartilhamento constante de materiais básicos de higiene, comida, roupas, território e histórias de vida. Compartilhamentos que fazem laço e os protegem das vulnerabilidades extremas de estar nessa condição.

Na *Comunidade do Amor*, alicerçada pelo cuidado mútuo, proteção, segurança entre os sujeitos que ali convivem e delimitação territorial, notamos um ponto central e vital para as pessoas que sobrevivem nas ruas, figurando como um coração que irradia a garantia da vida

para essas pessoas.

O **Jardim do Cuidado** é povoado pelo cuidado a si e com o outro, sendo indissociáveis e complementares. O cuidado enquanto um entrelaçamento de um ao outro que potencializa a vida nas ruas.

Na **Ponte do Amor Político**, importante estrutura que sustenta sentidos da transformação social, é um espaço para a manifestação da força coletiva que busca justiça social e luta por melhores condições de vida para as pessoas em situação de rua.

O **Largo do Amor Barganhado** é um ambiente que se constitui por relações mediadas por trocas de interesses, troca de favores e negociação para satisfação de necessidades. Enquanto o **Parque do Amor Familiar** é baseado na referência à família como provedora de bem estar e felicidade, ocupando um lugar privilegiado para pensar as relações e o mundo a partir dela.

A **Avenida Amor de Papelão** é construída a partir de manifestações do amor em seu sentido afetivo e sexual, novas configurações de relação além da monogâmica e relações íntimas formadas no contexto das ruas.

Em contrapartida aos pontos citados anteriormente, também foi possível perceber a construção da **Rua do Amor Esmorecido**, localidade em que o amor esmorece devido às adversidades na rua, como conflito por território, a fome, violência às pessoas em situação de rua, traição e falta de confiança em outras pessoas na mesma condição. O esmorecimento do amor nas ruas não fala de sua inexistência, mas de circunstâncias que impedem o florescimento da amorosidade.

Silva (2021), no livro *Arruando pelo Recife*, prosaicamente passeia pelas ruas do Recife entre o tempo e as palavras, pincelando a sua construção, as suas marcas e entranhas, como também as belezas e misérias da histórica cidade. Elege a expressão *Arruar* enquanto exercício de olhar e escutar o desfile do tempo e suas vicissitudes na formação e transformação do Recife. Poeticamente, o autor perambula pelas ruas históricas do Recife em um passeio literário e sedutor. Além do sentido geográfico, o autor passeia pelos cheiros, pela alma, cultura e relações sociais do povo que habita essa terra.

As ruas do Recife podem figurar como local de passagem, amparo para festividades calorosas, solo para o avanço do capital e tantas outras finalidades. Mas esse mesmo espaço ocupa o local de sobrevivência para pessoas que não possuem domicílio, que não estão de passagem, que fixam permanência. Sendo palco de interações sociais e relações com a urbanidade, a rua é um campo de produção de saber por esses sujeitos que costuram técnicas de sobrevivências e resistências em meio à desumanização e violações de direitos.

A *Praça do Amor Compartilhado*, composta por falas e associações entre amor e compartilhamento, é uma via com cenas de partilha do material ao imaterial. Por vezes, o amor que é associado ao compartilhar surge como a divisão do que é básico para a sobrevivência e dignidade humana. Nessa praça, o ato amoroso do compartilhamento não se restringe aos bens materiais, também acomoda o compartilhar a presença e o cuidado, por exemplo.

Em uma sala de tamanho médio, destinada à área da biblioteca do Centro Pop Glória e forrada com um tatame para melhor conforto, sentamos ao chão em formato de círculo para o início da atividade. Sofia, por questões de mobilidade, preferiu sentar-se em uma cadeira no mesmo círculo. Acomodadas e acomodados, naturalmente o diálogo teve início mesmo antes das questões disparadoras descritas no quadro 1.

Antes de iniciarmos as discussões sobre o amor, enquanto os participantes assinavam o TCLE, Rodrigo reflete o amor enquanto compartilhamento de materiais. Cabulosa diz estar sem caneta e não consegue assinar. Rodrigo diz:

*“Eu tenho caneta, amor é isso, compartilhamento...”*

Rodrigo, em meio à discussão que girava em torno da definição do amor para cada pessoa presente, afirma:

*“Amor é questão de compartilhamento de alimento, de história de vida, de ESPAÇO (entonação acentuada nesse momento). Eu acho que é o que mais existe. Eu dentro de uma casa não tinha tanta atenção, carinho, tantas amizades como eu tenho agora... Viciadão na rua.”*

Na mesma direção da fala de Rodrigo, Nathanael, discorrendo o seu histórico de relações nas ruas, fala sobre o compartilhar de itens básicos:

*“Eu passei na rua, ne... E assim.... Quando a gente tá na rua, às vezes a gente encontra uma pessoa... E a gente encontra várias pessoas, ne? Eu já encontrei várias pessoas, assim.... Eu to com ele aqui, aí ele “Macho, eu tô precisando de uma roupa. Tu tem uma roupa pra me emprestar?” Eu ajudei ele com uma roupa. Isso também é uma forma de eu dizer... de eu descrever o amor, ne? Aqui uma roupa, mesmo que eu não possa dar, mas toma aqui a roupa, toma aqui o desodorante, um sabonete. Sempre tá ajudando ali, isso também fez parte da minha história. Até hoje também uma pessoa precisa de mim, mesmo eu tando em situação de rua eu vou ajudar ela, entendeu? Isso também eu descrevo como amor.”*

Rodrigo e Nathanael falam de itens essenciais para a sobrevivência que são compartilhados entre pessoas em situação de rua: alimento, espaço, roupa, desodorante, sabonete. Em um contexto de extrema vulnerabilidade e ausência de direitos básicos à vida, o

ato de compartilhar pode ser lido como uma ação reparadora e mantenedora da sobrevivência nas ruas, deslocando a ação do individual ao coletivo.

Nathanael afirma que mesmo não podendo ceder, compartilha o objeto. Nesse jogo de palavras que brinca com o possível através do impossível, destacamos a disponibilidade do compartilhamento para além do objeto. O que aponta para um estado de disponibilidade e inclinação ao outro, independente da possibilidade do compartilhamento do objeto. O amor, nesse sentido, objetiva-se em aspectos materiais, mas também imateriais, que atendem às necessidades básicas dessas pessoas.

Além do compartilhamento de objetos básicos, Rodrigo também faz menção à partilha de espaço, momento em que sua fala é salientada quando nomeia tal palavra, fazendo relevo à dimensão espacial para a PSR. Enquanto definia o amor e o representava como compartilhamento, Josélia também traz em sua fala a dimensão territorial ao discorrer sobre estratégias de sobrevivência, dizendo:

*“Ó, eu mangueio, mas você não vai sofrer nem eu vou sofrer. Nós dois vai manguear junto.” Tá entendendo?”*

Manguear é uma palavra corriqueira para pessoas em situação de rua. Kunz, Heckert e Carvalho (2014), a partir de diálogos com pessoas em situação de rua do Espírito Santo, descrevem a prática de manguear como uma das estratégias de sobrevivência que consiste em pedir dinheiro às pessoas a partir de narrativas que buscam sensibilizar e cativar os transeuntes.

Com essas palavras, Josélia exemplifica o compartilhamento do espaço físico para a prática de manguear, afirmando que a negociação de práticas de sobrevivência também são compartilhados entre pessoas em situação de rua.

Para considerar o território no contexto da situação de rua é necessário entendê-lo para além do espaço físico. O território é uma composição complexa, uma teia de relações de poder na qual os sujeitos que ali sobrevivem costuram, mediados por dinâmicas sociais, culturais, históricas, econômicas e políticas. O território é um espaço dinâmico que sempre está em movimento a partir das interações sociais entre os sujeitos (Santos, 2002).

É nessa teia de relações e composição do território que Rodrigo e Josélia significam o compartilhamento enquanto uma manifestação amorosa. Em meio às relações no território, compartilhar estratégias de sobrevivência é um dos movimentos coletivos para assegurar e fortalecer a sobrevivência da vida nas ruas.

Em ambos os sentidos das manifestações do amor representado como compartilhamento, o que está em jogo é a afirmação da humanidade e um ato de resistência à

precariedade da vida dessas pessoas, no qual o amor é um gesto concreto de fortalecimentos das relações e da comunidade que resiste à desumanização estrutural nessa população. As falas em destaque comunicam o amor em uma dimensão coletiva e enquanto uma ética de vida (hooks, 2021). O amor, nesse contexto, dialoga com os sentidos de solidariedade, proteção e cuidado, objetivando-se em práticas de compartilhamentos e objetos no cotidiano da vida nas ruas. Percebe-se, assim, a relevância do sentido de comunidade para essas pessoas que será explorado adiante.

Nesse sentido, é notável como o contexto social atua como um contorno para que os sujeitos mobilizem as suas representações sociais. Estamos diante de sujeitos em extrema vulnerabilidade, com violações de direitos básicos à vida e diversas camadas de precariedade e violência, elementos que atuam diretamente na forma como significam o mundo, se relacionam e se comunicam.

Percebe-se, com isso, o contexto social, suas lógicas e formas de organização presentes nas representações sociais do amor para essas pessoas, apontando o pertencimento social como relevante na construção e compartilhamento de representações. O contexto da situação de rua localiza socialmente esses sujeitos que partem dessa realidade para o pensarem e se relacionarem com o outro (Doise, 2002).

Vala e Castro (2013), ao discutirem os elementos que atuam nas elaborações e compartilhamentos das representações sociais afirmam que “o projeto das representações sociais é examinar como se modifica o senso comum ao ser alimentado, não só pela ciência, mas também por todos os outros sistemas sociais” (Vala e Castro, 2013, p.582).

Nas andanças em territórios amorosos das pessoas em situação de rua, também nos deparamos com a **Comunidade do Amor**, constituída por comunicações dos participantes da pesquisa que associaram Amor e ao sentido de Comunidade. Nessa localidade, são abundantes cenas e relatos de um grupo que se protege, promove a segurança um do outro e mutuamente se cuidam. A sobrevivência orbita a centralidade da Comunidade do Amor.

O amor, associado à noção de comunidade, foi um tema significativo nas falas das pessoas em situação de rua, sendo comunicadas a partir de exemplos do cotidiano ou da própria palavra para descrever o amor. Em mais uma temática, o amor é pensado e vivido por essas pessoas em seu sentido coletivo, que faz laço com os pares em situação de rua e se fortalecem para o enfrentamento às adversidades e precariedades da vida nas ruas. O amor enquanto uma ação, nas palavras e vivências dessas pessoas, é objetivado deslocando-se de um sentido abstrato e se manifestando através de práticas cotidianas de cuidado e em ações coletivas.

Espontaneamente, antes de eu verbalizar as questões disparadoras, Allan diz:

*“Eu vou começar... Eu tava falando nesses dias sobre os afetos aí que a gente constrói na rua e eu acho que um lugar que não tem muito preconceito se chama as Al Qaeda. Entra todo mundo... Todo mundo tem relacionamento com todo mundo naquele local que a gente dorme. Não tem preconceito racial de cor, de gênero, de nada... Se você chegar dentro de uma casa e tiver uma pessoa trans ou uma pessoa “sexual” lá se beijando, se abraçando... A turma lá dentro da casa vai ficar: “Que frescura do carai, não sei o que...”, mas isso onde a gente dorme, o colchãozinho da gente, a galera namora mermo, beija na boca... E é o local onde a gente vê, que a gente olha assim e não tem preconceito. Porque a gente já sofre tanto preconceito...”*

A expressão *Al Qaeda* surge repetidas vezes nas falas das pessoas que estavam no Círculo, sempre em um contexto que comunica o senso de comunidade. A fim de melhor entender a significação da expressão, peço que Allan explique a *Al Qaeda*, momento em que responde:

*“Al Qaeda é um local que fica numa população de pessoas em situação de rua, dormindo todo mundo junto. Al Qaeda pode ser um papelão no chão. “Vamo pra onde?”, “Oxe, pra Al Qaeda da gente lá onde a gente dorme.” Porque ali a gente se sente seguro, porque tá todo mundo junto ali.”*

Após a definição de Allan, Rodrigo argumenta:

*“É tipo um territoriozinho seu onde tem a mesma galera. E é todo mundo as mesmas pessoa tá ligado? Geralmente faz uma cabana, um papelão... É um espaçozinho seu e compartilhado.”*

Nesse sentido, podemos perceber a rua também como um espaço de organização de uma rede de companheirismo e relações que constitui um espaço para além do abandono. A rua como um espaço de pertença. (Pessanha, 1995).

A *Al Qaeda* enquanto objetivação da representação social do amor reflete a complexidade e a dinamicidade do fenômeno das representações sociais. Comumente associada à violência e ao terrorismo, no pensamento social das pessoas que sobrevivem nas ruas do Recife, a *Al Qaeda* ressignificou-se e carrega valores de um grupo de fortalecimento dos laços sociais, de solidariedade e cuidado que se protege das ameaças externas.

Moscovici (2015) traça um paralelo entre o universo reificado e consensual. O primeiro diz respeito aos conhecimentos científicos estruturados pelo rigor lógico e metodológico, enquanto o segundo remete aos conhecimentos construídos e compartilhados no senso comum. Em se tratando da teoria das representações sociais, a atenção se volta ao

senso comum, ao pensamento social que organiza a leitura do mundo das pessoas. Nesse sentido, a nossa atenção se voltará às significações que os sujeitos conferem aos objetos e as articulações a partir destes.

Em meio às dinâmicas de sobrevivência nas ruas, a *Al Qaeda*, nesse contexto, é uma significação de um grupo coeso em meio às imprevisibilidades da vida nas ruas, catalisando a extrema vulnerabilidade em um convívio menos mortificador e afirmando as linhas de força da vida em comunidade, como também um espaço de pertença a um grupo territorializado.

A representação social, enquanto conhecimento compartilhado que permite a leitura da realidade e que organiza tanto ideias quanto comportamentos no senso comum (Moscovici, 2015), torna-se relevante quando observamos a forma como as pessoas em situação de rua relacionam o pensamento do amor à ideia de comunidade e à *Al Qaeda*. Essa maneira de ler a realidade transforma a experiência de estar nas ruas em algo menos solitário e mais organizador ao ancorar o pensamento em valores de união, proteção, segurança e cuidado coletivo.

Allan, integrante do Movimento Nacional da População de Rua de Pernambuco, enquanto prossegue na definição da *Al Qaeda*, narra a chegada de Rodrigo à sua comunidade em que ele era o líder:

*“[Al Qaeda] é um cuidando do outro, pô! Quando eu vivia na Al Qaeda, quem chegou pra dormir na minha Al Qaeda foi Rodrigo. Eu deixei.*

Rodrigo continua a fala de Allan:

*“Era nosso líder; eu fiquei entre ele e a mulher dele (risos).”*

Nesse momento do diálogo entre os participantes, é possível perceber a organização do que nomeiam como *Al Qaeda*, sendo reconhecido um líder que possui o poder organizador do espaço, como a composição dos seus componentes, por exemplo. Essa dinâmica de organização desafia as narrativas limitantes direcionadas a essa população, apontando para habilidades grupais que fortalecem essas vidas ao traçar estratégias de organização e sobrevivência.

Após a chegada e acolhimento à *Al Qaeda*, Rodrigo é contextualizado às lutas do MNPR/PE, aproximando-se até que passa a integrar o Movimento. Rodrigo também compõe, atualmente, a cota da sociedade civil no Conselho Municipal de Assistência Social da Prefeitura da Cidade do Recife que possui o objetivo de deliberar, fiscalizar e controlar a Política de Assistência Social do Recife.

A *Al Qaeda*, enquanto comunidade e território de relações amorosas de cuidado e proteção, foi base e impulso para o fortalecimento do MNPR/PE, na qual Rodrigo além do

acolhido foi letrado politicamente através do repertório de Allan e dos ideais do Movimento. Assim, é possível percebermos sinais do que iremos analisar adiante: o amor enquanto categoria política.

Em diálogo com Joselia, que discute e relativiza a sua vivência na *Al Qaeda* devido a desconfiança das pessoas com quem convive, Allan afirma:

*“Mas o que eu quero te dizer é uma coisa... Eu quero que tu entenda uma coisa. Na hora que tu tá lá, que a gente chama aquilo de Al Qaeda quando tu vai simbora pra tua Al Qaeda com os teus parceiros, tu não se sente segura ali junto deles, tu não sente amor com eles ali não? Tu não se sente segura de tá ali não? Quando tu chega lá, eles conversam contigo? Pergunta se tu comeu? Tu pediu uma garrafa de água, eles não te dão?”*

Nessa comunicação, é perceptível uma tentativa de convencimento da parte de Allan para um entendimento a partir de sua condição de homem cis, que estabelece um outro trânsito de existência e relação com o contexto da rua, completamente distinto de uma mulher cis ou transeual. Para uma mulher, Josélia, a segurança vinda de uma *Al Qaeda* é uma experiência questionável.

O sentido da *Al Qaeda*, nas palavras e experiências de Allan, é ampliado e se projeta além dos aspectos territoriais, também figurando como uma dimensão que reflete formas de se relacionar e cuidar um do outro.

Em reflexão à composição das relações amorosas que tecem a *Al Qaeda*, Allan exemplifica:

*“Ele é até um toque no amor nas Al Qaeda lá... “Porra, mano... Tas num uso muito abusivo”, “Se liga, oxe.”, “Cade aquela nega?”, “Tu tá trocando o amor, véri, pela droga?”, “Tu não ta nem namorando mais, véri?” “Tu tá trocando o amor pela droga.”, “Que isso, meu irmão, tu não era assim, vei...”*

No mesmo sentido das falas de Allan, rememorando a sua história no contexto das ruas e refletindo a sua vivência na *Al Qaeda*, Cabulosa diz:

*“De 11 até os 14 anos eu também tive, como ele disse, uma Al Qaeda debaixo da ponte. Às vezes eu tava dormindo e a pessoa me acordava: “Oia, tem comida pra tu, visse?” E não foi por coisa (interesse) não. Foi por amizade. E se é pra usar (drogas): “Ei, esse aqui eu não vou te dar não...”*

Após essa discussão, tomado pela dúvida e desconhecimento das dinâmicas próprias da vida nas ruas do Recife, Nathanael questiona:

*“O que é a Al Qaeda que eu ainda não entendi o que é?”* E responde a si mesmo no intuito de ratificar com os demais participantes: *“É uma tribo, ne...?”*

Como apontado anteriormente na descrição dos participantes do primeiro momento do Círculo de Cultura, Nathanael chegou ao Recife no dia que ocorreu este grupo. Alheio às especificidades das dinâmicas das ruas do Recife, desconhece o que é característico deste território, o que o leva a questionar o sentido de *Al Qaeda*. Isso aponta para a dimensão da linguagem enquanto mediação das representações sociais de determinados grupos, que insere o objeto em um mundo simbólico (Moscovici, 2015).

O sentido da *Al Qaeda*, característico para as pessoas em situação de rua na cidade do Recife, faz uma barreira comunicativa e de experiência com Nathanael que vem de outros territórios, práticas sociais e vivências, pois a linguagem desse grupo de pessoas não encontra repertório em suas vivências.

Construída socialmente a partir das práticas sociais, a população em situação de rua do Recife forjou o sentido da *Al Qaeda* como espaço de segurança e sobrevivência para dar conta da realidade material e simbólica que a cerca, expressando marcadores e singularidades dessas pessoas. Ao chegar nesse grupo, Nathanael mergulha no que há de específico dessa população, que comporta a vivência da *Al Qaeda*, compondo e vivenciando a partir de seu repertório o que é próprio dessa população em situação de rua em solo recifense.

Em meio ao concreto e às durezas das ruas, visualizamos o *Jardim do Cuidado* arquitetado pelas palavras e vivências das pessoas em situação de rua que associaram o amor às práticas de cuidado a si e ao outro.

Tomamos como mote para a caracterização deste canteiro a metaforização do amor no contexto das ruas que Allan constrói:

*“Você tem que ver que o amor, ele flora em lugar que você nem imagina... Em qualquer canto. O amor é assim... Você jogou uma semente em qualquer lugar e ele vai nascer uma flor... Num hospital, numa maternidade, em todo canto pode nascer o amor. Na fila do almoço do Restaurante Popular, no cemitério... Em todo canto... Dentro do Centro Pop...”.*

Allan entrelaça as palavras para afirmar que a rua é um espaço no qual o amor aflora.

O Jardim do Cuidado é fruto das relações de cuidado consigo e com outras pessoas que habitam as ruas. As folhas e flores desse terreno nascem a partir de laços de cuidado entre essas pessoas e que projetam essas vidas e possibilitam formas de existências mais potentes. Adiante, no Círculo de Cultura 3 composto por uma intervenção artística a partir da grafite, conteúdos relacionados à natureza - girassol, sol e árvores - serão centrais nas expressões das pessoas em situação de rua em relação ao amor.

O Jardim do Cuidado é um lembrete através das belezas e das cores vibrantes das

árvores e flores de que as relações das pessoas em situação de rua também são permeadas pela amorosidade e cuidado. Nesse canto da cidade, mais uma vez a vida insiste.

Enquanto falava da violência e ausência de amor das outras pessoas dirigidas a PSR, Sofia diz:

*“Não existe amor ao próximo.”*

Miriam questiona o que é amor ao próximo e Sofia responde:

*“É você, por exemplo, você tá comigo e eu cuidar de você, não deixar que nada de mal aconteça a você. Você tá precisando de um abrigo, de um canto e eu chegar e dar esse abrigo a você.”*

O sentido do abrigo nas palavras de Sofia está além do domicílio ou instituições, referindo-se às relações de cuidado como um abrigo, um espaço geográfico nas vias públicas mas também simbólico de proteção, constituído por e para as pessoas em situação de rua.

Rodrigo, em uma de suas falas sobre o amor, afirma:

*“Amor pra mim, ele é uma espécie de manifestação do que a gente tem de melhor, não só pra gente mas pro próximo. Acho que amai o próximo, dê o melhor para o próximo. Ama-te a ti mesmo, dê o melhor para você.”*

Com essas palavras, Rodrigo reflete sobre as práticas de amor associadas ao cuidado tanto consigo como com o outro.

Refletindo sobre a amorosidade como prática de cuidado a si e do outro, Rodrigo fala:

*“O amor sendo o melhor que você pode dar, ele melhora nesse sentido mesmo da pessoa se sentir humana de novo, se ver como ser humano de novo, não só como uma necessidade ambulante, por que eu me sinto uma necessidade ambulante. Eu sou dependente químico... sempre fui, na real. Eu acho que o crack nunca foi o problema, o problema deve ter sido eu e meus problemas mentais. E também a ausência de amor familiar. E eu sou uma necessidade ambulante, to sempre querendo fumar um cigarro, tô sempre querendo um gole de cachaça, tô sempre querendo comer, tô sempre querendo dormir, tô sempre querendo tomar um banho. Eu sou só necessidade. Eu nunca parei pra pensar se eu to sendo gente de novo, tá ligado? Eu acho que o amor, ele pode me ajudar nesse quesito de o outro me enxergar como um ser humano de novo, consequentemente usar essa pessoa como espelho e me enxergar como ser humano. Eu me cuidando, eu posso cuidar do outro. E o outro me cuidando eu posso voltar a cuidar de mim.”*

As palavras de Rodrigo entrelaçam a problemática redução das pessoas em vulnerabilidade a dimensão material e física (Sawaia, 2004) e a noção de alteridade radical (Jodelet, 1998), sendo esta referente a maneira de ver e tornar o outro um estranho a partir de

uma diferença exacerbada.

Rodrigo reflete o amor como facilitador do retorno a sua humanidade, que é assolada por sua condição de “necessidade ambulante”. Nesse sentido, pensar, falar e vivenciar a amorosidade ocupa um lugar de lembrança e retorno a sua condição humana que não se resume às necessidades cotidianas. Ser percebido pelo outro pela lente da amorosidade, para ele, é um reflexo que o subjetiva e o humaniza. Rodrigo reclama um olhar que acolhe e aproxima, ao contrário de um olhar que distânciaria e o torna estranho, enlaçando essa dimensão aos sentidos do cuidar e do cuidar-se.

Miriam também pensa o amor como uma manifestação de cuidado e acolhimento entre as pessoas em situação de rua:

*“Eu acho que o principal é o acolhimento, a conversa... A conversa é a base de tudo. Amizade... O respeito vem com o dia a dia, porque se você tem amizade, você conhece aquela pessoa, sabe onde tá a ferida. Aí você cuidando junto, acho que é a conversa, porque se não tem conversa você não sabe o que o cara tá sentindo. Diálogo pra poder conhecer.”*

No mesmo sentido da fala anterior, Joselia afirma:

*“O amor pra mim é o respeito... Você conversar com ele... Um conversando com o outro batendo a real.”*

Sobre as suas experiências na rua e como o amor se faz vivo através de práticas de cuidado, Cabulosa fala sobre a sociedade civil que se organiza e leva comida a PSR, comumente nomeado por essa população como “Comunidade”:

*“Na comunidade... No centro da cidade, eu sinto amor e carinho.”*

Allan também reflete sobre a presença da organização da sociedade civil e sua relação com a PSR, significando a amorosidade em práticas de cuidado que estão além da entrega de alimentos:

*“Tem pessoas que no meio da rua não vão nem levar alimentos, vão sentar ali e conversar com aquela pessoa em situação de rua. E quando eles vão simbora, o impacto que ele deixou naquela pessoa que tava lá naquele papelão foi mais positivo que aquele cuscuz com salsichinha. Isso é uma forma de amor de a gente tentar se colocar no lugar do outro, de tentar conversar, de tentar abrir espaço, diálogo.”*

A **Ponte do Amor Político** é um outro ponto da cidade imaginária possível de ser construído através das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua. Sustentada por representações sociais do amor relacionadas à políticas públicas, acesso pleno a direitos, organização coletiva para lutas e resistência e justiça social, a Ponto de Amor Político tem a potência de atravessar dois extremos: da exclusão para a inclusão. Nesse

sentido, nas palavras e vivências das pessoas em situação de rua que compuseram o primeiro momento do Círculo de Cultura, o amor também organiza uma categoria política enquanto direitos e ações que podem potencializar a vida dessa população.

São falas que transparecem o amor como uma força motriz para a transformação social e a justiça social, partindo da ideia de que o amor é um ato que deve ser concretizado nas ações cotidianas com o coletivo que promovam a vida e sua potencialização (Vieira, 2019).

Nesse sentido, a dimensão do amor apresentada “[...] é acima de tudo um caminho que se percorre, uma decisão e uma forma de viver. Pensar o amor como uma atitude, construção artesanal, fazer diário. Ele deve se manifestar concretamente em nosso dia a dia. O amor é enquanto acontece” (Vieira, 2019, p. 41). Além disso, o repertório do amor que essas pessoas apresentam desafia os sentidos do amor em seu sentido abstrato, individual, seletivo, romântico e privilegiado, comumente onde os sentidos do amor se ancoram em contextos hegemônicos. Assim, o que era inimaginável ou pouco pensado no contexto das ruas, abre uma fresta e inscreve que o amor e seus amplos sentidos também fazem parte do repertório social e práticas das pessoas em situação de rua.

Rodrigo, enquanto falava sobre as práticas amorosas como facilitadoras de novas e outras formas de viver para a população em situação de rua, diz:

*“O amor é um direito. Ele está entre a gente, né?”*

Em mais um movimento de deslocamento dos sentidos do amor de uma dimensão abstrata e romântica para uma prática das relações sociais, Rodrigo confere ao amor um sentido basilar para as pessoas ao nomeá-lo como um direito. O amor, nesse sentido, aproxima-se mais de uma condição para os sujeitos do que um privilégio. Nas margens da sociedade, a rua, onde comumente o amor não é associado, Rodrigo costura os sentidos do amor nesse contexto.

Nathanael, relatando as suas experiências em serviços socioassistenciais nos estados do Brasil em que passou e analisando as políticas públicas para a PSR, fala:

*“Mas em questão a Centro Pop, abrigos, aqui no Recife é mal desenvolvido. Não é falando mal do Recife, mas aqui é muito mal desenvolvido. Assim, você chega lá (RJ/SP), querer um canto pra dormir, você tá em situação de rua, você vai ter sim, diferente daqui que não tem, é muito difícil. Você passa quatro, cinco dias na rua, se arriscando como ela (Sofia) falou. Então não tem aquela assistência aqui em Recife. Aquele amor, né... As pessoas que estão em situação de rua. Agora fora deve ter uma assistência bem melhor. Isso também inclui o amor.”*

Nathanael, em crítica aos serviços socioassistenciais do Recife para a população em

situação de rua, associa tais serviços e as suas políticas públicas ao amor. Especificamente, significa a ausência de amor nesse contexto devido à precariedade da assistência às pessoas em situação em situação que desejam abrigamento institucional. Nathanael nos diz que o amor significa um direito que deveria garantir condições básicas para a vida das pessoas na rua, conferindo ao amor uma dimensão coletiva e política.

Em consonância às expressões dos outros participantes do Círculo, o amor, nesse sentido, figura como uma ação concreta que poderia se materializar em uma rede de cuidado governamental para comportar as demandas das pessoas que sobrevivem nas ruas.

Allan, refletindo e associando o amor às práticas de trabalho que se destinam à PSR, diz:

*“Eu acredito que o amor, ele tem que tá em tudo até no trabalho. Porque tem muita gente que foca no dinheiro como prioridade na sua vida e não gosta do que tá fazendo, e aquela pessoa que depende do seu trabalho, sofre até com isso. Porque quando você faz uma coisa com amor e ainda recebe aquele dinheiro, eu acho que o tratamento é outro, o carinho é outro, a forma de pensar o ser humano é outro, ele comprehende você melhor. Agora você fazer como tanto faz, e pensar “Ah, eu quero lá saber... Chegar no final do mês, o meu dinheiro vai ta la na conta”.*

Para Allan, o amor presente nas práticas laborais de trabalhadoras e trabalhadores dos serviços que atendem pessoas em situação de rua pode possibilitar acolhimento e compreensão a essa realidade com a dignidade cotidianamente negada mundo afora, alterando até a forma como esses profissionais veem essas pessoas.

Em desdobramento à fala anterior e avaliando as práticas de trabalho nos serviços socioassistenciais do Recife que alcançam a PSR e, Allan diz:

*“Eu acho que é uma coisa muito triste. Muito triste porque muita gente chega aqui não é capacitado. É por indicação que muitos eu conheço são por vereadores e vereadoras, muitos nem concorrem a nada, recebem uma carta de trabalho de fulano aí chega na empresa e a empresa manda pra assistência social pra trabalhar com as pessoa em vulnerabilidade social, feito a gente. Se você chegar ali pra conversar, vai dizer: “Oxe, sai daqui”, num sei o quê... Tem tratamentos aqui, não só aqui... Como outros serviços de preconceito mesmo. Eu fico olhando e pensando assim e dizendo assim: “Se a gente já é tão preconceituoso com a gente mesmo, imagina nós aqui, em vulnerabilidade social. A gente sofre preconceito lá e a gente ainda sofre preconceito dentro dos serviços que a gente frequenta. Porque tem pessoas que diz assim: “Poxa, meu telefone descarregou”, “Oxe, bota ali que eles carrega”.*

O preconceito é destacado na fala de Allan como uma prática presente nos serviços

que atendem a população em situação de rua, provocando um distanciamento quando deveria cuidar e acolher. Criticamente, Allan percebe o lugar que um espaço de proteção social deve ocupar junto a essa população, como também as contradições e violências que brotam nesses lugares reproduzindo violências e mazelas sociais. Nesse sentido, o amor no contexto do trabalho e assistência às pessoas em situação de rua seria uma prática transformadora que potencializaria a vinculação aos usuários dos serviços.

Relatando algumas falas de trabalhadores que não acolhem as queixas dos usuários, Allan fala:

*“Dizer graças a Deus”... “Graças a Deus”... Graças a Deus por tudo, mas... “Tem que dar graças a Deus porque ta funcionando, dar graças a Deus porque tem isso aqui pra tu comer.” Mas se não tivesse aqui pra nós comer, tinha isso aqui pra tu trabalhar também? Isso aqui é um direito que a gente tá na constituição. Isso é um direito de comida, um direito... Oia, a gente já é tão penalizado porque tá lá na constituição... Que é um direito ter uma vida, ter uma casa. Se fosse cobrar tudo que tinha lá... A gente já sofre os direitos dos direitos...”*

Allan continua refletindo sobre a relação trabalhador-usuário:

*“Poxa, eu gosto tanto de ir naquele dia porque toda vez que eu chego lá a mulher me pergunta como foi meu dia, a mulher pergunta como tava lá. É o carinho, Thomas. Chegar num espaço e ta totalmente fechado, numa cápsula fechada esperando dar cinco horas pra largar. A gente tinha que rever isso.”*

Rodrigo, concordando com a fala de Allan em uma associação do amor às práticas de trabalho junto a PSR, reflete:

*“Acho que com certos uns aí devia passar uma formação, uma forma de tratamento, porque realmente a gente é tudo problemático aqui... É a rua que deixa a gente assim. A gente já é problemático, desconfiado, maluco, tem fome toda hora com medo de passar fome, sabe? Tudo é um desespero, porque a realidade é cruel. A gente aprendeu a lidar com ela de forma engraçada. Nós aqui só vive rindo, porque a gente decide lidar com essa realidade de forma cômica pra que não tenha que doer tanto na gente. Então às vezes quando a gente se depara com a divergência... “Eita, carai, vou ter que ativar o modo sobrevivência”. E aí é que certos funcionários de toda a linha socioassistencial deveriam entender que a gente oscila pra caramba.”*

Mobilizado e refletindo como intervir nessa problemática, Allan, a partir de sua militância no MNPR/PE política e estrategicamente fala:

*“Eu acredito que a gente como educador, como Movimento... Era um ponto a se pensar... Tipo assim... “Poxa, será que ta na hora de fazer uma oficina, não é uma coisa de*

*debate, não é uma coisa de briga. É uma coisa de “Poxa, como é que a gente vai fazer pra que a vida daquela pessoa em situação de rua seja mais confortável, amar aquele espaço que você ama?”, “Não é: ah, não vou tá pegando ninguém no braço.” Mas poxa, uma conversa, ter um modo de abordagem, ter um modo de falar...”*

Em sua fala, Allan pensa uma intervenção nos espaços que atendem pessoas em situação de rua a fim de qualificar os profissionais para que exerçam as funções de forma acolhedora, respeitosa e amorosa.

Ainda associando o amor a uma categoria política e transformadora, Allan descreve uma prática amorosa:

*“É o toque né, velho? Uma realidade que você não pode se deixar abater, tem que buscar, lutar mesmo, procurar o seu direito. E daí em diante você vai ver um pouco, você que não tá mais naquela situação.”*

O *Largo do Amor Barganhado* é um espaço da cidade imaginada que é composto por associações do amor ao interesse, troca de favores e negociações que facilitam o cotidiano das pessoas que sobrevivem nas ruas. Dimensão que contrasta em certa medida com as falas destacadas até o momento, o amor foi significado como uma moeda de troca a fim de facilitar as relações construídas nos contextos das ruas. O amor enquanto barganha aponta para condições de vidas em extrema vulnerabilidade que necessitam de negociações contestantes e estratégias de viver em meio à precariedade das ruas.

Em contraponto à fala de Rodrigo que comunicava a dimensão do amor enquanto cuidado a si e ao outro, Miriam afirma:

*“Na prática... Se eu der uma coisa a uma pessoa, ele te ama. Mas se você não der, o negócio já fica feio. Se eu chegar com uma buchudinha<sup>6</sup> e um cigarro eu sou eleita. Mas se eu chegar sem nada ninguém me ama.”*

Em diálogo, Allan afirma:

*“O amor que você procura é um amor de interesse, é de trocas de favores.”*

Miriam responde: *“Não é de interesses... É de troca de favores.”*

Allan questiona: *“Mas se você amar quem não tem nada?”*

Miriam diz:

*“Aí eu amo... É melhor ainda que ele fica só comigo, porque se ele tiver um negocinho ele vai...”*

Podemos refletir a fala de Miriam tensionando a sua condição de mulher cis ao precisar negociar um bem material para a relação afetiva. Ela faz menção a sua relação íntima

---

<sup>6</sup> Expressão comumente utilizada como sinônimo de cachaça.

com o parceiro que se organiza através de interesses.

Calculando a somatória das substâncias que o parceiro necessita diariamente e condicionando o financeiro ao amor, Miriam fala:

*“Se eu to com 27 real, eu tenho amor. Se eu não tiver, ai eu não tenho amor. Se eu tiver 27 real que é o fumo e a droga... Se eu não tiver 27 real eu não sou nada. Vai embora atrás e eu fico sozinha. Amor só de mãe e pai. E nem todos, ne? Mas a maioria é mãe e pai porque ajuda a gente sem nenhum interesse. Mas a partir do momento em que você se [inaudível] com outro cidadão seja homem ou mulher tem que ter algum interesse. Eu, se eu tiver 27 reais, eu tenho amor que é o cigarro e a maconha. Se eu não tenho... Eu levo me acostumando. Até eu ir embora. E você vai se adaptando com um camaleão, que onde você chega você tem que mudar de cor. Mesmo que a sua personalidade seja aquela. Onde você chega você vai se adaptando.”*

Em concordância à dimensão de barganha do amor, Cabulosa relata sua experiência amorosa com um parceiro sendo atravessada por interesse financeiro:

*“Apois meu namorado foi por causa do meu auxílio (Bolsa Família)... Meu auxílio foi bloqueado e acabou o amor todinho. Esse amor foi depois que eu comecei a receber meu auxílio. Depois que meu auxílio foi pro “léo” o amor acabou. To solteira de novo... (risos).”*

Enquanto falava sobre a transformadora experiência amorosa, Allan também associa o amor a uma troca:

*“A pessoa receber aquele carinho, receber aquele amor dela aquela pessoa. “Poxa, vou ter que dar alguma coisa em troca.” Como ela (Miriam) disse: “O amor é uma forma de... Uma moeda de troca.” Você vai ter que amostrar aquela pessoa que aquele apoio que ela ta lhe dando, vai ser alguma coisa positiva pra sua vida. Ela não vai lhe dar amor e carinho e lhe deixar naquela mesma situação. Aquele amor e carinho que você ta recebendo, você tem que ser transformado. Você tem que buscar, você tem que lutar pelo espaço ao sol.”*

O amor, nesse sentido, ocupa o lugar de uma moeda estratégica para a construção e manutenção de relações com o outro, garantindo alianças para as vivências das ruas. Demandando troca de recursos para elos relacionais, o amor é significado como um facilitador dessas relações. O amor capital pode ser compreendido como uma significação que guia práticas sociais e que se origina no contexto da vulnerabilidade extrema e precariedade da vida das pessoas que vivem nas ruas.

O **Parque do Amor Familiar** foi construído a partir do pensamento social das pessoas em situação em situação de rua que significaram o amor à dimensão familiar, considerando-a como basilar e referência para pensar o amor. Além da referência à família nuclear e

consanguínea, a ideia de família foi ampliada às relações que são construídas e vivenciadas nas ruas. O pertencimento e o afeto são dimensões significativas nessa forma de pensar o amor.

Partindo da família enquanto referência naturalizada e provedora de amor, Nathanael diz:

*“Eu acho que o melhor que existe é o amor de família. Pra mim... Eu acho que o amor... O amor... assim.... Eu nunca vivi o amor, ne? Mas assim, na minha visão, o amor é amor de mãe, ne? Amor de família e do espírito santo também.”*

Em seguida, Miriam questiona:

*“Mas e se não teve nem mãe e nem pai?”* Nathanael silencia e não responde.

Mesmo afirmando não ter vivenciado o amor, Nathanael confere à família e ao amor materno o lugar do amor verdadeiro. O participante compartilha o pensamento social acerca da família amplamente difundido na sociedade como uma instituição idealizada e garantidora de bem estar. Nesse sentido, há uma significativa incidência da questão de gênero nessa comunicação, instituindo o lugar natural da mulher e mãe como provedora.

Sofia, ampliando a significação da família para outras composições de relações, compartilha um pouco da história e do seu namorado:

*“O que eu vou dizer acho que Allan já ouviu... Eu não to desclassificando ninguém, mas todos vocês viveram, passaram no momento de rua. Eu não tive isso... Eu tive minha família e tudo. Mas só que minha família me jogou na rua depois e eu velha, eu cuidando dos meus primos. Aí teve uma pessoa, uma pessoa que vocês conhecem, que é André. Eu dormi quatro dias numa praça... Pra quem tinha cama, comida, família... Entendeu?”*

André também é uma pessoa em situação de rua e namorado de Sofia. Atualmente, ambos integram o MNPR/PE. De maneira similar à Rodrigo e Allan, Sofia conheceu o seu parceiro na rua e este já integrava o MNPR/PE. A partir da relação e familiarização com as questões relativas ao Movimento, Sofia passa a compor o grupo que luta pelos direitos da PSR. Nessa história, a relação amorosa nas ruas também compôs e fortaleceu uma aliança política que luta pela dignidade das vidas das pessoas que sobrevivem nas ruas.

Sofia continua:

*“E eu tenho o apoio que eu não tinha com a minha família, o carinho que eu nunca tive com a minha família. Eu desde pequena que sofria... E (André) dizia que me amava e prometeu que nunca ia deixar eu desamparada.”*

Enquanto relatava a sua história com André, refletiu sobre a sua chegada no MNPR/PE e a importância que esse grupo de pessoas tem em sua vida:

*“Me sinto muito bem e muito grata porque é uma família que me faz feliz que eu nunca tive. Então eu sou feliz com o que eu tenho.”*

Nas falas e experiências de Sofia, o MNPR/PE figura entre as suas significações da família. A partir das relações construídas e lutas pelos direitos da população em situação de rua, Sofia encontra uma rede de apoio neste grupo, ocupando um lugar de uma família que nunca teve. Destoando da noção tradicional da família enquanto formação e composição de seus membros, Sofia fala dos laços afetivos como principais para a formação de um espaço de pertencimento e familiar.

A *Avenida Amor de Papelão*, local de passagem e vivência possível de ser construída pelas falas das pessoas em situação de rua que significaram o amor em sua dimensão afetiva e sexual, desfila em seu asfalto os desejos e as relações íntimas e conjugais dessas pessoas, apontando que é possível amar apesar das condições precárias das ruas

Além disso, a nomeação da Avenida inspira-se na tese de doutorado “Amor de Papelão”: trajetórias de casais em situação de rua na Cidade do Rio de Janeiro, da autoria de Ana Claudia Silva Figueiredo (2023), que se ocupa em compreender as relações íntimas e amorosas de casais que vivem nas ruas do Rio de Janeiro, apresentando as suas trajetórias atravessadas pelo contexto da situação de rua.

Narrando a mudança de sua percepção do amor a partir de uma relação afetiva e amorosa, Allan afirma:

*“Eu comecei a acreditar um pouco no amor quando a pessoa fora como ter um lar, uma casa, um colchão, um edredom, um lugar pra dormir e tirar alguém do seu conforto de casa, pra dormir ali na rua. ‘Oxe, tas fazendo o que aqui, mulher?’, ‘Vai timbora pra tua casa’, ‘Não, eu vou ficar aqui mais tu. Eu vou ficar aqui’. Sem interesse um boia de cigarro, sem interesse de um cachimbo. E nem fumar, fuma. Nem beber, bebe. E você ter aquela pessoa ali do seu lado no seu colchão. É você dizer assim: ‘Poxa, existe né vei, o amor.’”*

Enquanto respondia como o amor transformou a sua percepção, Allan se reconhece como uma prova viva:

*“Eu acho que sou uma prova viva dessa pergunta ai, vei... O amor, ele me transformou, vei. Eu me senti vivo de novo... Mesmo naquela pior... Quando a gente diz que chegou ao fundo do poço, quando a gente diz que acabou o chão, a terra. E chegar alguém e oferecer o amor sincero a você, sem querer nada, só a sua companhia, só a sua presença. Isso é amor, velho. E graças a Deus, to bem. E é isso.”*

A experiência com a sua parceira fez Allan acreditar no amor. Após escolher sair do domicílio e habitar as ruas junto com Allan, sua parceira provoca e sensibiliza a significação

do amor no narrador, ampliando o seu repertório a partir das experiências da rua.

Em meio às adversidades nas ruas, as relações conjugais encontram dificuldades de se firmarem e sustentarem, como podemos perceber na fala de Allan:

*“Quando a gente... A maioria das pessoas que estão na rua, que tão em uso (de substâncias), que procura se relacionar com outra pessoa que ta em uso também, é aquele amor passageiro. Não é aquele amor duradouro. É aquele amor que num instante se acaba. Que, poxa, se ela tiver em uso e ele não quiser usar ela vai simbora procurar no meio da rua... E aqui o amor se acaba...”*

As diversas formas de configurar uma relação conjugal no tocante à quantidade de parceiros e acordos estabelecidos também emergiu na fala dos participantes do Círculo Cultura. Allan, em uma de suas falas, parte da ideia da monogamia para significar as relações:

*“A rua, eu fico olhando, ela se transforma tanto num mundo, num vício e com a realidade do mundo. Eu vejo coisas que as pessoas aceita que eu não aceitaria. Ainda sou daquele tempo de 90 que eu não aceitaria. Eu vejo na televisão aí, nos tik tok da vida, nisso e naquilo outro um tal de trisal... Tem pessoas aí na rua se relacionando a três, tem pessoas aí que deixa fluir... A mulher passa pro outro e daqui a pouco volta e faz de conta que nada aconteceu.”*

Contrapondo essa perspectiva, Miriam comenta:

*“É uma forma de amor também.”*

Rodrigo também a acompanha:

*“Compartilhar... Eu não... Eu acho que tem o direito à liberdade. Isso é retrógrado, esse lance de ficar só com um.”*

Nesse diálogo, é possível refletir sobre os valores de cada pessoa que influenciam seus comportamentos. Ora associado à posse, ora ao compartilhamento, o amor se mostra polissêmico dentro do mesmo grupo que possuem traços em comum.

Joselia fala sobre as condições para estabelecer uma relação afetivas-sexuais com outra pessoa:

*“Pra eu ficar com um eu tenho que estudar ele bem muito. Eu vou chegar e meter a cara, é? “Você faz o quê?”, “Você já trabalhou de quê?” Pra emprego as pessoas leva todos os documento... Um emprego pra ele, um emprego pra eu, por que quando nos chegar na casa já é diferente.”*

Em sua fala, Josélia privilegia o trabalho como condição e requisito para estabelecer uma relação conjugal com outra pessoa. Ancorado em valores tradicionais, o trabalho como provedor de segurança e estabilidade financeira pode fazer um contorno a essa representação,

ocupando um lugar relevante para sustentar a relação. Além disso, o pensamento social sobre o trabalho também parte de uma suposta ideia basilar que toca na dimensão da identidade do sujeito, garantindo dignidade e lugar social, além de estar associado à responsabilidade e maturidade.

Na cidade imaginada e construída pelas falas das pessoas em situação de rua acerca do amor, existe a **Rua do Amor Esmorecido**. Em determinados episódios da vida nas ruas, as práticas amorosas se esvaem, se diluem em meio à luta pela vida. Esmorece, mas não é inexistente, como aponta o passeio que fizemos na nossa cidade imaginária construída pelas vivências de quem habita a rua. Circunstancialmente a fome, a luta pelo território e outras violências que acompanham essa população impedem o florescimento e vivência do amor nas relações das pessoas que vivem nas ruas.

Miriam, de forma cética e refletindo sobre a possível existência do amor nas ruas, afirma:

*“Deve existir, né... Não tem o nome?”*

Com essas palavras, Miriam tem notícias do amor através das palavras e dos outros, mas não pela sua vivência. O abismo entre a palavra e a experiência fica evidente na fala da participante. Nesse hiato, as significações da amorosidade para ela são questionáveis.

Em resposta a Allan, enquanto fala sobre a presença do amor nas ruas, Rodrigo contrapõe e relativiza a sua existência:

*“O único ponto importante que eu acho que o amor entre as pessoas em situação... Ele só se diverge, só não acontece quando há disputa de interesse. Aí, vamos supor... Eu estou mangueando pra comprar minha cachaça e Cabulosa tá mangueando também... Então nessa disputa de interesse... Aí há esse conflito, aí não tem amor, não. Mas tirando isso...”*

Sofia, refletindo sobre a violência física que a PSR sofre, diz:

*“Tava passando na televisão... No Rio e Janeiro e São Paulo, o pessoal pintando e bordando com as pessoas que dorme nas ruas. E tem justicieros agora, o justiça fazendo maldade com as pessoas. Quer dizer que agora é ruim, o pessoal em situação de rua... Não tem amor ao próximo. Não tem.”*

Nathanael compartilha da fala de Sofia, apontando o aniquilamento do amor através da violência:

*“Eu passei quatro anos no Rio de Janeiro, passei um ano em São Paulo e assim... Como ela falou... Verdade, tem violência pra quem tá em situação de rua, não existe o amor.”*

Em meio ao diálogo, Cabulosa rememora cenas que já viveu e que tornou o amor esmorecido:

*“Eu já passei por isso de eu confiar nas polícias, nos ser humano, mas não nas pessoas que tão ao meu lado dormindo... Se acordar ou na carreira, ou esfaqueado, ou roubado. Já passei por isso na cidade.”* Complementando a fala de Cabulosa, Joselia diz: *“Porque tem muitos que é traíra.”*

Miriam traz à discussão um problema que assola e determina a dinâmica de vida nas ruas: a fome.

*“Faltou comida, não tem amor mais não.”*, afirma.

Nesse mesmo sentido, cética sobre a existência do amor nas ruas afirma:

*“Eu não acredito no amor... Deve existir, ne? Não é impossível não, mas...”*

O primeiro momento do Círculo de Cultura, que teve por interesse a aproximação ao universo vocabular sobre o amor através de questões disparadoras para as pessoas em situação de rua que compuseram o grupo, também lançou mão do contato com outras formas de linguagem além da verbal. No início no Círculo, foram expostos e apresentados materiais para pintura, desenhos e afins e disponibilizados para o uso livre. Os participantes foram informados que na medida do diálogo ou ao final, poderiam usar o material para expressar ideias, sentimentos e quaisquer comunicações que representassem os seus pensamentos e experiências acerca do amor no contexto das ruas.

Ao final das elaborações dos cartazes, cada pessoa dissertou sobre a sua produção, destacando as motivações para o desenhos, explicando os seus elementos e os seus significados.

Continuando a nossa cidade imaginária que foi construída nas linhas passadas, podemos imaginar que essas obras apresentadas a seguir ocupem os muros e postes dessa cidade, expressando o que as palavras não alcançam e fiscando as pessoas que por ali passam e visualizam as imagens.

A Imagem 3, da autoria de Josélia, foi apresentada da seguinte forma pela autora:

*“Eu desenhei uma casa e uma frase.”*

Provocada a falar mais sobre a casa, ela relata que é fruto do “Aluguel Social<sup>7</sup>”:

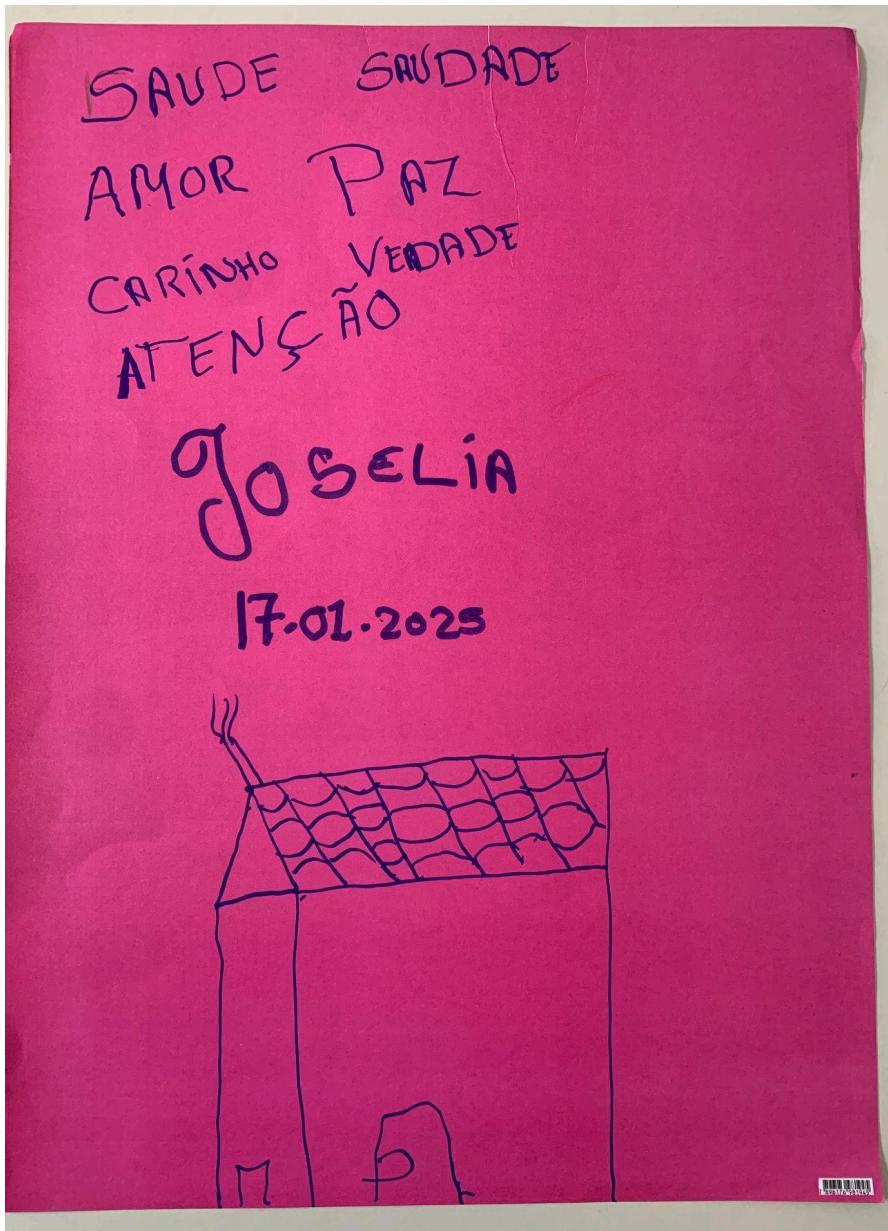
*“Eu e meu marido no aluguel social (risos).”*

Em tamanho de destaque no desenho, a casa ocupa um lugar significativo em sua obra que é costurada como elementos da amorosidade, que está sobre as palavras “saúde”, “saudade”, “amor”, “paz”, “carinho”, “verdade” e “atenção”.

---

<sup>7</sup> O Auxílio Acolhida, anteriormente chamado de Aluguel Social, é um benefício eventual concedido pela Prefeitura da Cidade do Recife à Pessoas em Situação de Rua que estão em acompanhamento pelos equipamentos da Assistência Social e que tem a finalidade de alugar um imóvel para moradia.

**Imagen 3** - Autora: Josélia



A Imagem 4, da autoria de Rodrigo, é descrita nessas palavras por ele:

*“A minha arte é abstrata, representa várias cores e diversas formas de amor. O melhor que eu posso doar, é o melhor que eu posso compartilhar de mim para o próximo.”*

Com essa descrição, Rodrigo retoma os elementos que trouxe em sua fala no momento da discussão em coletivo sobre o amor.

**Imagen 4** - Autor: Rodrigo



Já a Imagem 5, elaborada por Miriam, foi narrada ao grupo da seguinte forma:

*“Antes de ir pra rua aprendi que reggae é um outro departamento... E Deus é tudo.”*

E sobre a frase que escreveu no cartaz, comenta:

*“Até o mais ruim que tem deve ter um cantinho do bem.”*

**Imagen 5** - Autora: Miriam



A Imagem 6, construída por Alexandre com uma ajuda pontual da Cabulosa, traz à cena um conteúdo relacionado à morte que ressurgirá no Círculo de Cultura 2 por outras pessoas. Ao falar de sua imagem em que se desenha na beira de uma praia, comenta:

*“Quando eu morrer, eu vou desfrutar dessa maravilha: o sol, a lua e os mares.”*

Alexandre é de poucas palavras em todo o encontro, escutando atentamente as pessoas falarem. Questionado pelos participantes do grupo porque não desfruta da natureza em vida, diz que acha melhor viver a vida de outra forma, por isso ele está representado quando morrer. Não desenhou uma casa porque:

*“Um morto não precisa mais de casa”*, afirma.

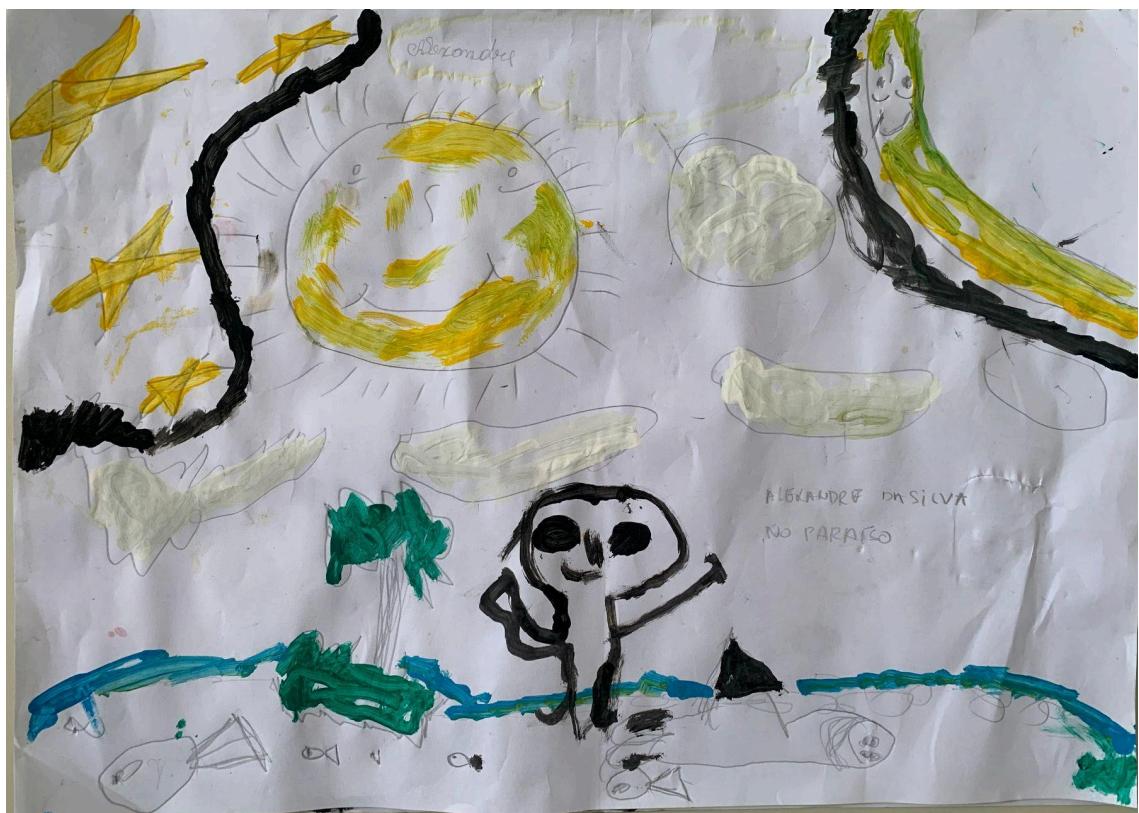
Diferentemente dos outros participantes, diz que o título da imagem é “Alexandre no seu paraíso”.

O autor vislumbra o paraíso apenas após a morte. A vida em si habita uma negação de desfrute para Alexandre, que significa a vivência da natureza como possível em outro plano, não aqui e agora. O que se nega em sua vida nas ruas, poderá ser acessado ao morrer. O que a

vida nas ruas reserva de vida? O que constantemente é roubado dessas pessoas para além de seus bens materiais? Com essa arte e fala, Alexandre provoca e sensibiliza para olhar para a significação da vida e morte para as pessoas que vivem nas ruas.

Em frente ao mar, que é imensidão, Alexandre se coloca diante dele em lugar de desfrute, de contemplação e experiência da natureza e reconhecendo a possibilidade que a sua vida atual não comporta.

**Imagen 6** - “Alexandre no seu paraíso”. Autor: Alexandre



A Imagem 7, elaborada por Sofia, é lida da seguinte forma pela autora:

*“Desejo que todo o pessoal do Movimento (MNPR/PE) e quem vive na rua, na sua casa, no seu canto, viva sua tranquilidade e sua paz.”*

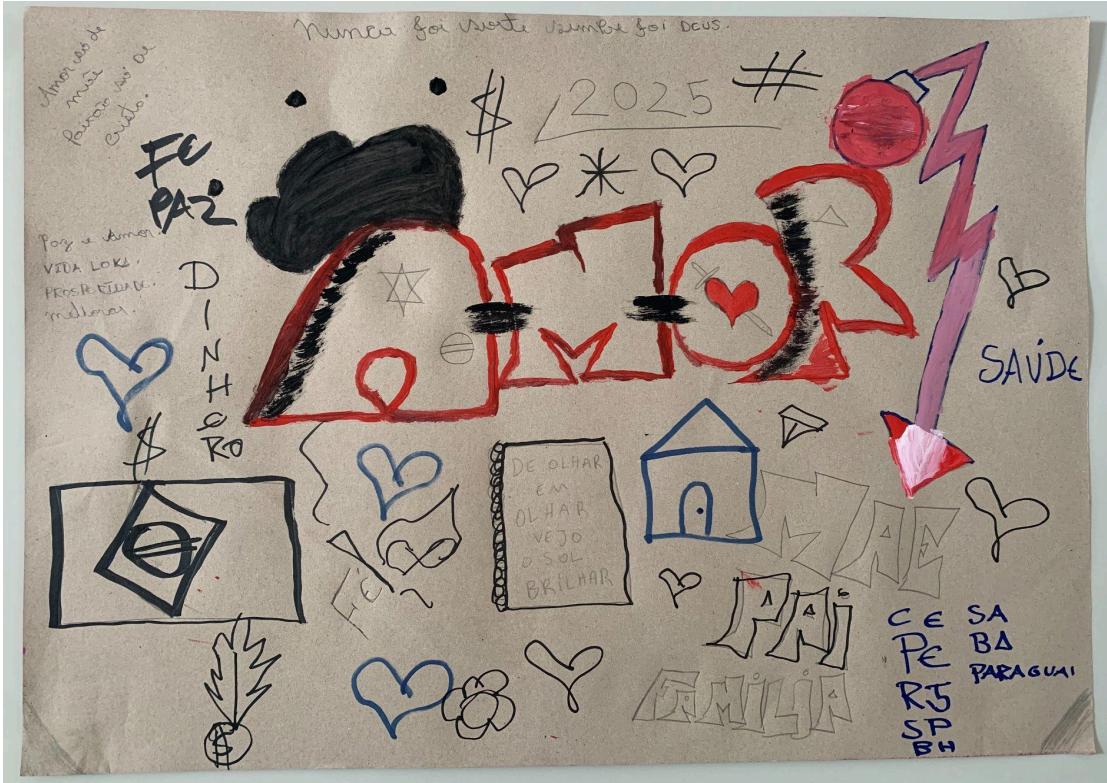
Mais uma vez, a casa aparece nas obras, figurando como um desejo de outra forma de vida. Ao lado da casa, Sofia está de mãos dadas com André, o seu parceiro atual.

**Imagen 7** - Autora: Sofia



A imagem 8, do autor Nathanael, expressa os lugares que já passou e desfrutou do amor, a sua significação da família enquanto base e referência. Escreve: “Amor só de mãe.” Também faz referências à religião. Na capa de um livro, escreve: “De olhar em olhar vejo o sol brilhar”, referindo-se a outras pessoas que cruzam o seu caminho nas ruas.

**Imagen 8** - Autor: Nathanael



Ao término do compartilhamento das imagens, Miriam diz:

*“A gente tem sentimento também...”*

A frase de Miriam soa como um encerramento e coroação do que foi conversado durante o período do Círculo. Um momento em que pensamentos se atravessaram, se complementaram e também divergiram em alguns aspectos. Mas todas as falas giraram em torno do amor, uma dimensão que não é cotidianamente nomeada e significada como tal. Neste grupo, significações e sentidos foram inscritos e reinscritos a partir das falas sobre a amorosidade, pondo em destaque o que a rua e suas adversidades costumam pôr à margem: **o amor como uma prática e ação coletiva que fortalece, potencializa e dignifica a vida dos sujeitos que sobrevivem nas ruas.**

#### 4.2. IMAGINANDO FATOS REAIS

O segundo momento do círculo de cultura, que teve como objetivo principal a discussão da palavra geradora “amor”, partiu do mote da contação de história para uma aproximação às representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua.

Sentados na mesma sala na qual ocorreu o primeiro círculo de cultura, com o mesmo

tatame sobre o chão, nos acomodamos para a discussão. Dessa vez, o diálogo não se estabeleceu naturalmente, sendo necessária a verbalização das questões disparadoras como descrito no Quadro 2. No círculo, estavam presentes Alexandre, Allan, José, Edson e Pedro.

O título que abre esse momento da discussão faz alusão à frase escolhida por Allan como título para a sua história contada através de um desenho. E o seu sentido se amplia quando analisado as produções dos outros participantes.

Ao lançar mão de fatos reais imaginados, a leitura e a transformação da realidade se tornam mais concretas e palpáveis ao partir do cotidiano, dos fatos que se apresentam no dia a dia dessas pessoas para que sejam ampliados e projetados para além do que está posto.

Nesse encontro, quatro temáticas sobressaíram à discussão: a morte, o amor em seu sentido íntimo e conjugal, a espiritualidade e o esmorecimento do amor que correspondem, respectivamente à *Travessa do Silêncio*, *Avenida Amor de Papelão*, *Alto Espiritual* e a *Rua do Amor Esmorecido*. Entrelaçadas entre presente, passado e futuro, essas três temáticas se fizeram presentes entre falas, desenhos e histórias narradas pelas pessoas do Círculo. Além disso, representações sociais do amor já presentes no encontro anterior também circularam entre os participantes deste encontro, como o amor enquanto práticas de compartilhamento, cuidado, senso de coletividade e ações concretas no dia a dia.

Apontando a abrangência e a complexidade de tais representações, inclusive pelo contexto de vulnerabilidade extrema que esses sujeitos compartilham, percebemos o desfile do sistema representacional que o objeto em questão orquestra, incorporando e associando outras representações sociais para sustentação do objeto representado em questão. O conjunto de representações sociais em questão não se limita ao conteúdo deste encontro, mas também recupera e faz menção às representações elencadas no encontro anterior, mesmo com a variação de sujeitos presentes (Silvia, Trindade e Junior, 2012).

Na mesma trilha da composição de uma cidade apresentada no primeiro momento do círculo de cultura, os conteúdos relativos à morte serão agrupados na *Travessa do Silêncio*, enquanto as representações sociais do amor associadas à dimensão da espiritualidade serão apresentadas no *Alto da Espiritualidade*. A *Avenida Amor de Papelão*, como apontado anteriormente, agrupa o pensamento social dessas pessoas relativas à dimensão afetiva-sexual.

A *Travessa do Silêncio* caracteriza-se como um ponto da cidade imaginária que é silenciosa por consequência da morte dos corpos viventes em situação de rua. Já o *Alto da Espiritualidade* aponta para um espaço em que a dimensão espiritual é significativa e qualifica o território do mapa imaginado.

Antes de iniciarmos o ciclo de contação de história, os homens presentes no grupo

espontaneamente falaram sobre o amor e a amorosidade no contexto das ruas. Tais comunicações aproximaram-se das reflexões do momento anterior exposto acima, demonstrando, em certa medida, uma continuidade do pensamento social do amor para essa população. Entretanto, houve uma maior discussão e comunicação em temáticas que não foram significativamente presentes outrora, como veremos a seguir.

Em discussão das possibilidades de contação de história, se reais ou imaginadas, Allan diz:

*“Da minha parte, eu acho que quando é real... Todo aqui tem vivência de rua, a gente sabe sabe o que a gente já passou. O afeto que a gente arruma, que a gente faz esse caminho todo... Eu acredito que se cada um quiser botar pra fora os seus sentimentos, eu acredito que é mais válido.”* José continua: *“Fica até mais legal, ne? Mais emocionante”*.

Allan e José apostam em suas experiências do dia a dia nas ruas como base para a composição de suas histórias, conferindo um lugar de destaque, saber e legitimidade às suas vivências nas ruas. Também é possível pensar que essa ideia reflete a condição de um sujeito que produz as suas próprias histórias e fala por elas, criando narrativas a partir de si.

Allan também reivindica esse espaço para a expressão dos sentimentos, recuperando os sentidos do amor analisados anteriormente e que se refere ao acolhimento, cuidado e criatividade. *“Mais válido”*, *“Mais legal”* e *“Mais emocionante”* são expressões que nos chamam a atenção. A realidade entrelaçada com a dimensão afetiva e amorosa, nessas palavras, tornaria os relatos mais interessantes. Narrar a realidade a partir da lente da amorosidade torna-se um lugar de afirmação de existências dignas e potentes.

Allan continua:

*“A gente vai falar sobre o amor que a gente vivencia na rua. É muito, muito difícil o amor em pessoas em situação de rua. Porque em algum momento de sua vida foi a droga que lhe levou até a rua. E quando você se relaciona com outra pessoa, se aquela pessoa estiver em uso, ou mulher ou homem, acaba que esse relacionamento não é duradouro. Se for uma mulher, no outro dia, linha na pipa... e no outro dia ela não vai querer mais, porque ela vai atrás da substância. Ela se relacionou com você por causa do uso da droga. Ela tava ali por causa do seu Bolsa Família, por causa da bebida, por causa do pó virado. Eu vejo casais se juntando e casais se separando. Mas existe amor nas ruas? Existe. É poucos que fica juntos de verdade. Eu arrumei uma esposa na rua. Hoje em dia eu sou um cara casado. Mas porque? Porque ela não usava. Foi mais fácil pra mim me relacionar, procurar um apoio. Quando eu to perto dela é redução de danos total. Existe amor nas ruas, mas é muito amores passageiros por causa dos interesses.”*

Em sua fala, Allan entrelaça a *Avenida Amor de Papelão* com outros elementos ao descrever a sua relação com a companheira e os laços afetivos decorrentes dela. O participante também refere o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) como um importante espaço para fortalecer o casal que faz uso de substâncias psicoativas juntos, sendo a segunda vez que a rede institucional figura na fala dos participantes, como descrito no primeiro momento do círculo de cultura. Ele afirma:

*“Tudo começa pelo CAPS, se os dois forem fica mais fácil a situação.”*

As representações sociais do amor possíveis de serem refletidas nas falas acima apontam para uma dimensão da amorosidade frágil e vulnerável, como também atravessada por interesses materiais já mencionados por outros participantes no momento anterior. Entretanto, apesar desses dificultadores, essas pessoas reconhecem a presença do amor no contexto das ruas, principalmente em relações construídas a partir do cuidado mútuo, das redes de proteção e fortalecimento tecidas entre si e com as instituições de cuidado, como o CAPS AD.

Distante dos sentidos românticos e idealizados do amor, tais representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua reafirmam a sua construção diária, a partir de ações concretas que paulatinamente compõem o mosaico da amorosidade. Além disso, o senso de coletividade também se faz novamente presente na fala desses sujeitos que vivem nas ruas ao falarem sobre o amor.

O amor que existe e resiste nas ruas pode ser percebido como uma ética que brota do encontro com o outro sujeito em mesmo contexto de vulnerabilidade, que reconhecem mutuamente sua humanidade.

Na mesma perspectiva, podemos ler as representações acima como atos políticos que, quando em compromisso e responsabilidade com o outro, há um movimento de fortalecimento mútuo e impulso para o rompimento da lógica e estrutura social que desumaniza essas vidas (hooks, 2001).

Em seguida, Edson afirma:

*“Falar sobre o amor é coisa boa. Por que o amor é uma das maiores virtudes de todos os tempos. O amor supera, tolera, impera. O amor, ele é maravilhoso. Mas eu quero dizer que hoje em dia o ser humano tem deixado esfriar esse amor. Por tão pouco o povo esquece dessa virtude tão maravilhosa, tão boa que ajuda. Por que o amor, ele impera a forma de tudo. Inclusive o amor ágape. O amor ágape é o amor de Deus. Esse é insuperável, não tem outro. O amor fraternal que é amor de família: pai, tio, primos, vizinhos, amigos... Esse é o amor fraternal que tá esfriando hoje em dia. Ta muito frio. Há várias formas de amor, mas as mais*

*maravilhosas são essas. O amor é incomparável. Estou dentro desse lema.”*

A fim de mergulhar nos sentidos do amor trazidos pelo participante e a fim de mobilizar ideias da **Rua do Amor Esmorecido**, sinalizado no primeiro momento do círculo, questiono: *O que seria o esfriamento do amor que as pessoas vivem hoje em dia?*

Ao que Edson responde:

*“Hoje em dia o ser humano tá ali deitado, ele não conseguiu a sua marmita, um cobertor... Aí tem aquele colega que tem em sua mochila 2, 3 cobertor e o seu coleguinha tá lá deitado naquele banco da praça nem aí pra ele. Não custa nada a gente esquentar um pouquinho desse amor e ser generoso com o seu próximo. Não olhar a fraqueza... Inclusive isso é até bíblico... Que no decorrer do tempo muitos esfriarão. Tá esfriando demais.”*

A partir de sua metáfora, questiono a Edson e ao grupo: “Como o amor poderia esquentar as pessoas em situação de rua?”

*“Entender um ao outro, ouvir um ao outro, servir um ao outro. A partir do momento em que aquele camarada chegou aflito, perdeu o horário do alimento... Se você tem sobrando, doe, meu irmão. Se você tem um cobertor sobrando, doe. Essa é a melhora do amor. Vai melhorar muito o nosso convívio na rua. É entender o nosso próximo, compreender o nosso próximo. Acolher o nosso próximo.”* Edson responde.

Edson nos comunica sentidos do amor de maneira ampliada, passeando pela dimensão espiritual e ética, no sentido de baliza para relações. Caminhando pela **Rua do Amor Esmorecido**, como relatada anteriormente, metaforicamente refere o esfriamento do amor no contexto das ruas. Mas também afirma práticas que podem aquecer essa frieza, objetivando o amor no cuidado e compartilhamento que fazem resistência à indiferença, apagamento e abandono de quem sobrevive nas ruas.

Pedro também compartilha os seus sentidos do amor com o grupo:

*“Pra mim o amor é suficiente. Amor é sem medida. Não é como a água que a gente precisa de tantos litros de água. O amor, não. A pessoa só precisa de amor. A comparação melhor para se comparar é essa da água.”*

Em meio a sua fala, Pedro também faz alusão ao amor em sua dimensão espiritual ao citar a bíblia, afirmindo:

*“Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.”*

Edson, discutindo o amor enquanto uma ação e como um direito básico e fundamental para balizar as relações, diz:

*“Eu entendo o amor como uma norma. É uma ordem do nosso criador. Amar primeiro*

*a ele, que nos criou e nos formou. E depois amarmos a nós mesmos e amar o nosso próximo. Então, é isso que eu digo: o amor, além de ele ser tudo na nossa vida, ele é uma norma, uma lei e tem que ser acatada. É algo tão maravilhoso, tão expressivo na nossa vida que se a gente soubesse o significado dessa palavra o mundo seria bem melhor. O amor tem que ser executado.”*

Ao associar o amor ao criador, Edson sobe o *Alto da Espiritualidade* e também passeia pelo *Jardim do Cuidado*, representando o amor como cuidado a si e ao outro.

O participante analisa o esvaziamento dos sentidos e das ações amorosas no cotidiano, afastando essa basilar manifestação dos princípios da solidariedade, da justiça e da dignidade da vida humana.

Em seguida, Allan relativiza o amor à primeira vista como uma mágica e retoma a relação amorosa como uma construção:

*“Ninguém olha para outro ser ao se bater na esquina e dizer: EU TE AMO. Que amor é esse? “Tu viu meu bolso, foi?”, “To com alguma coisa que tu tás querendo?” Eu acredito que o amor é uma aproximação, o cuidado, o respeito, e carinho. E onde é que acontece isso? Na fila da comunidade, no ruge-ruge e você cuidar de uma pessoa, levar a alimentação a outra pessoa que está dormindo. Dali e diante se vai se relacionar, se vai se amar... possa ser ou não possa ser. Mas o amor começa desse jeito, ele muda, ele transforma a pessoa. É a pessoa querendo se cuidar e cuidar daquela pessoa. Para amar a gente tem que ser amado primeiro. Cuidar do nosso corpo, da nossa mente.”*

Allan revisita o *Largo do Amor Barganhado* ao refletir a desconfiança e a instrumentalização do amor provocados pelo interesse, como se essa condição estivesse à espreita das relações compostas nas ruas motivadas por estratégias de sobrevivência. O que nos leva a pensar o significativo atravessamento dessas estratégias nas relações dessas pessoas, ditando os caminhos e descaminhos para as vivências desses sujeitos. Direta e indiretamente, nem o amor sai ileso às estratégias de sobrevivência travadas nas ruas.

Após a discussão inicial, contextualizo a proposta da contação de histórias enquanto uma atividade de expressão livre, podendo a história ser real ou inventada, desenhada ou escrita, desde que se sintam à vontade para narrarem sobre o amor no contexto das ruas. Desde o início do grupo, sobre o tatame ao qual estamos sentados, disponibilizei folhas de ofício A4, cartazes, lápis grafite, lápis de cor, lápis de cera, tinta guache e pinceis. Enquanto as falas aconteciam, alguns participantes já escreviam e desenhavam algumas folhas.

O horizonte da escolha da contação de história como um momento metodológico deste círculo de cultura, localiza-se na valorização das pessoas em situação de rua como sujeitos de

história e produtores de saberes acerca dos fenômenos sociais a partir suas vivências e repertório sociais, entrelaçando suas biografias e determinantes sociais que fazem contorno às suas vidas.

Além disso, tal escolha se deu como estratégia para acessar as representações sociais do amor em suas nuances e sensibilidades ao lançar mão de uma proposta de narrativa que pode ser desprendida da lógica, do racional e da concretude. O compartilhamento dessas histórias traduz a significação do mundo para esses sujeitos, seus pensamentos sociais sobre os afetos, vínculos e experiências, objeto de interesse para o estudo das representações sociais (Moscovici, 2012).

Escutar as histórias narradas por essas pessoas, sejam reais, imaginadas ou costurando ambas, foi um exercício que exigiu acima de tudo sensibilidade, cuidado e acolhimento, tendo em vista a delicadeza dos conteúdos que emergiram. Ao contar essas histórias sobre o amor, os participantes puderam reconstruir suas vivências pela lente da amorosidade, revisitando histórias e projetando futuros tendo o amor como base, reorganizando, assim, possibilidades de existência, de reparação e de esperança.

Intitulado por “*Imaginando Fatos Reais*”, Allan inicia a narrativa de sua contação de história que foi transformada em um desenho pelo próprio autor:

*“Eu vou fazer aqui a minha imaginação... Imaginando Fatos Reais... Antes de eu conhecer a minha esposa que eu vivo com ela hoje, já passou outra. E pra marcar mesmo, ainda com o mesmo nome. Conheci Vanessa, ela tinha Biel e Bê. Aí eu botei aqui: Comunidade (apontando para o desenho o localizando sua fala na cartolina). Eu rapidamente me apeguei um pouco a ela e às crianças que ela tinha. Ela tinha dois meninos. Daí o mais velho, ele tinha 14 anos e ia completar 15. Aí eu fiquei dizendo a ele que saísse da rua e procurasse fazer um esforço. Daí em diante eu mostrei a ele o Centro Popinho<sup>8</sup>. Eu fiquei feliz que só a porra quando aquele menino foi pro “Popinho”. Ele ia de oito horas da manhã e saía de seis horas da noite. Mas daí em diante... a Prefeitura do Recife não conseguiu prender um jovem de 14 anos dentro do espaço. E ele conheceu as drogas, conheceu o mundo do crime. E acabou que ano passado, ele foi ceifado, a vida dele. E da linhagem, ele tinha sido o quarto que ia ser enterrado. Foi o único enterro que não consegui ficar até o fim. Eu fui e acho que passei 2, 3 horas de relógio lá e ele não tinha sido enterrado ainda, tava sendo velado o corpo. Aqui eu fiz a mãe dele, ele e o pequeno Bê. Eu fiz ele aqui no “Popinho”, eu aqui do lado contente e fiz ele aqui sendo enterrado no caixão e eu aqui*

---

<sup>8</sup> Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua específico para crianças e adolescentes localizado no Recife.

*triste, chorando (apontando para o desenho o localizando sua fala na cartolina).*

Ao final do encontro, Allan rasga o desenho e joga fora. Dessa forma, não foi possível a captura da imagem para a apresentação neste estudo.

Em seus relatos, podemos perceber representações sociais do amor objetivadas no cuidado e responsabilidade, como discutido no ***Jardim do Cuidado***. Nesse solo representacional do amor, Allan se vincula ao filho da ex-parceira e logo responsabiliza-se por protegê-lo das violências da rua como também, de certa forma, desejar outro futuro para ele que não as ruas e suas precariedades. Para Allan, a dimensão do amor enquanto relação íntima não se limitou à sua parceira há época, mas ampliou-se para o acolhimento e cuidado com os filhos, o que nos faz pensar na constituição familiar para além da consanguinidade, mas como fruto de encontros e afetos construídos.

Em seu cuidado e responsabilidade com o filho da ex-companheira, Allan, em nossa análise, faz do amor uma resistência ao abandono, impulsionando a criança, através de palavras e atos, para um futuro que não seja a situação de rua. Investido amorosamente nessa relação, Allan estende o cuidado à rede socioassistencial, demonstrando uma leitura de cuidado ampliada e institucional. Com isso, posiciona o amor e o cuidado além de um ato individual e centralizado, mas também coletivo e compartilhado.

Ocupa um lugar de destaque a escrita de Allan no cartaz: comunidade. O que nos remete à discussão anterior a respeito da ***Comunidade do Amor***, território de cuidado, proteção e segurança entre os sujeitos em circunstâncias de situação de rua. Allan constitui uma pequena comunidade do cuidado, segurança e proteção para a sua ex-parceira e os seus dois filhos, a fim de assegurar a segurança e a vida dela e deles.

Apesar de todo investimento afetivo, cuidado e proteção ao adolescente, o jovem não escapou da morte. Entretanto, a potente implicação amorosa de Allan em suas ações de cuidado e responsabilidade não esmorece devido a esse desfecho trágico, mas reforça a urgência do fortalecimento para o cuidado e valorização da vida de pessoas em extrema vulnerabilidade.

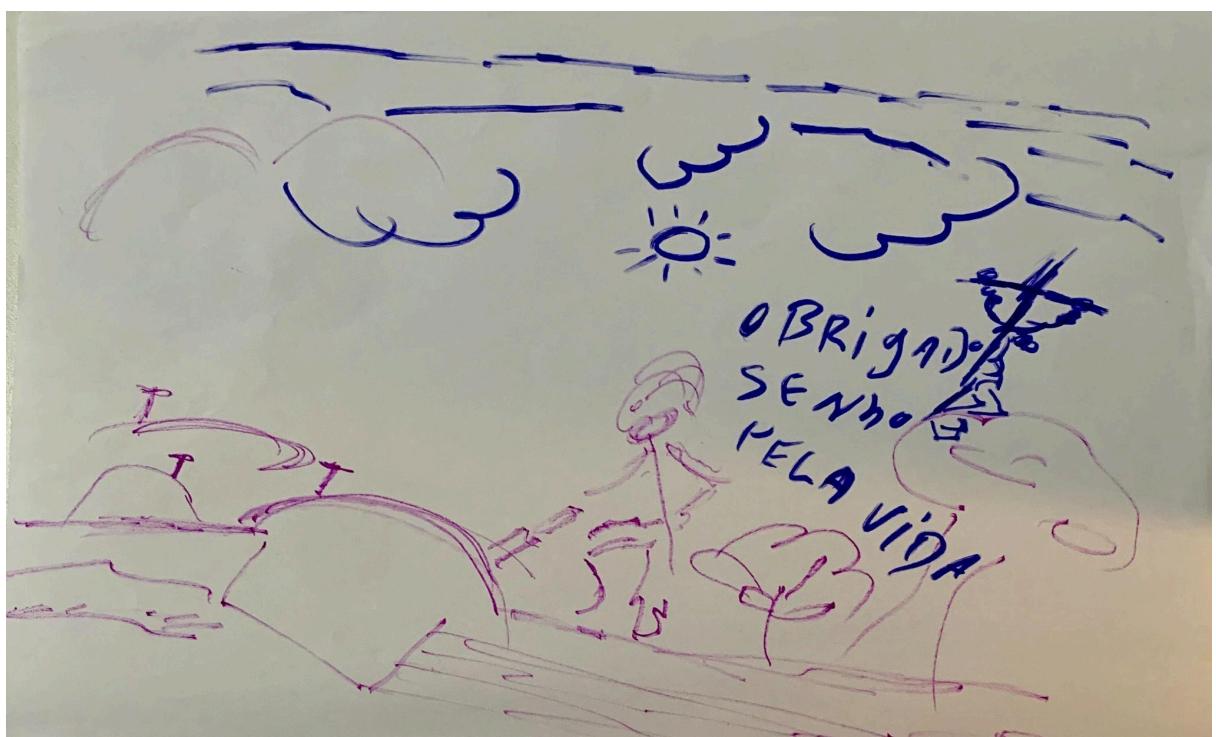
O ato de rasgar o desenho após a sua produção nos chamou atenção. A complexidade da história traduzida em um desenho pode ter sensibilizado Allan a ponto de causar a destruição de sua obra. Ao materializar um momento doloroso de sua vida e depara-se frente a frente com a memória concretizada em uma cartolina, o autor decide por se desfazer do material que expressa uma memória de sofrimento, ocupando um lugar de escolha sobre o futuro do desenho carregado de sua história. O rasgo do desenho é uma outra escrita marcada pelo lugar de escolha do autor, dimensão que cotidianamente é negada ao sujeito em situação

de rua. Allan narrou e destinou a sua criação como pôde, marcando o seu lugar de autor desde o primeiro traço do papel ao descarte dos pedaços da cartolina no lixeiro.

Imediatamente ao término da fala de Allan, com traços de ansiedade, José, movido pela intersecção de sua história com a do narrador anterior, inicia a narração da sua história-desenho.

A imagem que condensa a sua história está reproduzida abaixo:

**Imagen 9 - Autor: José**



José, referindo-se à história de Allan, diz:

*“E o meu é quase igual ao que ele fez... O dele foi enterrado no caixão... Aqui não tá muito bem desenhado porque eu não sei desenhar, ne? E muito mais porque eu tô com a vista embaçada, mas mesmo assim eu tentei fazer bacana... Aqui é o céu, a luz do sol (apontando para a parte superior do desenho), aqui é as catatumbas como se fosse o cemitério, ne? (apontando para o lado esquerdo do desenho). Aqui, esse caba que ta com a pá (apontando para o homem representado no centro do desenho) empurrando o pé... Aqui é o trabalhador... Como é que chama? Ah, o coveiro. Esperando Joãozinho (refere a si mesmo com diminutivo do seu próprio nome) ser enterrado, ne? Com a vida que Joãozinho tava levando... Desespero total, cachaça, machonha... Graças a Deus que eu vim pra aqui (Centro*

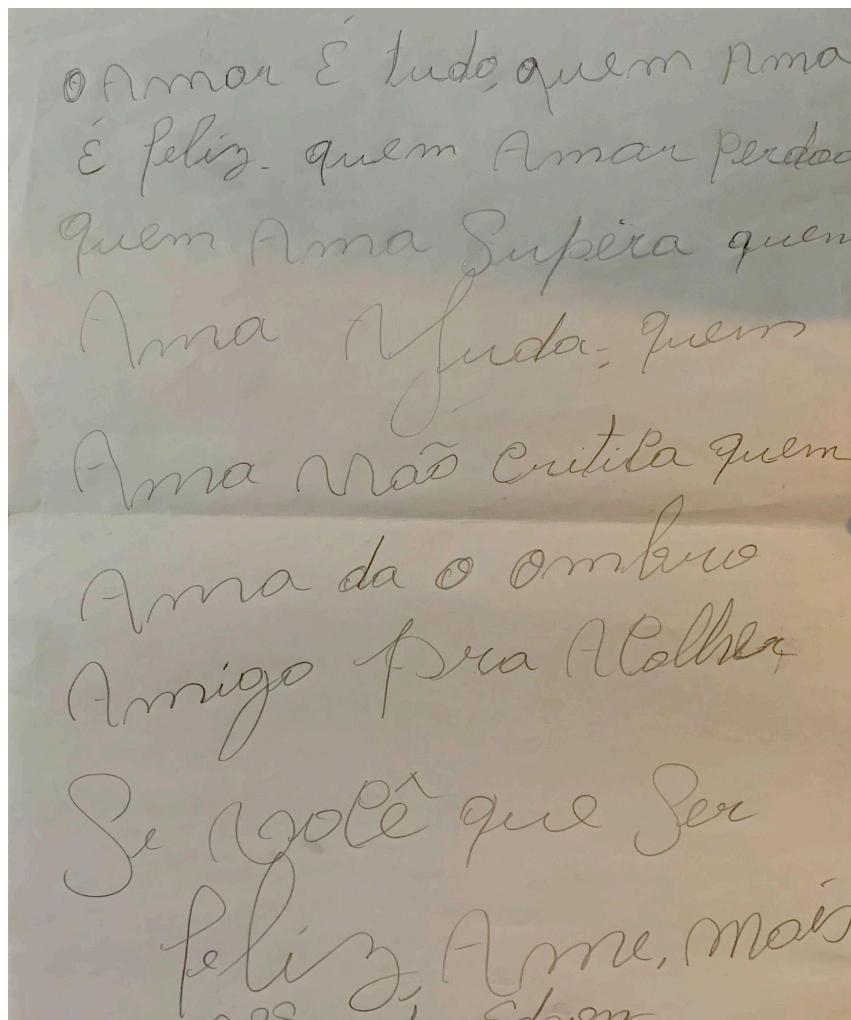
Pop Glória) que eu vim clarear a mente agora. E agora na paz de Deus eu to... E aqui é o coveiro esperando o meu caixão. E aqui é Deus, ne? A cruz, Jesus pendurado, ne... E o coveiro dizendo: Cadê José? Ó ele com o pé em cima da pá e a mão assim... Cadê José? E Jesus dizendo: vai guardar a pá, tá fechada a cova de José... E assim, essa foi a minha imaginação de agora, ne... ”

A fala de José se encerrou quando os participantes aplaudiram a sua apresentação.

A dimensão espiritual é marcante na fala de José, sendo Jesus, em sua cruz, um intercessor para o seu processo de enterro. Em seu exercício de imaginação para a contação de uma história, José elege o fim da vida e a salvação por Jesus para falar sobre o amor, denotando a dimensão espiritual e de salvação que confere ao amor.

Nesse exercício de criatividade, José chega ao abismo do fim da vida, mas ressignifica o último momento como uma curva para a vida em outra direção, tendo em vista que está a “clarear a mente agora”, referindo-se à sua vinculação e ao seu acompanhamento pelo Centro Pop Glória. Nesse sentido, percebemos a vinculação e relação afetiva com o espaço e os profissionais do referido serviço como importantes suportes em seu processo de desenhos de outras direções para a sua vida. Veredas construídas em rede de cuidado socioassistencial.

**Imagen 10** - Autor: Edson



Visitando o **Jardim do Cuidado** e os sentidos amor em sua dimensão de comunidade, Edson narra, enfatizando que se trata de palavras de sua autoria, o que entende por amor:

*“Eu escrevi aqui só sentimentos do amor... (faz a leitura em voz alta e pausada sobre o escrito apresentado acima).*

Ao término, é aplaudido com entusiasmo pelos demais e elogiado por sua fala. Ao ser questionado por José se essas palavras eram bíblicas e reivindicando sua autoria, responde:

*“Essas palavras são minhas. Edson. É bíblico e é a palavra que nós devemos ter para a nossa vida. Isso são os significados do amor.”*

Allan interrompe a discussão ao ser atraído visualmente pelas cores e corações elaborados por Pedro que será apresentado a seguir.

**Imagen 11** - Autor: Pedro



Inspirado em um dos cartazes expostos no Centro Pop Glória, ilustrados anteriormente e que tiveram o objetivo de sensibilizar e disparar a temática do amor entre as pessoas que ali circulavam, Pedro fala:

*“Eu peguei esse modelo aqui... É como se as cores fossem a bandeira de Pernambuco. E aquilo que eu disse: Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor. Aí tem muito coração porque o maior de todos os dois é o amor. É muito amor. A fé porque se a fé for do tamanho do grão de mostarda... E a esperança é a última que morre. E como eu to apaixonado, aí o meu amor que é muito o meu amor por ela e a esperança que é a esperança que eu vou ter ela. Aí se ela não quiser quem vai perder é quem? Ela que não vai me ter e eu que não vou ter ela. Mas o resumo disso aqui é fé, esperança e o amor.”*

Tomado pelo apaixonamento por uma mulher, Pedro dedica parte da obra a sua paixão. Apoia-se em um desenho previamente exposto no Centro Pop Glória para criar a sua obra, o que aponta para os efeitos das exposições nas dependências do serviço como disparadores para histórias e outras criações. Pedro também escolhe elementos religiosos para comunicar suas representações sociais acerca do amor. Ao eleger a bíblia e os seus escritos como base para comunicar os sentidos do amor, Pedro toma refere a religião como fonte da qual o amor brota para significar suas percepções e suas práticas sociais.

Ao término de todas as falas dos participantes, abro o espaço para alguma outra comunicação em caso de desejo. Allan toma a fala e afirma:

*“Falar do amor... Eu acredito que isso é muito válido, que não é o costume da gente de ta na nossa praça, no nosso local falando sobre o amor. Fala sobre droga, fala até sobre sexo quando a galera ta tirando muita onda, violência, de fofoca, disso e daqui outro, e o que a turma tem costume de falar... Quando a gente fala de amor que é o sentimento mais lindo que existe... O amor ele transforma, o amor ele muda, o amor; ele faz o ser humano melhor. Ele faz a pessoa amar e quando a pessoa ama, a pessoa tem vontade de tudo, de viver, de querer o bem, de tudo. O amor é transformador. O amor; ele muda o homem, a cabeça do ser humano. Ele faz até a pessoa deixar de fazer o que a pessoa fazia. E eu adoro. Enquanto tiver esse grupo falando sobre o amor, eu to dentro. Edson, entusiasmado, concorda e completa: “Eu vou estar sempre dentro.”*

As últimas falas que encerram o segundo momento do Círculo de Cultura traduzem que o esse encontro está muito além de apenas uma etapa metodológica para a coleta de dados e posteriores análise e discussão. Allan significa esse espaço de encontro entre pessoas em situação para falarem do amor como uma exceção à vida nas ruas.

Entretanto, a partir do exposto até o momento, foi possível perceber práticas diárias de

manifestações da amorosidade no contexto nas ruas. O que Allan nos comunica refere-se à “*falta de costume*” de falar sobre o amor e das práticas da amorosidade no contexto das ruas, o que não quer dizer de sua existência, como a *Rua do Amor Esmorecido* nos exemplifica. Ao ocupar esse lugar de fala e elaboração sobre a amorosidade, o participante reflete a importância desse espaço coletivo para escuta, acolhimento, significações e ressignificações de sua história e de suas vivências nas ruas.

O que nos relembra a natureza da pesquisa como uma intervenção por si só, ecoando sentidos e movimentações nas pessoas envolvidas na pesquisa. O ato de pesquisar é em si mesmo um toque na realidade social dos participantes, e que não se reduz aos resultados apresentados nas discussões dos dados analisados.

Essa dimensão torna-se ainda mais visível no contexto desta pesquisa, na qual os sujeitos participantes, as pessoas em situação de rua, que costumeiramente são sistemática e estruturalmente inseridos em uma lógica de invisibilidade, apagamento e massificação de suas subjetividades, ocupam o lugar de centralidade e protagonismo da prática de pesquisa, onde as suas histórias, nomeadas de forma autoral, são genuinamente acolhidas e consideradas como o coração do estudo, o que perpassa toda a prática da pesquisa.

Ao final da fala, Allan e Edson manifestaram o desejo de continuarem a ocupar o espaço desse grupo, movimentando em mim possibilidades de projetos posteriores. Até esse momento, a proposta dos grupos através do Círculo de Cultura estava restrito à pesquisa, mas afetação dos participantes e a manifestação de desejo de continuidade dos encontros me atravessou de forma potente, mobilizando projeções futuras e aquecendo o desejo de continuidade de um espaço para falar sobre o amor com as pessoas em situação de rua. Com outra finalidade e estrutura de organização, escreverei um projeto de grupo permanente que se proponha a trocas e criação artística acerca do amor com as pessoas em situação de rua que frequentam o Centro Pop Glória.

Sublinho a potência dos encontros relatados até então e a consequente ampliação dessa prática de pesquisa, capilarizando e estendendo o seu alcance a outras dimensões a fim de potencializar a vida dessas pessoas.

E é nessa mesma trilha de afetações, transformação e marcas da pesquisa que apresentamos o último momento do Círculo de Cultura. Nele, lançamos aos participantes, mediado e facilitado pela multiartista Numa, a proposta de uma grafite em um muro do Centro Pop Glória. Materializando as representações sociais do amor para esses sujeitos que sobrevivem nas ruas, a grafite concretizou e eternizou tais manifestações em um muro visível a quem passa por ele.

O muro, localizado na entrada principal do serviço, já foi objeto de ações violentas por parte de alguns usuários e que ocasionaram o fechamento e a interrupção do funcionamento do Centro Pop Glória. É um muro que possui uma história relevante e que por esse motivo, como outros que serão apresentados adiante, foi eleito para a intervenção artística relatada nas próximas linhas.

#### 4.3 O MURO DO AMOR: A REINVENÇÃO

A criação de situações sociológicas é uma das etapas que caracteriza o Círculo de Cultura. No terceiro e último momento do Círculo de Cultura que compõe esta pesquisa, apresentaremos a proposta da criação de uma situação sociológica acerca do amor com as pessoas em situação de rua que compuseram este encontro. Tal criação busca a transformação do contexto do vivido a partir da problematização da realidade (Freire, 2021).

Caio, Lamartine, Bruno, Edson, Josélia e eu nos reunimos na área destinada à garagem do serviço, um espaço amplo e a céu aberto que nesta ocasião estava totalmente desocupado. Com mesas e cadeiras postas neste espaço, os participantes e a participante se acomodaram para a atividade proposta, como descrito no quadro 3. Lápis de cor, tinta e folhas em branco para uso livre são dispostos sobre as mesas para uso livre. Diálogos, desenhos e grafitagens, fruto das questões disparadoras, foram tomando cor e o corpo.

Ao propor uma intervenção artística através da grafite em um muro, buscou-se acessar outras vias de comunicação das representações sociais do amor para essa população, que não apenas verbais. Aliançando a liberdade da expressão artística às vivências e pensamentos sociais dessas pessoas acerca do amor, o muro tornou-se uma folha em branco que foi tomada por visões de mundo, valores, pensamentos e práticas sociais que orbitam sobre os sentidos do amor para cada pessoa que esteve no grupo. Coletivamente, negociações dos sentidos do amor e as formas de criações e projeções no muro foram um contínuo durante todo o grupo entre os participantes.

Blanco e Souza (2020) referem o grafite como uma forma de linguagem popular que a partir dos muros transmitem mensagens de natureza crítica a fim de provocar o olhar e os sentidos de quem transita nos espaços urbanos. É uma manifestação artística que socializa e democratiza a arte ao ocupar os espaços públicos e alcançar um grande número de pessoas. Ao intervir em um muro a partir das representações sociais do amor, apostamos na ampliação da circulação desse pensamento social que brotou das pessoas em situação de rua, circulando publicamente e conferindo aos resultados da pesquisa a inscrição social e popular além da

acadêmica.

Na perspectiva do grafite, o spray é um amplificador de vozes, vivências e histórias que tendem a ser silenciados ou minimizados, projetando ruas afora comunicações que até então postas à margem (Blanco e Souza, 2020). A prática do grafite e a sua proposta dialogam profundamente com a natureza dessa pesquisa, que busca comunicar outras formas de vida da população em situação de rua que costumeiramente são reduzidas ao uso de drogas e violências.

Em uma primeira leitura, destacamos a presença de elementos associados ao amor que emergiram nos diálogos e intervenção artística: a natureza, a vida e a esperança. Há um laço entre essas três dimensões que brotaram da mesma palavra, o amor, e que reforçam a invalidade de análise isolada de uma única representação, sendo necessário contextualizar o sistema representacional associado ao objeto de análise deste estudo (Silvia, Trindade e Junior, 2012). Costurando o ser humano ao complexo da natureza e projetando o olhar para um futuro melhor, os participantes e artistas do grupo apontaram para um paralelismo e continuidade entre o Eu, a natureza e o amanhã, que costumeiramente ocupam lugares dicotômicos e antagônicos se pensarmos nos ideais de desenvolvimento capitalistas.

Compondo os pontos finais da cidade construída a partir das representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua no terceiro e último momento do círculo de cultura, os conteúdos relativos ao amor e a elementos da natureza formarão a *Floresta da Amorosidade*. Já as representações entre amor, vida e esperança construirão o *Mirante do Horizonte*.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, o líder indígena brasileiro, ambientalista e filósofo Ailton Krenak (2009) reflete sobre esse aspecto, mais precisamente a respeito da císaõ que a humanidade, em prol do desenvolvimento, opera entre o ser humano e a natureza, como se distantes e diferentes, para a apropriação e transformação deste em objeto para gerar lucro financeiro.

Em suas falas, os participantes comunicaram a presença e o contato diário com a natureza, sendo traduzidos em suas representações sociais acerca do amor. Sombra para o descanso, o sol que ilumina e deve nascer para todos e o girassol como parte da vida comunicam a relação afetiva entre essas pessoas e os elementos da natureza. Uma relação que não é predatória, mas familiar e de conexão. São falas e vivências que contribuem para o adiamento do fim do mundo (Krenak, 2009).

Existe um objeto-personagem de significativa relevância na construção deste momento do Círculo de Cultura: o muro. A eleição deste espaço para a intervenção da grafite não se

encerra em um espaço em branco convidativo às cores do grafite. Pelo contrário, a história e a vicissitude desse espaço foram decisivas para as escolhas que compõem essa etapa do círculo de cultura.

Anteriormente, o muro ao qual nos referimos dava lugar a um grande portão vazado que permitia a interação visual entre o ambiente interno ao serviço e a rua. Entretanto, um homem em contexto de vida nas ruas, insatisfeito com uma demanda não atendida, derrubou o portão e o levou consigo, deixando a entrada ao serviço sem proteção. Consequentemente, a administração do equipamento suspendeu as atividades para a resolução do problema, o que levou cerca de duas semanas. Nesse meio tempo, a oferta de serviço reduziu-se à guarda e retirada de documentos e usuários atendidos no Centro Pop Glória. Afora essa atividade, todo o funcionamento do serviço foi comprometido, afetando diretamente centenas de pessoas que ali transitavam e faziam uso do equipamento, incluindo alimentação, descanso, atendimentos e acompanhamentos.

No lugar do portão foi construído um muro de cerca de dois metros de altura, sem espaços para a visão interna e externa ao serviço. Com um portão também sem interação visual, o campo de visão e comunicação entre o equipamento e a rua foi resumido a um pequeno quadrado feito no portão com menos de cinco centímetros de largura.

Diante disso, me sensibilizei com o lugar que o muro e o portão ocupam na história do Centro Pop Glória e vislumbrei um campo de intervenção junto com as pessoas que frequentam o serviço. ImpONENTE, frio e sem interação visual, o muro tornou-se um campo de inscrição dos sentidos da amorosidade que circulam na vida das pessoas em situação de rua, compondo uma tela que atravessa quem passa por ele.

Alinhada à terceira etapa do Círculo de Cultura, a arte que será apresentada adiante cria uma situação em que se parte de uma história de violência e perdas à população em situação de rua para uma construção que ressignifica o espaço e se projeta à grande quantidade de pessoas que por ali transitam e são captados pela palavra “Amor” lindamente elaborada e gravada de forma duradoura no muro. Além disso, há um resgate do protagonismo dos(as) usuários(as) em relação a um espaço que existe em função deles.

A última etapa do Círculo de Cultura iniciou com o convite aberto a todas as pessoas que estavam no Centro Pop Glória no dia da atividade, seguido da acomodação dos participantes em uma sala, a leitura do TCLE e a assinatura das folhas.

Ao meu convite, esteve presente neste momento do Círculo de Cultura a multiartista Numa. Numa é multiartista, designer e pesquisadora nascida em Curitiba, residente no Recife. Atua em diversas áreas da cultura e começou através do hip hop em 2009 com o

beatmaking, o graffiti e a produção de eventos. Trabalha com design aplicado à educação sobre tecnologia e está conectada nas NFTs<sup>9</sup> (Tokens Não Fungíveis). Em sua pesquisa de mestrado (UFPE), desenvolveu um material didático e uma série de formações sobre blockchain e NTFs. Como artista visual, mescla fantasia e cultura local em seres híbridos de um universo onírico. Também atua como produtora musical e DJ.

Foi a partir da pluralidade e versatilidade da artista, como também da sua sensibilidade, criatividade e vasta experiência com o graffiti, que pensei a sua presença nesta pesquisa, principalmente neste momento final do Círculo de Cultura. NUMA ocupou um lugar significativo neste momento da pesquisa, desde a concepção prática da intervenção até o seu desfecho, facilitando e, acima de tudo, compartilhando de forma sensível e acolhedora os seus conhecimentos sobre o graffiti com as pessoas presentes no grupo.

Rascunhado o graffiti com o nome AMOR, os participantes refletiram coletivamente os sentidos do amor que cada um levava consigo e negociaram como os pensamentos sociais que ali circulam na discussão seriam projetados no muro.

Enquanto NUMA preparava o muro com o rascunho, movimentações, fotografias e observações em torno dele já aconteciam, com destaque para os funcionários do Centro Pop Glória que logo lançaram mão do aparelho celular para registrar o momento. Alguns usuários que passavam pelo muro também paravam para observar. Os ecos da intervenção já começavam a circular no ambiente. Como desejávamos, a intervenção já não se reduzia apenas a cores no muro, mas captavam e tomavam as pessoas que ali passavam e por alguns instantes ficavam ocupadas com a palavra AMOR e com tudo o que ela poderia suscitar.

**Imagen 12** - A multiartista NUMA rascunhando a palavra AMOR no muro

---

<sup>9</sup> Ativos digitais únicos inscrito em um blockchain, operando como um certificado de propriedade digital que assegura a autenticidade de um item.



Antes de iniciarmos a atividade, foi disponibilizado uma caixa de som com conexão bluetooth para que os participantes do grupo escolhessem músicas para tocar enquanto a intervenção artística acontecia. Felizes e empolgados, logo criou-se uma lista de músicas que se estendeu por boa parte do encontro. Entre as músicas estavam “*Tocando em frente - Paula Fernandes*”, “*Teto de Vidro - Pitty*”, “*Mágico de Oz - Racionais MC's*”, “*Viva La Vida - Coldplay*” e “*Não devo nada a ninguem - Conde Só Brega*”.

Embora as músicas que compuseram a trilha sonora da atividade sejam de gêneros musicais diversos, em uma análise às letras, é possível perceber temáticas que são pontos de encontro e diálogo entre as canções, musicando a realidade da população em situação de rua.

Enquanto acontecia a atividade, pessoas que estavam na frente do Centro Pop aguardando o acesso para diversas finalidades se deram conta do que se passava na área interna do serviço. E logo pressionaram o porteiros para a liberação do acesso e participação da atividade. Percebendo a mobilização, me dirigi a essas pessoas e contextualizei a atividade e a limitação de participantes. Essa cena me fez refletir sobre os ecos da atividade em questão e a identificação e o desejo que ela provocou nessas pessoas, me fazendo pensar na inclusão dos desejos e interesses das pessoas em situação de rua no planejamento das atividades oferecidas pelo Centro Pop.

Seguir a jornada da vida apesar de; críticas aos julgamentos descabidos às formas de viver das pessoas quando não se sabe da realidade e da história de cada um e cada uma;

reflexão sobre a violência, a pobreza, a busca por uma vida com maior qualidade e o clamor por um mundo sem desigualdades sociais e uma ode à liberdade e a problematização das normas sociais que engessam as formas de existência são temáticas que as músicas referidas acima e escolhidas pelas pessoas em situação de rua que compuseram este grupo para a realização da atividade proposta.

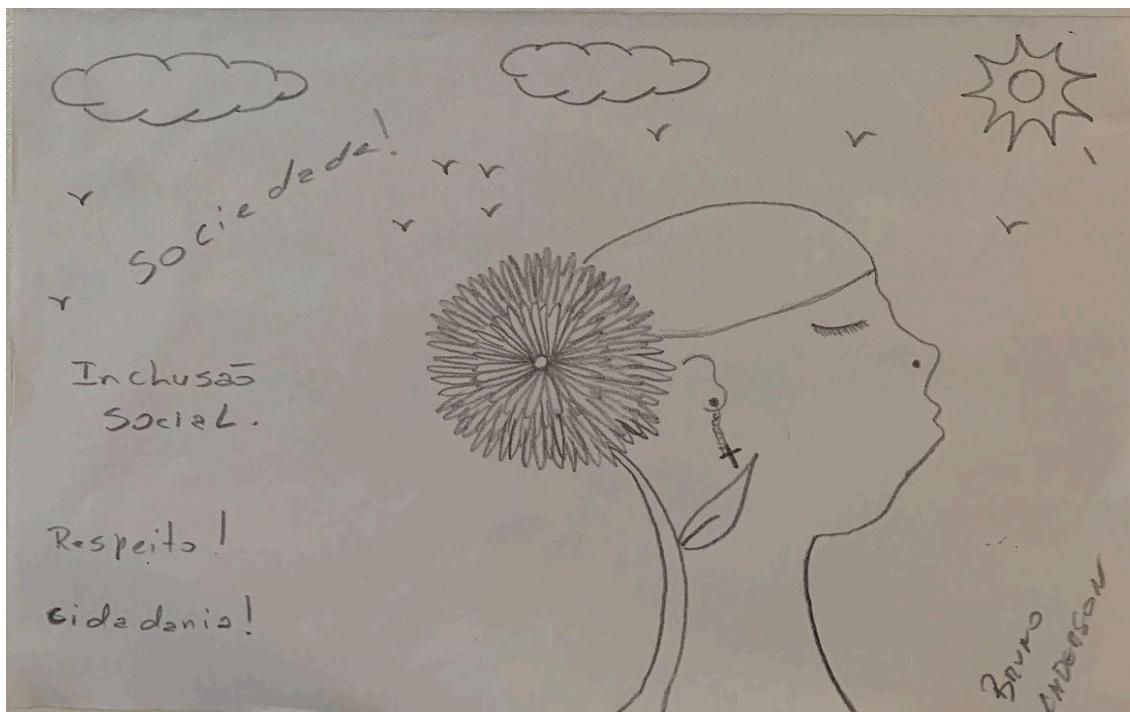
Nas falas dos participantes, foram feitas inúmeras associações entre o amor e a natureza, em vários sentidos. Josélia, por exemplo, reflete sobre o girassol, o movimento voltado ao sol e a esperança de que a luz do sol alcance a todos e todas, inclusive às pessoas em situação de rua. O girassol, eleito por ela, será um elemento presente na grafitagem ao lado de uma boneca que a representa.

**Imagen 13** - Autora: Josélia



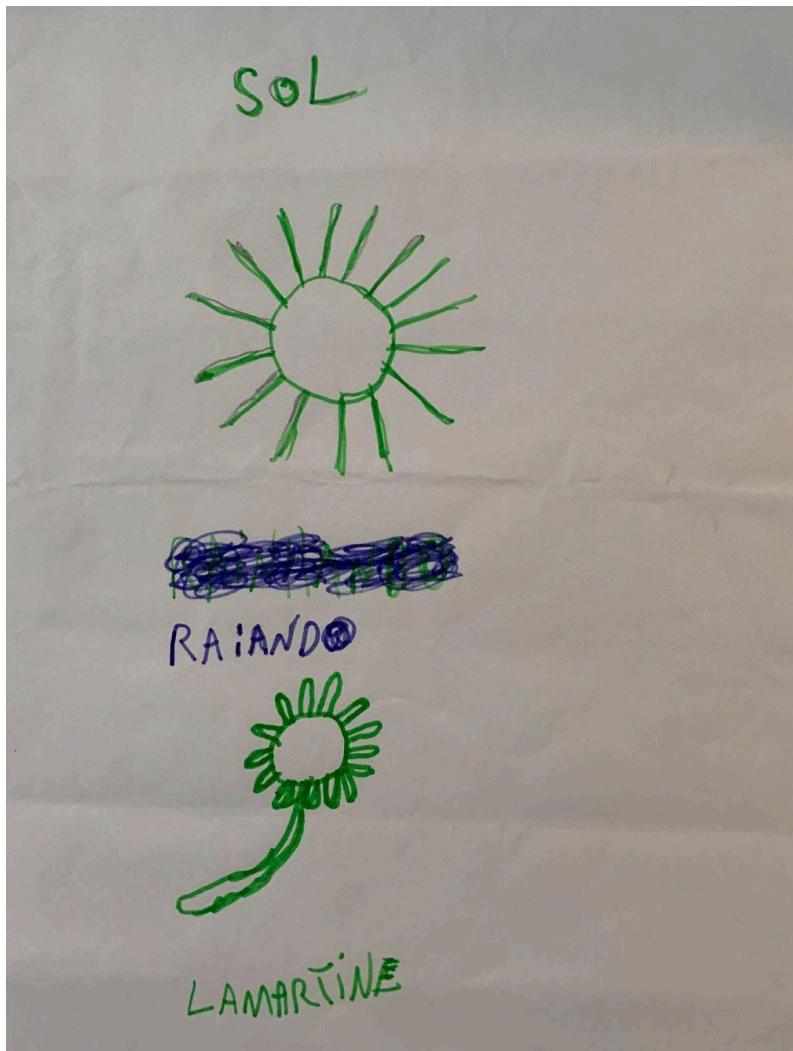
No campo superior da imagem, Josélia escreve “O girassol faz parte da vida”. Falando sobre o amor, a participante apresenta o girassol como um símbolo. A busca pelo sol, vital aos seres vivos, pode ser lida como a busca pelo que nutre, potencializa e irradia a vida das pessoas em situação, como observamos na cidade composta em decorrência do primeiro encontro do Círculo de Cultura.

**Imagen 14** - Autor: Bruno



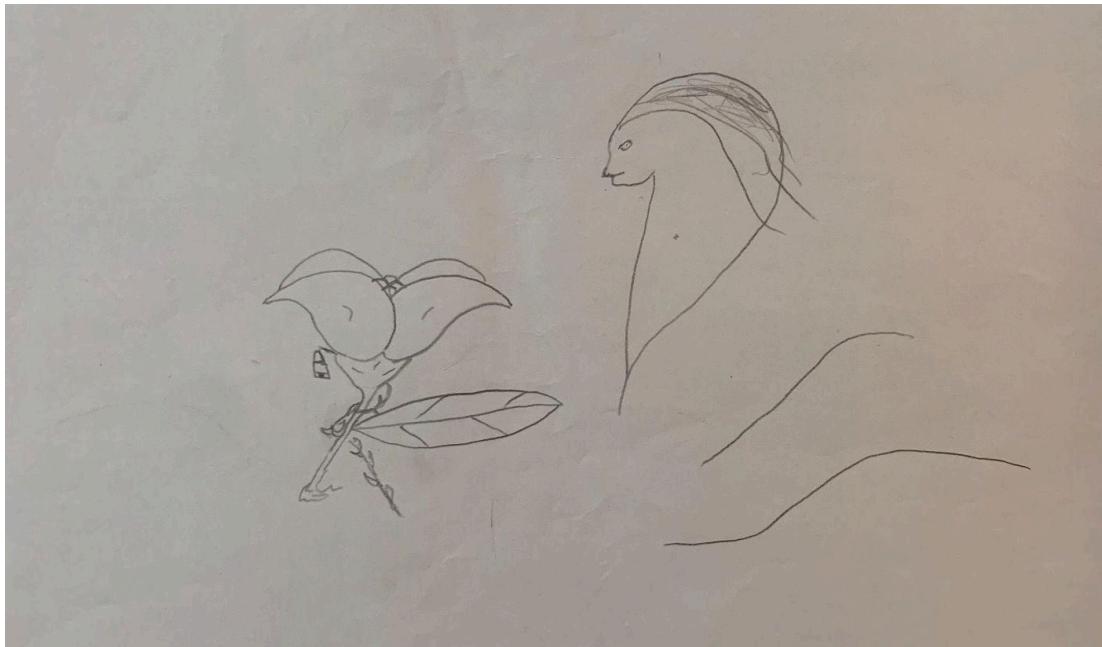
Bruno, consoante às representações sociais do amor dos participantes do círculo de cultura dos momentos anteriores, projeta no papel pensamentos e palavras que falam de práticas da amorosidade, como inclusão social, respeito e cidadania. Rodeado por elementos da natureza, como pássaros, nuvens e o sol - elementos frequentemente representados neste momento do círculo - as palavras contornam o rosto de um homem que carrega uma flor em sua orelha. A imagem transborda a comunhão e a coexistência entre o homem e a natureza, sendo atravessadas pela justiça social e o desejo de uma sociedade mais acolhedora.

**Imagen 15** - Autor: Lamartine



Lamartine também associa elementos da natureza ao amor. Reflete que como o sol, ao raiar todo dia, cada amanhecer reserva uma nova possibilidade de vida. Esperançando dias melhores, entende que práticas da amorosidade alimentam novas auroras e outras formas de viver além das vulnerabilidades e precarizações.

**Imagen 16** - Autor: Caio



Contrapondo, em certa medida, as belezas da natureza que foram apresentados até o momento, Caio fala e representa em seu desenho os espinhos das flores. Relativizando a beleza das flores diante de seu perigo, os espinhos, reflete que a rua, apesar de algumas belezas, é perigosa e pode ferir. Caio nos convoca à *Rua do Amor Esmorecido*, local onde diante de tantas violências e vulnerabilidades, o amor fica em suspenso para que as estratégias de sobrevivência possam sobressair e preservar a vida.

Após as discussões, coletivamente pensamos quais e como os elementos rascunhados e narrados seriam levados ao muro para preencher a palavra AMOR. Cores, formatos, elementos, tamanhos e afins foram pontos cruciais para a negociação entre os participantes, que foi facilitado pela NUMA, que com sua percepção geral da arte auxiliou no processo de criação. Além da negociação dos elementos imagéticos, também houve negociação dos sentidos do amor, no qual pensamentos sociais de diferentes participantes se atravessaram e alcançaram um ou outro recompondo e ressignificando os sentidos do amor para cada um.

Os rascunhos dos desenhos apresentados figuraram como guia para a arte final, no qual os elementos destacados de cada participante se amplificaram no muro.

**Imagen 17** - Participantes elaborando imagens e planejado a intervenção no muro



Antes de utilizarem o spray, a facilitadora NUMA compartilhou os princípios básicos da prática de grafitagem como sombreamento, profundidade e esfumado. Após as instruções, os participantes exercitaram as técnicas para em seguida ocuparem o muro.

**Imagen 18** - Instruções das técnicas básicas do Graffiti facilitado pela NUMA



Após os diálogos, testes e ensaios, a intervenção no muro teve início. Com cerca de uma hora e meia de duração, foram momentos descontraídos e de significado relevante para os participantes. Antes percebidos como insuficientes para a pintura, logo se deram conta das habilidades desconhecidas. Apropriados, lançaram mão da pintura com o spray enquanto dialogamos sobre as perspectivas do graffiti no tecido urbano, suas origens e potencialidades ao ocuparem as ruas.

Os desenhos que antes ocupavam pequenas folhas de papel A4, agora tomavam formas em um muro de cerca de dois metros de altura e que já foi palco de histórias violentas. Agora, o muro tomava novas cores, vidas e significados, ecoando os sentidos da amorosidade dos participantes do Círculo a quem se deparasse com ele.

**Imagen 19** - Obra-intervenção da grafite no muro do Centro Pop Glória



Cores vibrantes, vida pulsante em cada letra e uma nova história no muro. A obra final comunica as representações sociais do amor para os participantes do terceiro momento do Círculo de Cultura. Cada letra foi campo de objetivação das representações sociais anteriormente narradas pelos participantes.

Na extremidade esquerda da imagem, Bruno elegeu um homem negro para compor a letra A. Organicamente, o arranjo do desenho fez que uma lágrima escorresse do olho do homem. A princípio, não foi intenção do participante compor essa cena, mas ela emergiu na naturalidade da intervenção, alinhando-se às premissas do grafite. Percebido apenas na finalização da obra, Bruno se admira com a produção que escapou ao seu planejamento, mas valida o resultado, pois entende que a lágrima, ao lado de uma flor com espinhos, traduz uma das várias facetas da vida das ruas.

Já na extremidade direita da imagem, Joélia se representa no muro. Ao se ver no muro, tal qual se desenhou no seu desenho (Imagen 11), fica muito feliz e empolgada com o resultado. Com os olhos brilhando e chamando a atenção de quem passava pelo muro, diz:

*“Olha eu ali, olha... Agora estou pra sempre no muro do Centro Pop.”*

Josélia se vê em outro lugar, agora de referência, ao lado da palavra AMOR e seus sentidos diversos.

A letra M foi idealizada por Edson que optou por não desenhar o rascunho, pois já

tinha o seu desenho “na mente”. As árvores são inspiradas no verde da Praça do Diário, local central na cidade do Recife e historicamente tomado por pessoas em situação de rua. Nas sombras das árvores, Edson narra os descansos do sol ardente do Recife. Como também apoio e referência para o recebimento de doações, principalmente de comida. A nutrição é um fruto dessas árvores para quem ali está em contexto de vida nas ruas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o contexto de vida das pessoas em situação de rua pela via da amorosidade foi um caminho emocionante e mobilizador. Cada gesto, palavras e desenhos que pude compartilhar com essas pessoas e com você, leitor(a), apontava para um lugar: a insistência na vida apesar de tanto; vidas biográficas, singulares e que são potencializadas pelo amor e pelas práticas da amorosidade que desafiam a lógica amplamente difundida dessas pessoas resumidas às drogas, ao crime e sem perspectiva de futuro. Como também desafia a lógica do amor enquanto um privilégio reservado a determinados grupos, abstrato, romantizado e individual.

Os sujeitos dessa pesquisa nos dizem: não é a cena privada que garante e detém a manifestação do amor; não é um domicílio nem a família que monopolizam as manifestações do amor; não é a vida privilegiada a única forma de vivenciar o amor. As pessoas em situação de rua participantes deste estudo nos convocam a ressignificar o que é o amor e qual a gramática é conferida a essa manifestação, e como essas gramáticas negam, excluem e invisibilizam outros corpos de vivenciarem o amor, como se fosse um privilégio que não está ao alcance de todos e todas, inclusive das pessoas que sobrevivem nas ruas. Essa lógica é mais um sustentáculo para pôr à margem e invisibilizar vidas em extrema vulnerabilidade.

Pensar o amor no contexto das ruas é refletir as dimensões amorosas com o contorno da violência, da violação de direitos, da vulnerabilidade extrema, da fome e de práticas estruturais de invisibilização dessas pessoas. Ainda assim, não inviabiliza que o amor circule entre essas pessoas e a realidade social a qual estão inseridas, nos convocando a reorganizar o que entendemos como amor, inclusive pela via da coletividade. Em cada comunicação desses sujeitos nessa pesquisa, há um grito: *“nós estamos resistindo e defendendo uma vida mais potente!”*

Este estudo partiu da seguinte problematização: quais as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua? Nos interessamos pelo pensamento social, dinâmicas de vidas nas ruas e formas de relações desses sujeitos pela lente do amor, de práticas da amorosidade. A partir de Vieira (2019) e hooks (2001), entendemos que o amor é um ato coletivo, revolucionário e de potencialização da vida, como também uma ética da ação que enlaça os sujeitos a formas de vida menos mortificadoras.

Dessa forma, nos questionamos e traçamos um desenho metodológico para evidenciar como esses sujeitos representam socialmente as dimensões do amor e, por consequência,

como essas vidas são atravessadas e guiadas por essa manifestação afetiva.

Como lente teórica, nos guiamos pela Teoria das Representações Sociais para situarmos o presente estudo, a qual descreve que as representações sociais são uma rede de interpretações organizados a partir de um contexto social que guiam práticas e relações sociais (Jodelet, 2001). Nessa perspectiva, o sujeito é considerado ativo e participante na construção de sua realidade contextual, o que fortalece a linha desta pesquisa ao olhar as pessoas em situação de rua como sujeitos biográficos, singulares e autores de uma história em curso.

A partir do círculo de cultura (Freire, 2023), foi possível acessar as representações sociais do amor para os sujeitos da pesquisa e as dimensões do amor compartilhadas e vivenciadas entre si. A partir das falas, desenhos e outras formas de comunicação foi possível compor um mosaico do amor no contexto das ruas costurado pelo senso da coletividade, pelo desejo de justiça social e uma vida mais digna.

As pessoas em situação de rua que participaram desta pesquisa comunicaram sentidos do amor relacionados ao compartilhamento, comunidade, cuidado, justiça social, barganha, família, relações íntimas, morte, espiritualidade, natureza, esperança e também o esmorecer do amor em determinados momentos, como conflitos de interesses territoriais, fome, violências, traições e falta de confiança no tocante às relações interpessoais. Destacamos como as representações sociais expressas por essas pessoas emergiram em comunicação umas com as outras, compondo um sistema representacional que torna inteligível as representações sociais acerca do amor. Dessa forma, as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua participantes deste estudo são todos esses elementos apontados, formando um caleidoscópio do amor em várias faces coexistentes.

Em um contexto composto por diversas camadas de violência, os sentidos do amor e as práticas da amorosidade desses sujeitos colocam em relevo a organização social e a coletividade como força motriz para a sobrevivência às adversidades da rua, sublinhando a dimensão relacional e afetiva como fundamental para o cotidiano dessas pessoas.

Essa pesquisa pode ampliar as discussões acerca das pessoas em situação de rua ao propor uma outra lente de aproximação: o amor. As relações entre si e as formas de interpretar o mundo, percebidos pela via da amorosidade, apontam para outras dinâmicas de vida na rua e relembram que esses sujeitos não se resumem a corpos biológicos que buscam saciar a fome. Há um sujeito que se relaciona, que deseja, que sente, que é singular.

O estudo em questão pode provocar e sensibilizar intervenções feitas a essa população, pois implicar a dimensão afetiva para uma aproximação a essas pessoas pode mobilizar conteúdos que facilitem expressões subjetivas inerentes a esses sujeitos que corriqueiramente

são negligenciados. Allan e Edson, no segundo momento do círculo de cultura, ao manifestarem o interesse pela continuidade dos encontros para a discussão do amor no contexto das ruas, comunicam a importância e a necessidade deste espaço como um momento importante, único e raro no contexto da vida nas ruas e em um Centro Pop.

Como apontado pelos participantes, no que diz respeito à relação entre profissionais e usuários dos serviços socioassistenciais, este estudo pode subsidiar formações e treinamentos de pessoal, pois desvela uma outra face das ruas que pode ressignificar os preconceitos e estigmas que reduzem e massificam essas vidas. Além disso, os dados deste estudo podem contribuir para a construção e reflexão de políticas públicas para essa população.

Apesar de alcançar os objetivos elencados, esta pesquisa apresenta algumas limitações. O primeiro aspecto diz respeito à quantidade de pessoas participantes. Pela capacidade e limitações do Centro Pop Glória em relação ao acesso das pessoas, a diversidade de sujeitos que participaram da pesquisa foi ligeiramente afetada. Um outro aspecto corresponde à coleta de dados, sendo indicado um aprofundamento das representações apresentadas através de outras ferramentas metodológicas. Por fim, percebemos que os marcadores sociais - como raça, gênero e idade, são elementos significativos que poderiam melhor contextualizar as representações sociais do amor para essas pessoas.

Nesse sentido, como uma pesquisa que não se encerra, mas mobiliza e projeta outros percursos, indicamos que esses aspectos sejam considerados para estudos posteriores.

Escutar e amplificar os sentidos do amor para pessoas em situação de rua é compartilhar outras faces das dinâmicas relacionais e formas de existência nesse contexto, destacando a dimensão subjetiva e afetiva que tendem a ser preteridas quando pensamos e falamos sobre essa população. O amor é um ato político, revolucionário e coletivo que circula nas ruas, nas marquises, no papelão e no meio fio. Também habita e conduz as relações desse sujeito com o outro e com o mundo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A. S. P., Oliveira, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998;
- ALMEIDA, T. **O conceito de amor**: um estudo exploratório com participantes brasileiros. Pedro e João Editores, 2018;
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011;
- BLANCO, L. S.; SOUZA, E. G.; O grafite e a formação do espaço geográfico urbano: informação, educação e arte. **Revista Geografia Literatura e Arte**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 141–159, 2020;
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua**: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, 2009;
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População em situação de rua**: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativo e sistemas do Governo Federal. Brasília, 2023;
- BRASIL. Orientações técnicas: centro de referência especializado para população em situação de rua (centro pop) e serviço especializado para pessoas em situação de rua. Brasília, 2011;
- BRITO, E. C.; VIANA, A. Desintegração do trabalho assalariado e precarização: uma análise das condições de trabalho e habitação do autoemprego e pequenos empregadores no Brasil por grupos de renda (2016-2022). In: **ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA - ANPEC, 42., 2024, Natal**. Anais [...]. Natal: ANPEC, 2024. Disponível em: [https://www.anpec.org.br/encontro/2024/submissao/files\\_I/i2-44d651ad284cd5ff2de9e70f7b4ea96c.pdf](https://www.anpec.org.br/encontro/2024/submissao/files_I/i2-44d651ad284cd5ff2de9e70f7b4ea96c.pdf). Acesso em: 7 ago. 2024;
- CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 14, n. 28, p. 125–137, maio 2004;
- COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rocco, 1998;
- CUNDA, M. F.; SILVA, R. N. ME CHAMAM RUA, POPULAÇÃO, UMA SITUAÇÃO: OS NOMES DA RUA E AS POLÍTICAS DA CIDADE. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. e223876, 2020;
- DOISE, W. Da psicologia social à psicologia societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 027–035, jan. 2002;
- FAVERO, S. Psicologia suja. Salvador: Devires, 2022;
- FÉLIX, Lívia Botelho; ANDRADE, Danyelle Almeida de; RIBEIRO, Fernanda Siqueira; CORREIA, Clarissa Cristina Gonçalves; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 198–217, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1973-2301.v5n2.198-217>

10.12957/psi.saber.soc.2016.20417. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/20417>. Acesso em: 11 jan. 2025;

FIGUEIREDO, A. C. S. **“Amor de Papelão”:** trajetórias de casais em situação de rua na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023. 230p. Tese de Doutorado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 55. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda., 2023;

FREIRE, P. **Educação e mudança.** 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNES, 1993;

GOFFMAN, E. **Estigma:** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982;

GONÇALVES, V. L.; FREIRE, S. F. C. D. **A ATUALIDADE DOS CÍRCULOS DE CULTURA NA AÇÃO EDUCATIVA E NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS.** SciELO Preprints, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8944>. Acesso em: 20 set. 2024;

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021;

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, S. (Org.). **Representando a Alteridade.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998;

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001;

KINA, D. J. **A afetividade nos processos de transformação:** Uma reflexão sobre a relação entre profissionais e usuários do serviço de atenção a violência. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16959> Acessado em: 05 jun. 2023;

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019;

KUNZ, G. S.; HECKERT, A. L.; CARVALHO, S. V. Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 919-942, 28 dez. 2014;

MADEIRA, M. C. Representações sociais de professores sobre a própria profissão: à busca de sentidos. In: **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd**, 23, 2000, Caxambu. **Anais [...].** Caxambu: ANPEd, 2000;

MARINHO, A. R. B. **Círculo de cultura:** origem histórica e perspectivas epistemológicas. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009;

- MARTINS, R. C. R. **A escuta ético-política na rua.** 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016;
- MARTUCELLI, D. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 86, p. 147–165, jan. 2016;
- MATINS, R. C. R. **A escuta ético-política na rua.** 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016;
- MENEZES, M. C. O Mito do Amor Romântico. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 17, n. 3, p. 559–572, 2008. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/344>. Acesso em: 02 dez. 2023;
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004;
- MIRANDA, H. S. Et Al. **Relatório Final - Censo da População em Situação de Rua da Cidade do Recife.** RECIFE, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2023;
- MNPR. **MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA.** Conhecer para lutar. Cartilha de formação do Movimento Nacional da População de Rua. Brasília: MNPR, 2010. Disponível em: [https://direito.mprr.mp.br/arquivos/File/MNPR\\_Cartilha\\_Direitos\\_Conhecer\\_para\\_lutar.pdf](https://direito.mprr.mp.br/arquivos/File/MNPR_Cartilha_Direitos_Conhecer_para_lutar.pdf). Acesso em: 7 set. 2024;
- MOREIRA, N. X.; FIGUEIREDO, A. C. S. Contributos à análise do amor entre casais que vivem na rua. **Argumentum**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 307–323, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/33085>. Acesso em: 30 out. 2023;
- MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público.** Petrópolis: Vozes, 2012;
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2015;
- NASCIMENTO, F. S. **Namoro e violência:** um estudo sobre amor, namoro e violência para jovens de grupos populares e camadas médias. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2009, Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8416>. Acesso em: 02 dez. 2023;
- NEPOMUCENO, L. B.; CAVALCANTE, J. A. M.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Círculo de cultura como componente qualitativo da pesquisa em Educação Física: reflexões teórico-metodológicas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55524>. Acesso em: 19 set. 2024;
- NETTO, J. P. Cinco notas a propósito da “Questão Social”. **Temporalis**, Brasília, DF, ano 2, n. 3, p. 41-49, jan./jul. 2001;
- PARREIRA, P.; MÓNICO, L.; OLIVEIRA, D.; CAVALEIRO, J.; GRAVETO, J. Abordagem estrutural das representações sociais. In P. Parreira, J.H. Sampaio, L. Mónico, T. Paiva & L. Alves (coords.). **Análise das representações sociais e do impacto da aquisição de competências em empreendedorismo nos estudantes do Ensino Superior Politécnico**

(cap. 4, pp.55-68), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/10578>. Acesso em: 20 out. 2024;

PESSANHA, N. D. Perfil da população de rua. In: ROSA, C. M. M. (Org.). **População de rua - Brasil e Canadá**. São Paulo: Hucitec, 1995;

PRATES, J. C.; PRATES, F. C.; MACHADO, S. Populações em situação de rua: Os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Temporalis**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 191–216, 2012. DOI: 10.22422/2238-1856.2011v11n22p191-216. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1387>. Acesso em: 01 fev. 2025;

RIBEIRO, A. S.; DIAS, L.; MIRANDA, A. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: INTERSECCIONALIDADES E MECANISMOS PARA A EFETIVAÇÃO DE DIREITOS. **Revista da Defensoria Pública do Estado de São Paulo**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 69-92, dez. 2024. Disponível em: <https://ojs.defensoria.sp.def.br/index.php/RDPSP/article/view/195>. Acesso em: 20 dez. 2024;

ROBAINA, I. M. M. **População em situação de rua, espacialidades e vida cotidiana**: mobilidades, permanências e ritmos espaciais na área central da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Brasil Multicultural, 2018;

ROUGEMONT, D. **História do amor no Ocidente**. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003; SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998;

SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 19-33, dez. 1996;

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002;

SANTOS, M. F. S. Representando a alteridade. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 4, n. 2, p. 375–382, jul. 1999;

SANTOS, M. F. S. **A Teoria das Representações Sociais**. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. Diálogos com a Teoria das Representações Sociais. Pernambuco: Editora Universitária. 2005;

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364–372, set. 2009;

SAWAIA, B. B. **Porque investigo a afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular de Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000;

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 99-119;

SAWAIA, B. B.; PEREIRA, A; SANTOS, L. M. Psicologia e população em situação de rua: apontamentos sobre a produção científica no Brasil. In: SAWAIA, Bader Burihan et al.

(Orgs.) **Afeto & comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 101-122;

SCHLOSSER, A.; CAMARGO, B. V. Elementos caracterizadores de representações sociais sobre relacionamentos amorosos. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 105-118, dez. 2019;

SERRA, P. M.; BICUDO, M. C. Desigualdades e laços sociais: por uma renovação da teoria do vínculo: Entrevista com Serge Paugam. **Plural**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 208-232, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159915>. Acesso em: 31 out. 2023;

SILVA, L. D. **Arruando pelo Recife**. Recife: Cepe, 2021;

SILVA, M. L. L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006;

SILVA, P. De O. M.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. Da. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 3, p. 435-443, set. 2012;

SILVA, R. B. O processo de organização política da população em situação de rua na cidade de São Paulo: limites e possibilidades da participação social. In: **SEMINÁRIO NACIONAL POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: PERSPECTIVAS E POLÍTICAS PÚBLICAS**. São Paulo: Universidade São Carlos, 2008;

SILVA, V. R. C. da; NASCIMENTO, W. F. do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 10, p. 168–182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954>. Acesso em: 29 out. 2023;

TOMÉ, A. M.; FORMIGA, N. S. Abordagens teóricas e o uso da Análise de Conteúdo como instrumento metodológico em Representações Sociais. **Rev. Psicol Saúde e Debate**, v. 6, n. 2, p. 97-117, 2020;

TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; TECHIO, E. M. CAMINO, L (orgs). **Psicologia Social: temas e teorias**. 3. ed. São Paulo: Blucher. 2023;

VALA, J.; CASTRO, P. Pensamento social e representações sociais. IN: VALA, J.; MONTEIRO, M. B (coords.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian. 2013;

VIEIRA, H. **O amor como revolução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019;

VILLAS BOAS, L. P. S. Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 19, p. 143-166, dez. 2004;

WACHELKE, J. F. R. O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, n. 2, p. 313–320, maio 2005;

WACHELKE, J. F. R; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre , v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007;

YAMAMOTO, O. H. Políticas sociais, “terceiro setor” e “compromisso social”: perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 30–37, jan. 2007.

## ANEXO A - TCLE

1/3



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “IMAGENS RUALIZADAS DO AMOR: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA”, que está sob a responsabilidade do pesquisador Thomas Joaz Gonçalves Cabral, e-mail: psithomasjoaz@gmail.com. Está sob orientação de Maria de Fátima de Souza Santos, e-mail: maria.fssantos@ufpe.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

**Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** Esta pesquisa tem como proposta uma análise às Representações Sociais do Amor para essas as Pessoas em Situação de Rua. **Para acesso aos conteúdos a serem analisados e discutidos, será realizado um círculo de cultura composto por três momentos em dias diferentes, no qual ocorrerão a reflexão de questões disparadoras, produção de imagens e cartazes, contação de histórias e grafite em um muro que façam alusão ao amor para participante.**

**Os círculos de cultura ocorrerão de maneira presencial no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória localizado no Recife/PE e terão duração máxima de uma**

hora e meia. Para que a coleta de dados seja executada, os participantes precisarão assinar o TCLE em concordância com a utilização dos dados nesta pesquisa.

**RISCOS:** Os possíveis riscos que essa pesquisa pode trazer aos sujeitos participantes diz respeito ao desconforto emocional pelo contato com conteúdos que remetam a dimensão do amor e as relações afetivas. A fim de atenuar tais riscos, todo o processo será guiado de maneira ética e responsável, priorizando o bem estar dos sujeitos e preservando o sigilo das informações compartilhadas. Em caso de percepção ou sinalização de qualquer desconforto por parte dos sujeitos, será respeitada a decisão do participante de não continuar o processo e será feito o encaminhamento necessário a serviço gratuito para acolhimento da pessoa. Caso haja necessidade de deslocamento, o pesquisador não será responsável pelo risco do trajeto.

**BENEFÍCIOS:** Diretamente, esta pesquisa contribui na facilitação de um espaço de escuta, acolhimento e elaborações de aspectos relacionados à dimensão do Amor para a Pessoa em Situação Rua, mobilizando os pensamentos sociais desse afeto e suas implicações em suas relações cotidianas. De forma indireta, esta pesquisa pode contribuir para o olhar, estudos e práticas relacionados às Pessoas em Situação de Rua, tendo em vista a relevância da dimensão afetiva e amorosa na vida dos sujeitos e a pequena presença de estudos que refletem sobre tal dimensão na vida dessas pessoas até a presente data.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações e imagens), ficarão armazenados em computador pessoal e sob a responsabilidade do pesquisador no endereço acima informado pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da FAFIRE, no endereço: **Avenida Conde da Boa Vista, número 921 – Conde da Boa Vista, Recife-PE, CEP: 50060-002 – e-mail: comitedeetica@fafire.br.**

---

(assinatura do pesquisador)

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo IMAGENS RUALIZADAS DO AMOR: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA como participante. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

- Aceito Participar da pesquisa  
 Não aceito participar da pesquisa

## ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA



Secretaria de Assistência Social e Combate à Fome  
 Secretaria Executiva de Assistência Social  
 Gerência Geral do SUAS  
 Gerência de Gestão do Trabalho e Educação Permanente do SUAS

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu, **Bartyson D'Carlos Bartolomeu Sousa**, matrícula nº 13265, Chefe de Divisão dos Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua, da Secretaria Executiva de Assistência Social da Prefeitura do Recife, tenho ciência e autorizo o discente **Thomas Joaz Gonçalves Cabral**, CPF.: **109.043.584-37**, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) a realizar um Círculo de Cultura, composto por três encontros, no Centro Pop Glória, com objetivo de subsidiar a elaboração de uma pesquisa intitulada **“IMAGENS RUALIZADAS DO AMOR: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA”**, sob orientação da Profª. Drª Maria de Fátima de Souza Santos.

Como contrapartida, o aluno se compromete em realizar uma apresentação no serviço em questão – podendo realizá-la em outros Centros Pop da região – a fim de compartilhar as discussões e os resultados elaborados ao longo da pesquisa com os usuários e profissionais desses serviços, facilitando um espaço de trocas e de novos olhares para essas pessoas.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/12, 510/16 e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes de pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consustanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
 BARTYSON D'CARLOS BARTOLOMEU SOUSA  
 Data: 06/01/2025 12:19:34-0300  
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Recife, 06 de janeiro de 2025.  
 Documento assinado digitalmente  
**gov.br**  
 THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL  
 Data: 06/01/2025 15:48:40-0300  
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Bartyson D'Carlos Bartolomeu Sousa**  
 Chefe de Divisão dos Centros de Referência  
 Especializados para População em Situação  
 de Rua

**Thomas Joaz Gonçalves Cabral**  
 Discente

## ANEXO C - PARECER DE APROVAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** IMAGENS RUALIZADAS DO AMOR: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

**Pesquisador:** THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 80378124.6.0000.5586

**Instituição Proponente:** CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.352.314

#### Apresentação do Projeto:

##### 1. INTRODUÇÃO

Pensar o fenômeno Pessoas em Situação de Rua (PSR) requer uma inclinação cuidadosa e sensível, indo além de um olhar massificador e universalizante. Caso contrário, incorreremos nos imperativos sociais que permeiam essa população, individualizando-os e responsabilizando-os por sua condição circunstancial.

Nesta pesquisa, proponho uma aproximação científica e humanizada a essas pessoas por uma trilha pouco comum se observado o histórico de investigações científicas junto a esses sujeitos: o amor. Apresento como proposta trazer ao grande público os modos de relações que enlaçam essa população, inscrevendo que em um contexto de violação de direitos, sofrimentos e violências das mais variadas natureza, existem sujeitos que estabelecem vínculos afetivos e amorosos e não estão ocupados apenas em sobreviver.

O título da pesquisa necessita ser elucidado. Por „rualizada“, expressão derivada da ideia de Rualogia elaborada por Carlos Henrique, homem com trajetória de situação de rua, refere-se aos conhecimentos adquiridos por sujeitos em situação de rua decorrentes de suas vivências dessa condição (Gonçalves e Ferreira, 2021). Em relação às imagens rualizadas, apontarei, adiante, no método desta pesquisa, o lugar relevante que as imagens produzidas por pessoas em situação de rua ocuparão neste trabalho.

**Endereço:** Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José  
**Bairro:** Boa Vista **CEP:** 50.060-002

**UF:** PE **Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534 **Fax:** (81)99150-0775 **E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

O projeto de pesquisa que apresento origina-se da minha prática profissional como Analista de Direitos Humanos e Assistência Social - Psicólogo, vinculado à Prefeitura da Cidade do Recife, atuando junto ao Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop Glória. Este equipamento, no contexto da Política Nacional de Assistência Social e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), configura-se como um espaço de convivência, fortalecimento de vínculo e desenvolvimento de projetos de vida facilitados por profissionais dedicados às pessoas adultas que se encontram em situação de rua (Brasil, 2011).

As escutas e convivência junto às pessoas em situação de rua me causaram angústias, deslocamentos, inquietações e reflexões, tanto pessoais quanto profissionais, mobilizando os meus desejos a pesquisar e mergulhar neste fenômeno que cotidianamente pedia um olhar e uma escuta singulares e sensíveis. Tais afetações originaram-se da extrema vulnerabilidade, da pobreza extrema e das diversas violências e violações presentes nas vidas dessas pessoas, exigindo um olhar e uma prática profissional consoantes a tal complexidade.

Nessas experiências, fui convocado, entre as várias manifestações subjetivas dos sujeitos, a refletir sobre o lugar da afetividade, mais precisamente do amor, em suas dinâmicas de vida no contexto das ruas. A partir de relatos e vivências das pessoas em situação de rua, questionei-me acerca do pensamento social do amor para esta população.

Tais vivências profissionais com essas pessoas me conduziram a problematizar as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua e, consequentemente, as implicações em suas relações afetivas, partindo do pressuposto de que as representações sociais são [...] verdadeiras teorias ou sistemas de conhecimento que servem na descoberta e organização da realidade. (Camino e Torres, 2023, p. 71).

O amor, em sua polissemia e inúmeras possibilidades de sentidos tem sido objeto de discussão desde a antiguidade pelos mais diversos campos de saber: a filosofia, a literatura, a arte, a psicologia, a antropologia entre outras. Entretanto, para a contextualização teórica desta pesquisa, a concepção adotada sobre o amor está além de uma visão natural e universal (Costa, 1998), considerando-o e localizando-o como um fenômeno social, histórico e, portanto, sempre em movimento (Sawaia, 2001) e como uma ação capaz de transformações sociais, perpassando qualquer relação humana, não apenas as de dimensão afetivo sexuais (hooks, 2021).

Para bell hooks (2021), o amor está além do sentimentalismo e afeição, sendo uma ação capaz de transformação social através de vínculos compostos pelo cuidado, afeto, comprometimento e honestidade.

**Endereço:** Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

#### 4. JUSTIFICATIVA

Em sua considerável maioria, os estudos que se ocupam das Pessoas em Situação de Rua apontam para a construção histórica desse fenômeno, seus processos de violação de direitos e violências das mais variadas naturezas. Entretanto, há de se refletir também sobre outros aspectos e manifestações subjetivas dessas pessoas, além dos cenários mortificadores que os cercam e comumente são olhados por diferentes facetas. Além desses aspectos, há uma dimensão afetiva e relacional que afetam as suas organizações sociais e suas dinâmicas de vida (Serra e Bicudo, 2019).

A dimensão afetiva descrita por Sawaia (2009) como essencial para o desenvolvimento ético-político do sujeito, como também uma necessidade humana referente à rede de proteção entre os pares (Serra e Bicudo, 2019) não figura de forma significativa nos estudos acerca dessas pessoas (Moreira e Figueiredo 2023).

Nesse sentido, essa pesquisa objetiva aproximar-se cientificamente dessas pessoas por um viés não usual: o amor. Apostando, assim, em outra lente para olhar um fenômeno corriqueiramente analisado.

Tal proposta sublinha as manifestações subjetivas e biográficas dos sujeitos presentes em uma categorização descritiva que define um grupo populacional, a População em Situação de Rua (Brasil, 2009).

Partindo de uma perspectiva de que o amor é uma ética da ação e uma costura que envolve o cuidado, o afeto, o reconhecimento, o respeito, o comprometimento e a confiança (bell hooks, 2019), pôr em relevo os sentidos do amor para as pessoas em situação de rua recupera a dimensão subjetiva e pessoal de cada sujeito que constitui a massificadora lógica da categoria *População em Situação de Rua*, que pode induzir imagens estigmatizadoras e cristalizadas sobre essas pessoas.

Essa pesquisa justifica-se, assim, por facilitar a maculada voz das pessoas em situação a falarem sobre o amor, comunicando modos de vida outros, além dos mortificadores (Silva e Nascimento, 2019).

#### 5. OBJETO DE ESTUDO

A pesquisa em questão tem como objeto de estudo as representações sociais do amor para pessoas em situação de rua.

**Endereço:** Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

## 7. METODOLOGIA

Como caminho metodológico, a fim da aproximação às representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua, esta pesquisa fará uso do Grupo Focal, pois este facilita um espaço de interação, trocas e discussões entre os sujeitos que formam um grupo (Gaskell, 2002).

Nessa organização grupal os sujeitos comunicam-se entre si, explicitando as representações sociais que compartilham sobre o objeto em discussão, sendo influenciados e constituídos por fatores do contexto social e histórico. Em diálogo com a Teoria das Representações Sociais, esse formato e funcionamento grupal privilegiam o coletivo como protagonista na construção de sentidos sobre o objeto pesquisado (Kalampalikis, 2004).

O grupo terá como atividade principal a elaboração e narração oral de imagens - pinturas e desenhos - produzidas por pessoas em situação de rua, partindo da ideia de que as imagens são narrativas que decodificam signos de um contexto cultural e reveladoras dos sentidos que compõem tal contexto, estando em constante transformação e constituindo o pensamento dos sujeitos (Soares, 2005).

O grupo focal, que ocorrerá em um único dia de forma presencial, será composto por 4 a 8 pessoas e será organizado em dois momentos diferentes e complementares. No primeiro momento será proposta a atividade de elaboração de pinturas e desenhos com papeis, tintas e lápis coloridos que representem o amor para cada participante. No momento seguinte, será proposto que cada sujeito socialize a sua produção e discorra sobre tal, expondo os sentidos que compõem a imagem e o que mobilizou a produção.

### 7.1 Desenho da Pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois se dispõe a investigar o mundo dos significados a partir dos sentidos, motivações, crenças e atitudes que compõem parte da realidade social dos sujeitos (Minayo, Deslandes e Gomes, 2007).

### 7.2 Local da pesquisa

A coleta de dados desta pesquisa acontecerá no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop Glória localizado na Rua do Sossego, Nº 563 - Santo

**Endereço:** Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

Amaro, Recife/PE.

Levando em consideração as relações e o convívio já estabelecidos com os usuários no equipamento que atua enquanto Psicólogo, se faz necessária a atenção e o cuidado com o manejo do grupo e a análise dos dados a partir de uma presença preservada nesse processo. Para Figueiredo (2007), a presença reservada é um distanciamento ideal que facilita e potencializa o processo de determinada relação, caracterizando uma posição que permite um espaço potencial entre os sujeitos.

A escolha pelo Centro Pop Glória como campo de pesquisa motiva-se por este ser um dos mais antigos da cidade e localizado no centro do Recife, constituindo um espaço de relevante número de pessoas em situação de rua que fazem passagem e permanência durante todo o dia no equipamento.

#### 7.3 Amostra

O número amostral para a composição do grupo focal nesta pesquisa é de 4 a 8 sujeitos, haja vista que a constituição de tal modalidade de grupo deve facilitar a participação e a discussão efetiva de seus componentes (Pizzol, 2004). Dessa maneira, entre os limites propostos para a formação grupal, entende-se que esse número de participantes viabiliza o acesso aos conteúdos propostos a serem analisados.

#### 7.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Como critério de inclusão para a participação do grupo, poderão participar da pesquisa pessoas adultas em situação de rua que estejam acolhidas Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop Glória.

Como critério de exclusão, pessoas em situação de rua menores de 18 anos não poderão participar da pesquisa.

#### 7.5 Recrutamento dos Participantes

O convite à participação do grupo focal e a explicitação da natureza da pesquisa será realizado verbalmente no início do dia no momento em que os usuários e as usuárias do serviço estiverem na área de convivência do referido serviço. Em seguida, os voluntários e voluntárias

**Endereço:** Av, Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

serão guiados a uma sala organizada para a realização do grupo.

#### 7.6 Instrumentos de Coleta de Dados

A fim de viabilizar a coleta de dados referentes às representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua, esta pesquisa fará uso do Grupo Focal enquanto uma ferramenta que facilita a interação, trocas e discussões entre os sujeitos que formam um grupo (Gaskell, 2002).

Nesse momento grupal serão disponibilizados cartolinhas, folhas de ofício, lápis coloridos, tintas e pinceis para que os sujeitos possam elaborar imagens que representam o amor para cada um. Posteriormente, será proposto que cada integrante do grupo socialize a sua arte e discorra sobre ela, explicando a imagem, seus elementos, os sentidos que imprimiu nas folhas e o que mais desejar expressar.

Com isso, os dados a serem analisados nessa pesquisa serão constituídos por imagens e narrações sobre elas, potencializando, assim, um maior acesso aos elementos que constituem as representações sociais estudadas na pesquisa em questão.

Como o conforto e o bem estar dos envolvidos na pesquisa, em caso de anuênciia por parte de todos e todas participantes do grupo e preservando a identidade dos participantes, será utilizado gravador de voz para registrar os conteúdos da atividade a fim de auxiliar na análise de conteúdo posterior. Da mesma maneira, as imagens elaboradas pelas pessoas do grupo, caso autorizada pelos autores, serão expostas em momentos seguintes do trabalho.

#### 7.7 Procedimentos para a coleta de dados

O convite à participação do Grupo Focal e a explicitação da natureza da pesquisa serão realizados verbalmente no início do dia no momento em que os usuários e as usuárias do serviço estiverem na área de convivência do referido serviço. Em seguida, os voluntários e voluntárias serão guiados a uma sala organizada para a realização do grupo. Em caso de mais pessoas manifestarem interesse para a participação do grupo além do estipulado anteriormente, será proposto a realização de um outro grupo em dia diferente, no qual esses procedimentos se repetirão em um dia posterior.

O grupo focal acontecerá presencialmente e em um único dia, com duas horas de período máximo de duração.

**Endereço:** Av, Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

Acomodados e acomodadas em uma sala organizada para tal atividade, primeiramente será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e será proposta a apresentação dos sujeitos presentes a fim de facilitar a construção de vínculo entre os participantes da pesquisa e o pesquisador. Nesse momento também será destacado que o espaço será sigiloso e respeitoso. Em seguida, iniciaremos as discussões e elaborações de pinturas, imagens e afins, como descrito detalhadamente, passo a passo, no ANEXO F deste documento.

**Objetivo da Pesquisa:**

**6. OBJETIVOS**

**6.1 Geral**

Por objetivo geral, esta pesquisa busca analisar as representações sociais do amor para as pessoas em situação de rua.

**6.2 Específicos**

Como objetivos específicos, esta pesquisa busca identificar os conteúdos das representações sociais do amor compartilhadas entre as pessoas em situação de rua expressas nas imagens elaboradas e descritas verbalmente, bem como identificar os elementos de tais produções que compõem as representações sociais acerca do amor para as pessoas em situação de rua.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**8. ASPECTOS ÉTICOS**

Em se tratando de uma pesquisa que envolverá sujeitos e, consequentemente, as nuances e complexidades das subjetividades, se faz necessária a atenção aos cuidados éticos inerentes a esse processo, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a garantia do sigilo, a preservação e segurança dos dados coletados e a anuência do uso de gravador durante o grupo focal.

A aproximação aos participantes da pesquisa irá considerar a responsabilidade ética que tem em vista as ressonâncias da presença do pesquisador através de suas atividades na vida dos

**Endereço:** Av, Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

envolvidos no processo de pesquisa (Silva; Lionço, 2018).

Além disso, esta pesquisa será norteada pela Resolução 466/2012, que apresenta as diretrizes para pesquisas com seres humanos (Brasil, 2012), e pela Resolução 510/2016, que elenca orientações específicas para as pesquisas em ciências humanas e sociais (Brasil, 2016).

#### Riscos

Os possíveis riscos que essa pesquisa pode trazer aos sujeitos participantes diz respeito ao desconforto emocional pelo contato com conteúdos que remetam a dimensão do amor e as relações afetivas. A fim de atenuar tais riscos, todo o processo será guiado de maneira ética e responsável, priorizando o bem estar dos sujeitos e preservando o sigilo das informações compartilhadas. Em caso de percepção ou sinalização de qualquer desconforto por parte dos sujeitos, será respeitada a decisão do participante de não continuar o processo e será feito o encaminhamento necessário a serviço gratuito para acolhimento da pessoa. Caso haja necessidade de deslocamento, o pesquisador não será responsável pelo risco do trajeto.

#### Benefícios

Diretamente, este trabalho contribui na facilitação de um espaço de escuta, acolhimento e elaborações de aspectos relacionados à dimensão do amor para a pessoa em situação rua, mobilizando os pensamentos sociais desse afeto e suas implicações em suas relações cotidianas. De forma indireta, partindo do pressuposto de que a Psicologia deve superar a ideia de que as camadas mais vulneráveis da sociedade preocupam-se apenas com a sobrevivência e destacando que a afetividade é essencial para o desenvolvimento ético-político dos sujeitos (Sawaia, 2009), esta pesquisa pode contribuir para o olhar, estudos e práticas relacionados às pessoas em situação de rua, tendo em vista a relevância da dimensão afetiva e amorosa na vida dos sujeitos e a pequena presença de estudos que refletem sobre tal dimensão na vidas dessas pessoas até a presente data.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Endereço:** Av, Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Para efeito de avaliação e elaboração desse parecer, foram utilizados como documentos os seguintes arquivos:

- 1 - Projeto Detalhado / Brochura do Investigador: "UNIVERSIDADE\_FEDERAL\_DE\_PERNAMBUCO\_CEP\_01.doc"
- 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento: "TCLE\_novo\_arquivo.doc" e "xxxx.doc".
- 3 - Preenchimento da Plataforma Brasil: "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_2480324\_E1.pdf"
- 4 - Carta de Anuência: "Carta\_de>Anuencia\_Thomas\_Joaz\_UFPE\_alterada\_assinado\_assinado.pdf"
- 5 - Folha de Rosto: "folha\_de\_rosto\_ppgpsi.pdf"
- 6 - Justificativa da emenda: "JUSTIFICATIVA\_DA\_EMENDA.docx"
- 7 - Termo de Confidencialidade: "TERMO\_DE\_CONFIDENCIALIDADE.docx"
- 8 - Orçamento: "orcamento\_novo.docx"
- 9 - Justificativa: "JUSTIFICATIVA.docx"
- 10 - Roteiro Círculo de cultura: "ROTEIRO\_ANEXO\_F\_novo\_arquivo.docx"
- 11 - Currículo Lattes Pesquisador Principal: "Lattes\_Thomas\_Joaz\_Goncalves\_Cabral.pdf"
- 12 - Currículo Lattes Orientadora: " Lattes\_Maria\_de\_Fatima\_de\_Souza\_Santos\_.pdf"
- 13 - Declaração da IES: "declaracao\_ufpe.pdf"

**Recomendações:**

Ajustar o Cronograma a partir da aprovação do CEP.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O presente protocolo de pesquisa não apresenta óbices éticos para sua execução.

Lembramos que o pesquisador responsável assume o compromisso de encaminhar ao CEP-UNIFAFIRE o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto nas normativas vigentes, Resolução CNS nº 510/16 e 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este Protocolo não apresenta óbices éticos para sua execução

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

<b>Endereço:</b> Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José	<b>Bairro:</b> Boa Vista	<b>CEP:</b> 50.060-002
<b>UF:</b> PE	<b>Município:</b> RECIFE	
<b>Telefone:</b> (81)2122-3534	<b>Fax:</b> (81)99150-0775	<b>E-mail:</b> comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_2480324_E1.pdf	06/01/2025 16:50:05		Aceito
Outros	ROTEIRO_ANEXO_F_novo_arquivo.docx	06/01/2025 16:45:29	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia_Thomas_Joaz_UFPE_alterada_assinado_assinado.pdf	06/01/2025 16:43:30	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	UNIVERSIDADE_FEDERAL_DE_PERNAMBUCO_unifafire.doc	06/01/2025 16:42:26	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVA_DA_EMENDA.docx	06/01/2025 16:40:36	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Orçamento	orcamento_novo.docx	06/01/2025 16:40:14	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_arquivo.doc	06/01/2025 16:37:01	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVA.docx	25/12/2024 22:01:43	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	UNIVERSIDADE_FEDERAL_DE_PERNAMBUCO_CEP_01.doc	05/06/2024 23:15:50	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	ROTEIRO_grupo_focal.docx	05/06/2024 23:07:27	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.docx	05/06/2024 23:02:38	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia_Thomas_Joaz_UFPE_novo_modelo_assinado_assinado.pdf	05/06/2024 23:00:45	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	UNIVERSIDADE_FEDERAL_DE_PERNAMBUCO_CEP_OK.doc	28/05/2024 23:39:19	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	28/05/2024 15:14:16	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	28/05/2024 12:01:30	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito

**Endereço:** Av. Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
FRASSINETTI DO RECIFE -  
UNIFAFIRE**



Continuação do Parecer: 7.352.314

Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CON FIDENCIALIDADE_assinado_assinado. pdf	28/05/2024 11:52:35	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	Lattes_Thomas_Joaz_Goncalves_Cabra l.pdf	27/05/2024 17:17:29	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	Lattes_Maria_de_Fatima_de_Souza_Sa ntos_.pdf	27/05/2024 17:15:03	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	declaracao_ufpe.pdf	27/05/2024 17:11:40	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia_Thomas_Joaz_UF PE_pronta.pdf	27/05/2024 17:08:39	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_ppgpsi.pdf	27/05/2024 16:48:46	THOMAS JOAZ GONCALVES CABRAL	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 30 de Janeiro de 2025

**Assinado por:**

**Ana Maria Rabelo de Carvalho  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av, Conde da Boa Vista, 921 ,bloco A , 2º andar - corredor do auditório São José

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.060-002

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2122-3534

**Fax:** (81)99150-0775

**E-mail:** comitedeetica@fafire.br